

PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 14, Setembro/Octubro, 2005



Rodolfo Fernandes

“Meninas das covinhas” atraem romeiros

São José de Campestre

A Borborema potiguar

Ensaio fotográfico

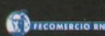
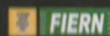
Parque das Dunas

ARIANO SUASSUNA

Em entrevista exclusiva, o escritor fala sobre teatro, literatura, política, influências literárias, Nelson Rodrigues e Hermilo Borba Filho

CULTURA DAQUI. CONSUMA SEM MODERAÇÃO.

O Rio Grande do Norte também produz cultura.
E produz cultura de qualidade, seja em teatro, música,
literatura ou outras áreas. Consuma a cultura daqui.
Sua alma vai sentir os benefícios.



FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120

Fone/fax: (84) 3232.5327/3232.5304

Governadora

Wilma Maria de Faria

Presidente

François Silvestre de Alencar

Diretor

José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

**PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE**

ISSN 1679-4176

ANO III Nº 14

SETEMBRO/OUTUBRO/2005

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE

BIMESTRAL

EDITOR

TÁCITO COSTA

tacitocosta@estadoa.com.br

EDITOR ASSISTENTE

GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO

gporpino@hotmail.com

ESTAGIÁRIOS

DAVID CLEMENTE E MICHELLI PESSOA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

LUCIO MASAACKI

infinitaimagem@infinitaimagem.com.br

(84)8805-1004

REVISOR

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

CAPA

FOTO: ANCHIETA XAVIER

asphotographer@gmail.com

A palavra da casa

François Silvestre

A casa de Ariano Suassuna não é apenas uma morada. É uma mistura de casa, castelo e museu. Tem o aconchego de moradia, o acervo de museu e a atmosfera de castelo. Do portão de entrada do jardim, olhando-se um pouco à esquerda, está a casa de Miguel Arraes. Rua bucólica em pleno Recife.

Fomos recebidos, Racine Santos e eu, pelo próprio Ariano e seu assessor e amigo, Alexandre. O mais importante escritor vivo da literatura brasileira recebeu-nos com fidalguia e simplicidade. Conversamos sobre tudo. Até sobre o nosso parentesco. O avô de Ariano, Alexandrino, natural do Martins, era irmão da minha bisavó. Bisinha e Alexandrino eram filhos de Raimundo Sales e Mariana Felícia, meus trisavós e bisavós de Ariano. Esse casal adotou o Suassuna como nome de família nos seus três filhos. Era o nome de um pequeno riacho, entre Riacho dos Cavalos e Catolé do Rocha. Significa veado negro.

Por sugestão de Racine, a quem Ariano dedica uma afeição que salta aos olhos, o escritor aceitou dar uma entrevista para a Revista Preá. Tácito fez o acerto de data com Alexandre e a entrevista foi realizada posteriormente por Gustavo e Racine. A Preá oferece aos seus leitores um pouco da vida e do pensamento deste homem múltiplo e vasto, cuja obra literária está entre as mais importantes e singulares da literatura de língua portuguesa. Sem dúvida nenhuma, um escritor universal. Um escritor da sua tribo.

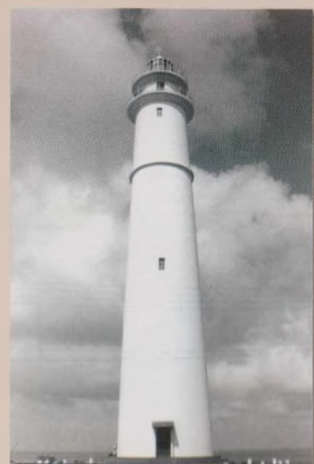
Ariano, além da genialidade, é transparente como o córrego de Riacho dos Cavalos. Não esconde seus afetos nem suas iras. Teatrólogo, jamais sobreviveria como ator. Ele não consegue representar, mesmo sendo criador de alguns dos personagens mais populares do teatro. Sem adjetivação, seja de gênero ou de gênero.

Há uma grande expectativa com o novo romance de Ariano, que parece ser uma continuação d'A Pedra do Reino. Ele nos disse que essa "espera" não lhe agrada, pois teme que o fruto não corresponda ao anseio. Tudo muito a ver com a modéstia, que nele nada tem de falsa.

*Ariano Suassuna,
nas páginas da Preá
é andamento perfeito
do auto que leva o jeito
da cultura popular.* 📖



Ensaio fotográfico desvela o Parque das Dunas, em Natal, visto pelas lentes de fotógrafos amadores e profissionais do Estado



O jornalista Ugo Leite assina fotos e texto sobre o Farol de Mãe Luiza, um dos monumentos históricos mais importantes de Natal

O arquiteto da Fundação José Augusto, Gilmar de Siqueira, fala sobre a reforma da Fortaleza dos Reis Magos. O Governo do Estado, através da FJA, investe R\$ 600 mil no projeto



e	Expediente / A palavra da casa	3
	Cartas	6
	Farol de Mãe Luiza	8
	Alex Nascimento - Devoção ao niilismo e sarcasmo	12
	Foco Potiguar - Do luto à luta	17
	Restauração da Fortaleza dos Reis Magos	18
	Estandarte encena "Uma coisa que não tem nome"	20
	Ensaio fotográfico - Parque das Dunas	22
	Eraldo Porciúncula - Um fotógrafo de alma verde e rosa	28
	O canto que encanta o Seridó	30
	Agenda / 13 por 1	32
	J. Medeiros - De uma eventual harmonia entre o curvo e o reto	34
	Sertão de espinho, de flor e de música	36



O professor José Albano da Silveira ressalta a importância das Casas de Cultura Popular para o Rio Grande do Norte

O espetáculo “Um Presente de Natal”, realizado anualmente em Natal e algumas cidades do interior, encanta quem assiste



Navegando contra o vento do tempo	40
Casas de Cultura - Um projeto que ultrapassa sectarismos	42
Um Presente de Natal	44
O bilhete	46
Sinforosa	50
Músicapoesia	52
Poesia Potiguar	53
Na terceira pessoa	57
Rodolfo Fernandes - ‘Meninas das covinhas’ atraem romeiros	58
Entrevista - Ariano Suassuna	67
São José de Campestre - A Borborema potiguar	76
Livros	88
PS	90

CARTAS

Sr. editor

Considero a idéia da revista brilhante. Tenho um projeto, chamado Novos Protagonistas, ainda muito no começo, para ser sincera, tentando traçar um orçamento, mas enfim, ele carrega na essência as idéias da Catequese Poética, de Bell, ou seja, levar a literatura às ruas! Sou escritora, e sendo que muito gostei da revista, gostaria de saber como participar. Desde já agradeço e parabenizo.

Nadja Voss
(Escritora)

Prezados editores

Recebi de presente, a revista Preá, cuja capa mostra um magnífico trabalho do talentoso e admirável Dorian Gray. Como resido em Teresina-PI, fica um pouco difícil, não impossível de recebê-la outra vez. Mesmo no Piauí, mantendo sempre contato com a cultura do RN. No momento, estamos expondo xilogravura, junto a grandes artistas potiguares na Fundação José Augusto. Parabenizo a iniciativa de deixar registrada e preservados a nossa cultura, os nossos costumes e credences.

Yolanda Carvalho
(Coordenadora de Área da Universidade Estadual do Piauí – Teresina-PI)

Senhores editores

Tive a oportunidade de conhecer a revista Preá através de uma colega e achei muito interessante. Ela só acrescenta aos nossos conhecimentos culturais. Vocês estão de parabéns.

Severino dos Ramos Beltsio
(Angicos-RN)

Tácito, querido

Obrigado por mais essa Preá com matérias e fotos interessantes. Quero apenas que transmita à Carmen Vasconcelos, o meu entusiasmo pelos poemas que ela publicou com vocês. A moça tem poesia na veia. É bater o olho e sentir logo.

Abraço fraterno,

Affonso Romano de Sant'Anna
(Poeta – Rio de Janeiro-RJ)

Senhor editor

Tive a oportunidade de conhecer a Preá através da minha amiga Ana Cecília. O conteúdo é ótimo e me chamou muito a atenção, pois aprecio bastante a cultura potiguar. Vocês que fazem a Preá estão de parabéns por serem pioneiros na divulgação desta cultura.

Gildete Alves dos Santos
(Santa Cruz-RN)

Senhor editor

Estou encantado com a Preá. Eu não a conhecia, mas numa oportunidade dessas, que ficamos ao redor do computador e da mesa de trabalho entre pastas e documentos encontrei esta revista. Trabalho na assessoria de comunicação da Prefeitura Municipal de São José de Mipibu. Foi lá que vi o brilho dessa maravilhosa jóia. Sou um apreciador da arte e da cultura, fui aluno de Vicente Vitoriano, na UFRN, e hoje trabalho diretamente com arte e cultura.

Tássio Guilherme da Silva Cruz
(São José de Mipibu-RN)

Caros editores

Pode ser desinformação de minha parte, mas só tomei conhecimento desta espetacular revista há pouco tempo. Por isso, gostaria de receber as edições anteriores para que assim possa ser mais um divulgador deste belo trabalho sobre a cultura potiguar. Sou graduando em história, faço parte do CERES, Campus de Caiçó. A Preá será mais uma forma de melhorar minha prática docente; conhecer melhor a cultura de outras cidades do Estado e, conseqüentemente, estar bem informado.

Francisco Onio de Lima
(Estudante – Lagoa Nova-RN)



Prezado Gustavo

Agradeço-lhe a remessa da *Preá* 12, que será magnífica, instigante e encantadora. Conteúdo e forma se mesclam numa simbiose perfeita. A cultura singular e original do Rio Grande do Norte, escancarada de forma culta e natural para todo o Brasil é algo fascinante no cenário multiforme deste imenso País. Causou-me impacto a sua bela reportagem "LAGOA DE VELHOS - A terra do poeta da liberdade". Meu grande amigo, poeta Paulo Nunes Batista havia me falado do lendário e talentoso Fabião das Queimadas. Só agora tive a resposta de muitas perguntas que se alojavam em meu peito. Confesso que fui lá lágrimas, comovido e sensibilizado por aqui. O motivo: meu pai (em memória) tinha o mesmo raro nome Fabião Silva Couto, e assim como o poeta, papai possuía suas raízes teluricamente rurais: nasceu e foi criado na extensa fazenda Quilombo, município de Unaí, no sertão das Minas Gerais, de Guimarães Rosa.

Grande abraço fraterno e até a próxima.

Eugênio Santana

(Jornalista e escritor - Membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas)

Caro Tácito

Em minha visita a Natal, para a III Semana do Teatro Nordestino, recebi o último número da revista *Preá*, tão bem editada por você e sua equipe. É publicação de alto nível que gostarei muito de continuar

recebendo. Aproveito para convidá-lo a visitar meu site, o www.antaprofana.com.br. Renovo minha admiração pela *Preá*, meus cumprimentos ao editor e equipe e meus agradecimentos.

Sebastião Milaré

(Crítico teatral - São Paulo-SP)

Senhor editor

Tomei conhecimento da revista *Preá* através da amiga, poeta e escritora Iracema Mendes Régis, que me emprestou a edição número 9 - dezembro de 2004. Achei a revista bem diagramada, artisticamente colorida, belas fotos, excelentes entrevistas com escritores, artistas plásticos, músicos; matérias interessantes sobre folclore e arte popular, além da inserção de belos contos de natal e inspiradas poesias. Gostaria de passar a recebê-la.

Hildebrando Pafundi

(Jornalista e escritor - Santo André-SP)

Ilmo editor

É com imenso prazer que venho através desta parabenizá-lo, a você e sua equipe, pelo ótimo trabalho que estão fazendo com a revista *Preá*. A mesma é rica em cultura, artigos e material literário. Suas matérias e ilustrações estão cada vez melhores. Sou funcionário da Biblioteca "Donatilla Dantas", em Carnaúba dos Dantas-RN, e a mesma recebe periodicamente a *Preá*. O motivo pelo qual estou lhe escrevendo, é

que eu, minha esposa e meu filho de oito anos, que estuda na 3ª série primária, somos leitores assíduos da revista e seria uma grande honra e satisfação, se possível, passarmos a tê-la em casa e a fazer parte dos contemplados com esta riqueza cultural.

Francisco Barrozo de Medeiros Júnior

(Funcionário Público - Carnaúba dos Dantas-RN)

Prezado editor

Somente agora, com a 12ª edição da *Preá*, tomei conhecimento do trabalho desenvolvido por vocês. Na revista, a cultura do RN ganha visibilidade. Muitas vezes tomamos conhecimento das manifestações culturais de outros lugares e regiões e esquecemos dos patrimônios artísticos do povo potiguar. Com a *Preá*, esta lacuna foi suprida. Como graduando em História pela UFRN, Campus de Caicó, gostaria de tecer alguns comentários sobre o papel educativo da *Preá*, pois ao ler a edição citada, tomei conhecimento de pesquisas desenvolvidas na área de história. Assim, parablenizo pela ótima seleção de artigos, dentre eles, citaria três que, como seridense, me chamaram maior atenção: sobre ferros de marcar gado, sobre o teatro de bonecos de Dadi e sobre Timbaúba dos Batistas. Estes artigos aguçaram a minha curiosidade em procurar me aprofundar nas pesquisas.

Diego Marinho de Góis

(Estudante de História - Jardim do Seridó-RN)



FAROL DE

Brilho eterno sobre a costa potiguar

Texto e fotos de Ugo Leite

São aproximadamente cinco e trinta da tarde. Toma conta do céu o crepúsculo – o dia se maquiando de noite. É o momento de subir os 150 degraus, que formam uma envolvente espiral, e acender a lâmpada multivapor metálica – de 220 volts – encoberta por uma lanterna composta por cinco lentes de cristal óptico com prisma, que decomporão os raios luminosos em uma série de cinco lampejos brancos, dentro de 25 segundos, com um intervalo de 12 segundos até a próxima série. Por pura coincidência o número da série de lampejos do Farol é o mesmo número de letras que compõem seu nome, que é o mesmo da cidade onde se encontra: Natal.

O Farol Natal é mais conhecido como Farol de Mãe Luíza, pois foi construído no bairro de mesmo nome, que é assim chamado porque lá vivia uma mulher, de nome Luíza, que era parteira daquelas dunas e atendia a todos com carinho e dedicação de mãe.

A construção do Farol teve início no dia 5 de março de 1949. Foi inaugurado em

15 de agosto de 1951 e deu a luz no crepúsculo vespertino daquele dia. Hoje, com 54 anos, tem acumulado quase 20 mil acendimentos, sem ter deixado de funcionar uma noite-madrugada sequer. Sua arquitetura consiste em uma torre troncônica de alvenaria branca. A pintura já foi mais charmosa, com losangos em branco e preto. Mas não foi possível saber a data em que a torre teve sua pintura original alterada. Nem o Serviço de Sinalização Náutica do Nordeste – da Marinha do Brasil – tinha conhecimento de uma outra pintura que não fosse a atual. Procurei o veterano fotógrafo Jaecy Galvão, que fez algumas fotos do Farol vestido de alvinegro, mas ele lamentou: “Meu filho, eu sou muito ruim de memória”. O dono daquelas belas imagens não conseguiu sequer lembrar a década de suas capturas.

O topo da torre está a 87 metros do nível do mar: 50 metros de morro e 37 de edificação. Seus lampejos têm um alcance de 39 milhas náuticas, o que equivale a pouco mais de 70 quilômetros.

A luz do Farol é alimentada pela energia elétrica. Outrora foi mantida pelo fogo do gás acetileno. Até a década de 90 do século passado, muitos faróis fun-

MÃE LUÍZA

cionavam com esse gás ou com querosene, principalmente os da região Norte do Brasil, pelas dificuldades de se levar energia elétrica até lá. Quando falta energia, a lâmpada de 220 é trocada por uma de 12 volts (que faz com que os lampejos percam o seu alcance em aproximadamente 30%) e é acionado o pêndulo, provocando a rotação do parafuso que sustenta a lanterna e mantém o funcionamento com o auxílio de uma bateria. Esse mecanismo tem autonomia de aproximadamente nove horas, tempo que o pêndulo leva para escorregar do topo ao pé da torre.

Do alto do Farol é possível ter visões e sensações privilegiadas. A imensidão do mar é melhor percebida. O céu parece mais próximo, palpável. E num panorama da Praia de Pirangi até Jenipabu, no meio do caminho entre litoral Norte e Sul, pertinho da boca da barra do velho Potengi, a Fortaleza dos Reis Magos incita uma reflexão de contraste: o Forte foi construído há mais de 400 anos para expulsar embarcações que tentavam se aproximar das terras potiguares. Aproximadamente 350 anos após, o Farol Natal foi construído para norrear os navegantes que pretendem uma estadia por aqui.



Completando os 360 graus, a visão de toda a Mãe Luíza e da sua fusão com o denso verde da Mata Atlântica, que encobre o resto da cidade. À noite, com os contornos obscurecidos, os lampejos passam rasgando o Parque das Dunas e se perdendo no céu, de um lado, e, do outro, se perdendo mar adentro para encontrar embarcações.

Depois de ligar e checar o funcionamento, o faroleiro se recolhe à sua casa, no pé do Farol, onde há uma pequena vila formada por quatro casas, em que moram três sargentos e um cabo, que se revezam

para cuidar do brilho eterno de um limite da costa potiguar. Se faltar energia, um alarme na casa do faroleiro de plantão lhe acordará para acionar o pêndulo.

São aproximadamente cinco horas da manhã. Soa um alarme, mas não é o da falta de energia. É o do relógio do faroleiro de plantão anunciando o momento do crepúsculo oposto. Após aproximadamente 12 horas de funcionamento, é hora do faroleiro descansar o Farol, subir novamente – e descer – aqueles 150 degraus e voltar para o seu descanso, sendo rendido pelo Sol, esse Farol-mor, ainda movido a gases, que também trabalhará aproximadamente 12 horas, até o próximo crepúsculo.

Farol encanta o poeta

O cronista e poeta Sanderson Negreiros fez uma reportagem, em 1971, para o Diário de Natal, sobre a solidão do faroleiro, com a poeticidade de um dos melhores textos do Rio Grande do Norte. Essa reportagem, que inibe qualquer um que queira escrever sobre um farol, pode ser encontrada em seu livro “Na Direção do Relâmpago”. Registro de uma época em que o acesso ao Farol era difícil. Hoje, ele está no meio da cidade e alguns arranha-céus já encobrem a imponência de sua torre. De alguns trechos da Praia dos Arristas nem é mais possível visualizá-lo. Tempo bom aquele do farol descrito por Sanderson.



Entre as sete maravilhas do mundo

Um farol está entre As Sete Maravilhas do Mundo. É o Farol de Alexandria, no Egito, que foi idealizado por Alexandre e construído na era ptolomaica, há quase 2.300 anos, se tornando, à época, a segunda mais alta construção do mundo, perdendo apenas para a Grande Pirâmide. O Farol – de mármore – foi erguido sobre a ilha de Pharos. A ligação do nome com a função foi tão forte que a palavra Pharos, nas línguas latinas, pegou significado próprio: farol. Segundo alguns registros históricos, o de Alexandria tinha aproximadamente 135 metros de altura e sua iluminação era feita através de lenha. Dentro dele havia uma rampa em espiral que permitia que cavalos levassem o combustível.

Mesmo tendo sido construído há quase 2.300 anos, o Farol de Alexandria, com seus, aproximadamente, 135 metros de altura, nunca perdeu o posto de mais alto do mundo de todos os tempos. Claro que, hoje, isso só vale como registro histórico, pois ele já não está mais de pé. O mais alto farol em atividade fica no Japão e tem 106 metros. O Rio Grande do Norte guarda o segundo maior farol do mundo: é o Farol do Calcanhar, que fica em Touros e tem 62 metros. ■



ALEX NASCIMENTO



Por Gustavo Porpino

Fotos: Areta Luna

Alex Roberto Rodrigues do Nascimento, 57 anos, fez Engenharia Civil por falta de opção e, anos depois, começou a compartilhar com o mundo seu talento de arquiteto das palavras. Alex não escreve, brinca. As palavras, bem tratadas, são arquitetadas com a facilidade que os engenheiros destrincham cálculos e equações. O envolvimento com os números, nos tempos de estudante de engenharia, ajudou o escritor a unir criatividade e lógica no jogo que faz com as palavras. Para tudo, Alex encontra uma resposta. Quase sempre, ríspida e sarcástica. Como o mundo.

O próximo livro de Alex, ainda sem título, mas prestes a ganhar o ponto final, ganha as ruas até o final do ano. “O verbo acabar é maravilhoso. Já está nos pênaltis. Meu tema é um: o ser humano na sua capacidade incrível de ser canalha com a vontade imensa de fingir bondade”.

O domínio da palavra foi alcançado com a ajuda da matemática. “Os números ajudam a escrever. Quando você está escrevendo e precisa de um raciocínio que conduza alguma coisa, nem que seja um sofisma, a lógica matemática pode ser utilizada para facilitar a mexer com as

Devoção ao niilismo e sarcasmo

letras". Apesar de tanta habilidade para unir palavras e criar frases ou poemas satíricos, Alex não quer ser conhecido como poeta. Acha que todos que escrevem "a bosta de um poema uma vez na vida" terminam recebendo este nome a vida inteira.

Alex entrou no curso de Engenharia Civil da UFRN em 1966. Não tinha muita escolha. Segundo conta, recorrendo sempre à irreverência para descrever as passagens de sua vida, os estudantes da época tinham que escolher entre as carreiras em medicina, engenharia, odontologia ou advocacia. "Ou então iam ser padre ou trabalhar no Banco do Brasil". Alex também não gosta de ser chamado de engenheiro. "Se eu fosse engenheiro civil estaria provavelmente em Brasília, dando declarações à CPI".

O escritor não se importa com quem o chama de louco. Desde o primeiro livro lançado, o romance "Recomendações a todos", de 1981, Alex desferiu frases e poemas contra a humanidade e suas injustiças. Também nos anos 80 publicou crônicas no jornal Dois Pontos e na Gazeta de Itabira, jornal mineiro da terra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Para não perder o hábito do sarcasmo, Alex diz que "Drummond, por indelicadeza, nunca escreveu para um jornal de Natal".

Do contra

"Cansei da humanidade" é uma frase recorrente de Alex desde os 11 anos, idade em que diz ter descoberto que tudo girava em torno do dinheiro e dos preconceitos humanos. "Comecei a ver o mundo do jeito que ele era". A transformação, ocorrida no final da infância, foi motivada por uma grande amizade surgida nos tempos de colégio. Alex conheceu José Yório de Moura, um negro com quem estudou no Marista de Natal. Brincavam juntos. Eram quase irmãos. "O senso de humor, a loucura de um, era exatamente igual a do outro. A gente virou quase aquela garrafa de uísque Black and White".

Naquele tempo, Alex não sabia o que era racismo, mas começou "a notar que existia um certo ranço nas pessoas". Passou a entender o porquê e mudou, para sempre, o jeito de ver o mundo. Estava aberta a janela para o real. Ele não tem notícias do amigo-irmão desde 1970, mas nunca o esqueceu. O poema "Alvinegro pendão", publicado no livro "Almas de Rapina" (2001), é uma homenagem ao colega de infância.

Desde então, as críticas sociais estão presentes em todos os escritos de Alex Nascimento. "Eu escrevo contra. Você acha que a humanidade tem alguma coisa a favor para a gente escrever?", questiona.

"Sempre fui humanitário. Tenho nojo do capitalismo pela capacidade de ter transformado o mundo nesta palhaçada, além de destruir o próprio mundo, mas tudo isto foi feito pelo ser humano". Mas Alex não pode ser taxado de anti-social. Pelo contrário, tem uma profunda admiração pelo ser humano simples, comum, um Silva qualquer das esquinas e das calçadas natalenses. É bem mais fácil encontrá-lo conversando com o vigia noturno da esquina ou trocando idéias com um vendedor de pipoca do que discutindo a crise política em mesas de restaurantes. Alex foge da "sociedade que está em cima do palco" com a mesma ânsia que busca o convívio com os poucos amigos.

O escritor de frases cortantes e inteligentes foge da alta sociedade e suas artificialidades. Observador atento, vê que a mediocridade, os pensamentos mesquinhos e a vaidade exagerada estão por todo canto. Quando sai de casa, quase sempre nas madrugadas, prefere encontrar os poucos amigos nos bares fora da moda. "A humanidade está progressivamente chegando ao estágio que ela merece", dispara.

O noticiário político, as fofocas, o disse-me-disse das rodas sociais só conseguem arrancar palavrões da boca do escritor. Não compra jornais ou revistas desde 1991. Não assiste ao Jornal Nacional, mas abre uma exceção para o Bom-Dia

ALEX NASCIMENTO

Brasil, pouco antes de ir dormir. “Ligo na Globo, sem som, só para ver o sorriso das apresentadoras e ir dormir com aquela imagem”. Mas Alex está sempre bem informado de tudo que se passa fora do seu apartamento. Tem informantes qualificados. Sabe mais do que sai no jornal. “Tem sempre um louco que me liga, que me encontra numa fila de banco...”

Notívago inveterado

Prefere a noite por acreditar que “o nascer do sol é a pior invenção da natureza”. Toma cerveja, uísque e desconfia dos bebedores de vinho. Alex nunca bebe em casa, nem com tanta frequência. “Tomo porres quinzenais ou mensais. O lugar gostoso de Natal é o Bella Napoli, hospício aberto até o sol nascer”.

Segundo conta, não há mais lugares como os antigos cabarés da Ribeira, diversão do seu tempo de adolescente. “Os puteiros foram todos substituídos pelo jet set”. Mas Alex ainda encontra lugares para quem quer tomar um uísque bem acompanhado sem correr o risco de ganhar comentários em colunas sociais. O Bella Napoli, restaurante tradicional frequentado pela velha guarda, em Natal, é um deles. Os demais Alex não frequenta com assiduidade, e muitas vezes, prefere só passear de carro e bater papo.

Para Alex, o prazer e a razão de viver estão nas conversas de mesa de bar e nas quadras de futsal. “Eu sou jogador de futebol até o fim da vida”. O arquiteto das palavras jogou bola até os 45 anos, mas não chegou a ser profissional. As partidas pelo time de veteranos do ABC Futebol Clube ele relembra todos os dias quando encosta a cabeça no travesseiro. Os dribles, os passes bem-feitos e os golos nunca saem da lembrança. “Baíto (ex-jogador de futsal), maravilhoso, me deu os melhores passes”.

O eterno jogador de futebol, pai de quatro filhos, cada um de uma mulher diferente, faz uma revelação curiosa ao comentar a sintonia perfeita da dupla Baíto e Alex nas quadras de futebol de salão. “Prefiro muito mais receber um passe de Baíto e marcar um gol do que passar uma noite com Sharon Stone”. A justificativa, segundo o escritor de frases irreverentes, é simples. “O gol você não esquece nunca; a transa, por melhor que seja, depois de alguns anos, a gente não lembra mais os detalhes”.

Mas se engana quem pensa que Alex é fanático por futebol. “Tenho abuso de futebol. Já cansei de ver a Nike jogando contra a Adidas... idiotas, vestidos de manequim, comandados por algum Luxemburgo de plantão”. Saudosista, prefere guardar na lembrança os lances do “carrossel holandês” de 74. “Conti-

nuo torcendo pela seleção da Holanda, já roubaram vários títulos dela”.

Alex Nascimento não mede palavras quando perguntado se continua abecedista como nos tempos de Alberi, ídolo do clube nos anos 70. O alvinegro potiguar e o Botafogo do Rio já não causam a emoção de outrora. “O ABC era o meu xodó, mas os caras já estão no XYZ, não tem mais... Já vi quem merecia. Jorginho, Alberi, Pancinha, Hélcio Jacaré...”, diz, enquanto puxa na memória os nomes dos craques do passado.

Mas, enfim, como Alex Nascimento gostaria de ser lembrado? Sem meias palavras, e recorrendo a uma gíria tipicamente natalense, o poeta-engenheiro-jogador desfere mais uma de suas frases contundentes. “Eu me considero um galado!”.

Jaguar e Henfil

Alex teve o prazer de compartilhar da amizade do cartunista Henfil, falecido em 1988, e que morou em Natal entre 1976 e 1978, por sugestão do jornalista João Saldanha. Antes mesmo de Henfil vir morar em Natal, Alex esteve com ele no Rio de Janeiro para entregar um cartão-postal em que aparecia a casa onde o cartunista iria morar na Ponta do Morcego. “Passei aquele ano de castigo no Rio”, lembra.

Henfil não chegou a ser companheiro de mesa de bar, mas conquistou a amizade

Devoção ao niilismo e sarcasmo

de Alex pelo senso de humor e ótimo papo. "Era um sujeito muito agradável". Alguns anos depois, já na década de 80, quando Henfil já havia deixado Natal, voltaria a compartilhar o humor de Henfil nas páginas do Pasquim.

O convívio com o cartunista Jaguar foi mais ao seu estilo. Nas vezes em que esteve em Natal, dividiam a mesa, bebiam e curtiam a noite. "As novas anedotas do Pasquim", publicação de 1988, foram escritas por Alex e ilustradas por Jaguar. A dedicatória, feita pelo cartunista a Alex, ele não gosta de mostrar a ninguém. Jaguar, tão irônico quanto Alex, chama o amigo de "o tesão de Natal". Alex se apressa em explicar a intimidade. "Tenho quatro filhos de mulheres diferentes, aí Jaguar achava que eu podia comer todo mundo... Não sou imbecil para assaltar o mesmo banco quatro vezes".

A vida no Michelli

A rua São João, seu recanto em Natal, paralela ao Baobá da rua São José, pode não ter nenhuma esquina como a cantada por Caetano em Sampa, mas tem a irreverência de Alex. E não é pouco. O ermitão urbano e notívago incurável, curte cada minuto da noite em seu edifício Michelli, nome de música dos Beatles, para pensar, cultivar palavras e soltar a imaginação em folhas de papel.

Não gosta de atender telefone e não usa celular.

A obrigação de pagar as contas o faz sair de casa vez por outra. Alex não tem computador e prefere viver longe do mundo virtual da Internet. Quando precisa da informática, recorre aos amigos. Vendeu os antigos discos de vinil depois de passar todas as músicas para o formato MP3. Acha mais prático. Deita na cama de casal, em frente a uma TV de 38 polegadas e entre duas caixas de som, e comanda o som com o controle remoto.

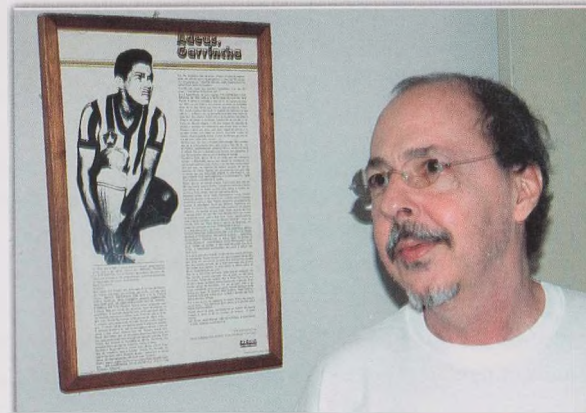
Quando quer escrever, vai para a sala. Usa lápis e papel. Encostou também a máquina de escrever, mas às vezes recorre a serviços de datilografia. "No quarto eu vivo, aqui, eu morro...", diz, sentado no sofá da sala.

A sala tem um amplo sofá, confortável o suficiente para um casal deitar, em frente à mesa utilizada para escrever e consultar dicionários. Os dicionários, uma de suas manias, ocupam três prateleiras da estante ao lado da mesa da sala. Tem os mais tradicionais e outros nem tão clássicos assim. O "dicionário da Xuxa" também está lá, em três volumes, dividindo espaço com o Houaiss, Aurélio, Oxford, Delta Universal, Webster, Michaelis, entre vários

outros mais específicos. "Também fui criança um dia", diz.

O quarto é o seu universo. Para o filho Ugo, não há nenhum outro lugar que melhor simbolize o mundo do pai do que o quarto. De fato, já na porta de entrada, há um cartão colado na porta com uma frase de Nietzsche que diz muito sobre Alex Nascimento. "Sem música a vida seria um erro". Do lado de dentro, a homenagem ao ídolo Garrincha, numa moldura com uma foto e crônica de despedida.

A paixão pela música pode ser vista em todos os recantos do apartamento. A sala tem fotos em preto e branco de Ella Fitzgerald, a diva do jazz, Duke Ellington, outra lenda do jazz, e Louis Armstrong, considerado o músico mais influente da história do jazz. O canadense Oscar Peterson merece duas fotos e uma caricatura na parede da sala. Todos são negros. Assim como o amigo de infância Yório



ALEX NASCIMENTO

e o habilidoso Baíto, parceiro das quadras de futsal. “Os negros estão sempre do meu lado”.

Alex não troca uma boa música por um bom livro. Não chega a ter aversão à literatura, mas não sente atração nenhuma em ler. Pouquíssimos livros podem ser vistos na sua estante. Possivelmente, algum presente de um amigo não tão chegado ou escrito por ele mesmo. “Já que não jogo mais as peladas, me divirto escutando músicas e conversando com jornalistas para ver até onde vai a capacidade de mentira do ser humano”, diz, soltando um sorriso de canto de boca.

O pai de Alex, Bráulio Nascimento, tocava violão e “só pensava em música”. Bráulio também está na parede da sala, retratado com um violão, na parede oposta aos ícones do jazz. O Jazz é uma grande paixão. A música clássica e o rock do Pink Floyd também são sons agradáveis aos exigentes ouvidos do escritor, que não suporta as músicas impostas pela indústria cultural.

“Os olhos de Chico Buarque foram trocados pela bunda de Sheyla Carvalho. Foi quando a música mudou de dono e de qualificação”. Para Alex, admirador das formas femininas, enquanto existir juventude, Sheyla leva uma grande vantagem sobre Chico. “Mas daqui a 30 anos, ninguém vai querer comer. As mú-

sicas de Chico, enquanto existir a humanidade, serão consumidas”.


Papos lunáticos

Alex não gosta de sair de casa, mas já conheceu tudo que gostaria de ver no mundo. Em 1970, ano em que concluía o curso de engenharia, ganhou uma bolsa de dois meses para acompanhar alguns seminários na Universidade da Califórnia (UCLA). Não parece ter estudado tanto. Aos 23 anos, queria mesmo era curtir a vida e jogar futebol.

Teve chance de jogar no time de futebol da UCLA, mas o fato de não ser oficialmente estudante da universidade impedia. Mas jogou. “Os caras me arranjaram uma carteira com nome de um portorriquenho, acho que era Diaz”. Adorava os bares e a noite de São Francisco. “Eu conheci nos Estados Unidos o que devia mesmo conhecer. Todos os bons bares, botecos e bodegas de São Francisco”. Mesmo assim, não se conteve, e foi conhecer outros lugares. Passou por Los Angeles, Nova Iorque, Washington e Miami.

Alex recorda que, durante a visita a Washington, esteve no Departamento de Estado, um órgão do governo que até hoje ele não sabe dizer para que serve. Mas foi lá, que teve a oportunidade de conhecer o astronauta Michael Collins, comandante do Apollo 11 na chegada

do homem à lua. Os estudantes conversaram com Collins e tomaram sorvete juntos. Alex não pediu autógrafo, mas até hoje guarda a colher utilizada pelo astronauta para tomar o sorvete. “Peguei a colher e botei no bolso, e como era de prata, não pedi autógrafo”.

As viagens pelo mundo não pararam na vida adulta. Esteve na América Central e na Europa algumas vezes. Alex não demora a explicar o porquê de gostar de viagens. “O gostoso de qualquer viagem é ser um sujeito anônimo e se misturar com o povo da cidade”, conta. E Alex é assim. Anônimo. Do povo. 

Obras de Alex Nascimento

“Recomendações a todos” (1981 - romance)

“Ritos de passagem de nossa infância e adolescência” (1985 – diversos autores)

“As novas anedotas do Pasquim” (1988 - coletânea de humor)

“Quarta-feira de um país de cinzas” (1984 - romance)

“Alma minha gentil” (1992 – sonetos)

“A última estação” (1998 – crônicas, poemas e aforismos)

“Almas de rapina” (2001 - poesia)

FOCO POTI GUAR



Do Luto à Luta

Marcos A. Felipe (<http://7arte.zip.net/>)

Destaque em inúmeros festivais de cinema no Brasil, “Do Luto a Luta” (2004), de Evaldo Mocarzel, é um dos principais representantes do documentário contemporâneo brasileiro, ao lado de “Notícias de Uma Guerra Particular” (1999), de João Moreira Salles, e “A Alma do Osso” (2004), de Cao Guimarães. A partir da história de diversas famílias, Mocarzel problematiza as questões vinculadas aos portadores de Síndrome de Down, focando sua câmera principalmente nas instituições familiares e médicas – instâncias públicas diretamente envolvidas na questão das pessoas com necessidades especiais.

No cinema de Evaldo Mocarzel a família e os aspectos médicos são constantemente problematizados. Em “A Margem da Imagem” (2002), por exemplo, a instituição familiar entra em crise quando o documentário debate a condição de adultos órfãos que vivem nas ruas da grande São Paulo. Em “Mensageiras da Luz” (2003), Mocarzel retorna às origens da família, talvez para entender o princípio de tudo e o afeto que envolve o surgimento do filho. A partir de entrevistas, produz um painel das parteiras que, a margem do sistema médico, são responsáveis pelo nascimento de inúmeras crianças na Amazônia.

Em “Do Luto à Luta”, através do dispositivo da entrevista, os pais expõem a culpa por rejeitarem seus filhos com Síndrome de Down. Se, inicialmente, o depoimento paterno já estremece nosso sentimento de proteção, a problemática cresce em debate quando a recusa afetiva surge da Mãe, de onde vemos nascer “o filho” em “Mensageiras da Luz”. Portanto, compreender as questões debatidas por Mocarzel é compreendê-las a partir de uma linha que, em sua obra, vincula a imagem (a câmera direta na cena do parto em “Mensageiras...”) à palavra (as entrevistas, em todos os seus filmes).

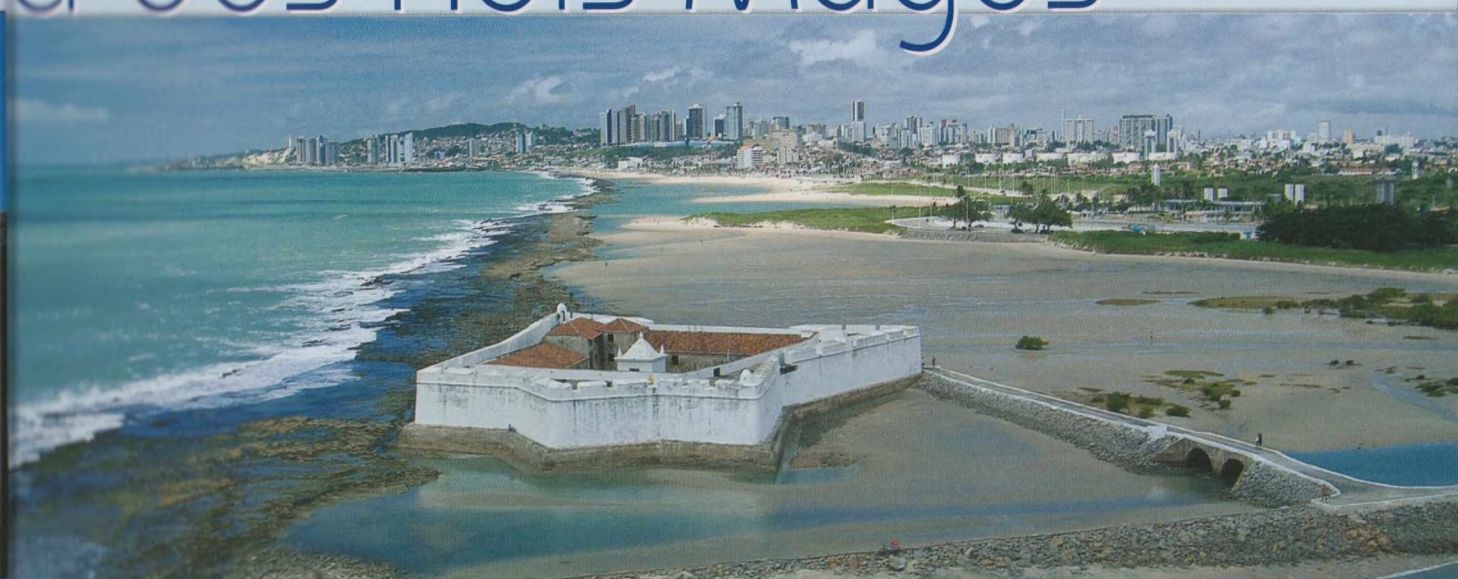
Assim, Mocarzel constrói o seu cinema, mas, em “Do Luto à Luta”, a “entrevista” não mais domina o dispositivo como antes, de modo que fica impossível obter a informação da cena apenas a partir do “áudio” como nos documentários fundados no “entrevistismo”. Dessa vez,

o quadro compõe-se do “fato” ao qual a palavra se refere, ou seja, dos portadores de Síndrome de Down ao lado dos seus pais – que expõem a culpa, a rejeição e a recusa do afeto. Se, aparentemente, temos a impressão da abordagem do “outro como objeto”; ao final, essa impressão se dissipa para nos mostrar justamente o contrário.

Se “n’A Margem da Imagem” e em “Mensageiras da Luz”, respectivamente, esses aspectos aparecem enquanto processo e objeto; em “Do Luto à Luta” a câmera é entregue aos personagens que, em mais de uma seqüência, assumem o lugar da direção, a criação de cenas e a problematização do filme. Assim, se “o outro” (tido como inválido pelas instituições médicas), inicialmente, encontra-se como “fato”, os segmentos metacinematográficos promovem a passagem dos portadores de necessidades especiais da condição de “objeto” a “sujeito” do documentário.

Como a abordagem privilegia as potencialidades dos portadores de necessidades especiais, o que vemos então é um cinema que apresenta “o outro” como igual. Portanto, entram em xeque a recusa do afeto familiar e os prognósticos da classe médica que, em muitos casos, não sabem como lidar com o diferente. Se por um lado essa abordagem gera conclusões fundamentais sobre a Síndrome de Down, no entanto não trabalha também uma abordagem que problematize as mesmas questões que são vividas pelas camadas populares, a qual não pertencem o diretor e os personagens do seu documentário. ■

Restauração da Fortaleza dos Reis Magos



Gilmar de Siqueira Costa

(Arquiteto, especialista em restauração e conservação, mestrando em Arquitetura na UFRN)

Fotos: Giovanni Sérgio

Para o ensaísta e poeta mexicano, Octavio Paz, 'uma sociedade define-se não só por sua atitude diante do futuro como frente ao passado: suas lembranças não são menos reveladoras que seus projetos'. Inspirado no entorno semântico dessa assertiva, é que recentemente empreendi realizar o projeto de restauração da antiga Fortaleza dos Reis Magos. Tarefa efetuada com enorme satisfação e honra, pois tentei riscar no papel uma espécie de definição do ato de se preservar nosso Patrimônio Histórico e Cultural, ou seja, como concebo um projeto de lidar a longo prazo com nossas mais caras reminiscências. Chantado na foz do Rio Potengi, o Forte dá-se em contemplação,

evocando o nosso passado e nos conduzindo, com seu estoicismo de pedra, a um porvir que terá o âmbito que dermos no presente. Eis o nosso desafio face a um mundo no qual o descartável impera com fúria.

Em forma de estrela, a Fortaleza dos Reis Magos, se apresenta para o deleite dos olhos dos seus admiradores, que a contemplam. Sua construção é datada de 6 de janeiro de 1598, onde foi iniciada sua aventura pela nossa História.

A Fortaleza, detentora de uma arquitetura militar das mais importantes, majestosas e bem erigidas construções do litoral brasileiro, segue uma tradição encontrada nos muitos continentes colonizados pelos portugueses. Representa um marco para nossa história; sendo símbolo de conquistas, foi baliza da colonização e referencial de apoio para a conquista das terras do Rio Grande, sendo também de fundamental importância na expulsão dos franceses, que, à época, folgavam

com a índia do outro lado do rio, conhecida como Aldeia Velha.

A cidade do Natal originou-se a partir da construção da Fortaleza, servindo de referência e apoio ao núcleo inicial da comunidade. O Pe. Gaspar de Samperes foi o arquiteto-construtor que concebeu o traçado das plantas da magnífica Fortaleza. Preliminarmente edificada com materiais mais susceptíveis, devido a urgência, a técnica construtiva empregada foi a taipa estacada e areia solta entulhada. Posteriormente, outros traçados foram elaborados, porém, o mais importante deles foi o do engenheiro-mor do Brasil, Francisco Frias de Mesquita, que transformou sua estrutura, com materiais mais resistentes à base de pedra e cal, porém, seguindo fielmente o traçado que originou a planta celular inicial. Não obstante toda bravura e resistência, os portugueses não foram capazes de conter o exército holandês, que em 1633 tomou o Forte dos Três Reis Magos, o

qual, em honra do seu comandante passou a chamar-se Forte Keulen.

No Brasil, caminhamos e absorvemos em doses homeopáticas a responsabilidade e a consciência com relação à necessidade de preservar nosso Patrimônio Histórico e nossos bens culturais. Parece até um paradoxo: o dia 17 de agosto é considerado o dia do Patrimônio Histórico, e aí perguntamos: será que temos algo a comemorar? Entretanto, nos últimos tempos, pensamos que a sociedade vem despertando para o resguardo de elementos e registros fundamentais que integram nossa memória coletiva. Os órgãos responsáveis pelo Tombamento e Preservação dos Bens Culturais atuam nessa frente de batalha. No Rio Grande do Norte, a Fundação José Augusto é a instituição responsável pelas questões que dizem respeito à proteção e preservação do patrimônio edificado do Estado, como, de mesmo modo, detentora do fomento à cultura. Diante dessa concepção, em

15 de janeiro de 1949 a Fortaleza foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e integrada ao Patrimônio Cultural da Fundação José Augusto por Decreto Governamental de 20 de setembro de 1965.

A intervenção restaurativa, que concebi para a Fortaleza, contempla um tratamento de grande parte da alvenaria de que é formada a matéria da edificação, visto que a mesma necessita de um tratamento específico. A proposta não se restringe ao monumento isolado, contempla também seu entorno, com a ampliação do estacionamento, um agenciamento paisagístico e a colocação de alguns quiosques, no mesmo padrão dos já implantados pela prefeitura, visando organizar a venda de souvenirs existentes no local. A iluminação, tanto da passarela quanto da parte externa da Fortaleza, foi do mesmo modo planejada. Até o mobiliário da antiga edificação sofrerá uma intervenção restaurativa.

Todas as pessoas devem ter acesso ao antigo Castelo Keulen, denominação dada ao Forte dos Reis Magos durante 21 anos da invasão holandesa. Sendo assim, os portadores de necessidades especiais foram beneficiados com a eliminação de algumas barreiras arquitetônicas e com uma sala para projeção de vídeos explicativos. É fundamental salientar que a integridade do monumento não foi maculada. Essas adaptações propiciarão maior comodidade não só aos portadores de necessidades especiais, mas também aos idosos e gestantes um maior conforto ao vislumbrar os ambientes e salas da fortificação.

Esse projeto tem como objetivo salvaguardar nosso símbolo maior, legado por nossos antepassados, onde heróis como Pe. Gaspar de Samperes, Maurício de Nassau, o pintor Franz Post, Felipe Camarão, o índio Jaguarari e André de Albuquerque Maranhão, escreveram as páginas iniciais de nossa história. ■

Estandarte encena "Uma coisa que não tem nome"

Por David Clemente

Fotos: Uliana Fechine

Ir até o teatro, comprar a entrada, sentar-se para aguardar o espetáculo e em pouco tempo saber que não vai vê-lo. Isso mesmo, não ver o espetáculo. Seria irritante? Intrigante? Seria curioso? Indescritível! Provavelmente por isso mesmo, o Grupo Estandarte de Teatro resolveu batizar sua derradeira produção de "Uma coisa que não tem nome".

A peça que teve inspiração no romance "Ensaio Sobre a Cegueira", escrito por José Saramago, ganhou vida pela primeira vez no palco do Centro Cultural Casa da Ribeira, onde esteve em cartaz. Aliás, não só no palco, como em outros cômodos da Casa também.

Quem não assistiu à peça e ainda está confuso para entender este texto, despreocupe-se. Não é fácil imaginar "uma coisa que não tem nome". Sobretudo se levado em conta que nenhum dos espectadores assistiu à apresentação. Todos sentiram o enredo com os outros quatro sentidos que lhes restaram: tato, olfato, paladar e audição.

Antes das portas da sala de espetáculos serem abertas, os atores se desejam "merda". Os gritos são pronunciados com o acompanhamento do punho cerrado num gesto bravo. O que seria um xingamento para muitos, para os atores são desejos de boa sorte. É chegada a hora e o público logo recebe a informação de que "o diretor mandou que entrassem". Com todos acomodados, é possível pensar que a bilheteria foi um fiasco. Engano. Para garantir a segurança do espetáculo, somente 50% dos lugares são vendidos. A

mesma atriz que recepcionou o público explica calmamente que permanecer naquela sala será como assinar um termo de concordância entre os atores e espectadores e que as informações que começarem com "o diretor mandou" terão que ser rigorosamente obedecidas.

Enfim, a peça se inicia. Um alto falante anuncia que há uma epidemia de cegueira se espalhando e que todos naquele ambiente estão infectados. É então que todos os atores e espectadores são cegos (logicamente não de verdade, mas "o diretor mandou que não fosse explicado como"). Agora todos os cegos terão que conviver sem boas condições de higiene e com uma péssima pressão psicológica em busca de um culpado por tudo aquilo. Durante as discussões da peça, atores e público têm que se mover pelos ambientes sem a opção da visão.

Estrategicamente o Grupo Estandarte distribuiu pelas salas onde a peça ocorre situações que agucem os demais sentidos do corpo humano. Assim o público passa pela frente de luzes quentes, condicionadores que sopram gelado, tateiam uns aos outros para conseguirem andar em filas, sentem cheiro de fumaça, provam pão dormido e escutam tudo que essa situação propõe. Sensações que seriam pouco percebidas se a visão estivesse atuada.

Segundo o diretor do espetáculo Lenilton Teixeira, a peça é filhote de uma pesquisa em torno de fotografias feitas por deficientes visuais, oferecida em parceria com o psicólogo Jefferson Fernandes aos alunos do Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos (IERC) de Natal. Com seu projeto, eles buscavam o resultado de como ampliar a possibilidade de quem é desprovido de visão conseguir produ-

zir fotografia. "Ir à feira, sentir cheiros, tocar, fotografar e depois ligar o nome à impressão do cheiro", diz Jefferson explicando como é possível a fotografia a partir de quem não vê. Eles também têm um projeto para criar um grupo de teatro no IERC porque acreditam que os alunos especiais têm olhar peculiar para serem agentes ativos numa peça teatral.

Para produzir "Uma coisa que não tem nome" o Grupo Estandarte de Teatro levou exatos três meses, divididos entre as leituras e releituras do Ensaio Sobre a Cegueira, escrituras e reescrituras do texto da peça, além de ensaios, improvisações e do auxílio de quem entende mais que eles: os cegos do IERC. Seus parceiros tiveram participação fundamental para ensinar aos atores como conduzir as pessoas do público que também estariam cegas e quais os perigos apresentados pela estrutura física da Casa para quem não enxerga com os olhos. "O espetáculo é totalmente sensorial. Você vê por todos os poros porque não vê pelos olhos. Não vê, mas sente", descreve Lenilton.

Ao final do espetáculo, todos os espectadores apresentam semblante sério. Alguns tocam os braços como se quisessem acalmar os pelos arrepiados pelo que passaram. Outros observam tudo em sua volta como se tivessem acabado de ganhar a visão mais uma vez. Mas entre todos, um dos participantes da plateia era especial. Adorador de teatro e cinema,

ele perdeu a visão aos dois anos de idade e usa próteses no lugar dos globos oculares, seu nome é Fernando Paiva Campos, 12 anos. Adentrou o teatro segurando uma bengala em uma das mãos e sua prima Renata Melo na outra. Renata sempre o ajudava descrevendo cenas do cinema que ele não conseguia entender, dessa vez foi o inverso, Fernando soltou a bengala antes mesmo do espetáculo começar e ainda ajudou sua prima a se locomover. Para ele essa peça não foi tão complicada de se entender. Seu pai foi separado dele propositalmente e – antes de cegar – observou que sua desenvoltura para locomoção era superior à dos demais espectadores. Apenas em uma das cenas Fernando agiu como se estivesse no cinema e pediu a sua prima que descrevesse o que se passava (uma cena em que "o diretor mandava que todos tirassem os óculos").

O grupo

O Grupo Estandarte iniciou sua carreira em 1986, com oito membros. Um ano depois, estreou com o espetáculo "A Greve". Na época da estréia o jornal Tribuna do Norte publicou que "surgiu da inquietação de algumas pessoas que queriam fazer teatro, comprometidas com as camadas populares". Desde sua concepção, o grupo já produziu sete montagens de espetáculos, além de participar do

"Poesia Circular", quando passaram seis meses recitando poemas em ônibus da Cidade do Natal. O atual diretor Lenilton está no grupo desde o comecinho, o cargo de diretor ele experimenta há três anos, mas esclarece que "os problemas e soluções são discutidos em grupo para que o desejo de uns sejam aceitos pelos demais. Da bilheteria à produção, tudo é discutido". Antes de Lenilton, já estiveram à frente do Grupo, Carlos Nereu, Vera Rocha e João Marcelino.

Os atores, que inauguraram o palco da Casa da Ribeira com a peça Bocas de Lobo, não se dizem melhores que os outros grupos locais porque consideram que todos têm propostas diferentes. O Estandarte já se apresentou na rua e no palco e acha ótima essa variação. Em "Uma coisa que não tem nome" eles voltaram ao teatro, mas ultrapassam os limites do palco. "As apresentações na rua têm mais público porque junta gente, inevitavelmente. Quando estamos em um campo aberto, os transeuntes vêem", explica Lenilton.

Cada nova montagem quase era a última. Atores saíram, outros passaram a fazer parte. Mas o amor pela arte os manteve persistentes. A alegria de estarem juntos é evidente nas brincadeiras dos ensaios, durante a maquiagem, entre os desejos de "merda". São quase 20 anos de teatro potiguar na ativa. Com aplausos até de olhos fechados. ■



PARQUE DAS DUNAS

Ensaio



Foto: Giovanni Sérgio

Em dezembro próximo será lançado pelo IDEMA – Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do RN (<http://www.rn.gov.br/secretarias/idema/>), órgão do Governo do Estado, com patrocínio da Petrobras, o livro “Parque das Dunas”, com fotos sobre o “Parque Estadual Dunas de Natal Luiz Maria Alves”, feitas por fotógrafos profissionais e amadores do Estado. Organizado por Marcos Sá, o livro mostra parte das exuberantes flora e fauna existentes nos 1.172 hectares de mata nativa do parque, que integra a Reserva de Biosfera da Mata Atlântica. Criado em 1977, é o maior parque urbano sobre dunas do Brasil. O projeto gráfico do livro é da Mariz Comunicação Integrada. A edição é bilíngüe, com tradução para o inglês de John Constantineau. Nesta edição, publicamos algumas fotos que constarão do livro, que será vendido e a renda revertida para a manutenção do próprio Parque.



Foto: Juliano Caetano



Foto: Fernando Pereira



Foto: Fernando Pereira

PARQUE DAS DUNAS

Ensaio



Foto: Alenuska Rêgo



Foto: Fernando Chiriboga



Foto: Giovanni Sérgio



Foto: Luciano Azevedo



Foto: Elizabeth Regina

PARQUE DAS DUNAS

Ensaio



Foto: Alenuska Rêgo



Foto: Fernando Dias



Foto: Giovanni Sérgio



Foto: Giovanni Sérgio



Foto: Edvaldo Gomes



Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

O “fotógrafo-canjiqueiro” Eraldo Gomes da Porciúncula, 65 anos, chegou a Natal há mais de quarenta anos vindo de Caruaru. Não pretendia deixar o aconchego da terra da feira livre mais famosa do Brasil, nem perder contato com Lagoa dos Gatos, sua terra natal, mas foi convencido pelo irmão Everaldo Porciúncula, jornalista falecido em 1990, a tentar ganhar a vida na capital potiguar. Veio, fez amigos e conseguiu até encontrar muitos conterrâneos.

Everaldo Porciúncula, conhecido como o Bárbaro, chegou seis anos antes do irmão. Tinha a intenção de passar alguns meses, mas terminou sendo conquistado pelo calor humano da cidade. Foi chefe do Departamento de Comunicação social da FIERN durante 19 anos, assessor do governo Aluízio Alves, diretor da rádio Nordeste e fundador da sucursal do Jornal do Comércio em Natal. Fundou também a Associação Profissional das Agências de Propaganda e foi diretor de atendimento da Dumbo Publicidade. Ficou mais conhecido ao apresentar o Bom-Dia RN, na antiga TV Cabugi. O amor a Natal registrou em crônicas.

As lembranças do irmão permanecem vivas. “Quinze anos depois, ainda sinto a presença dele”. Eraldo tem uma galeria de fotos em casa. Everaldo está eternizado na parede ao lado de Che Guevara, Jackson do Pandeiro, Luis Gonzaga, Capiba e vários outros músicos.

A foto tirada ao lado de Sivuca, exposta na sala, tem uma história curiosa. As composições do músico paraibano, mestre do acordeom, sempre despertaram interesse de Eraldo. De repente, sem aviso, lá estava o senhor de barba e cabelos brancos no portão da sua residência, levado pelo irmão Everaldo. Primeiro, um susto. Depois, emocionado, Eraldo diz que não conseguia encontrar a chave do portão. “Terminei cerrando o cadeado”.

ERALDO PORCIÚNCULA

Um fotógrafo de alma verde e rosa

As fotos do próprio Eraldo vestido com a fantasia da escola de samba Mangueira despertam ainda mais atenção. A Estação Primeira de Mangueira é uma paixão antiga. Motivada pelos sambistas mangueirenses da velha-guarda como Cartola, fundador da escola, João Nogueira e Braguinha. “A influência maior foi Cartola”. Eraldo assistiu à verde-e-rosa desfilar em 1982 no Rio de Janeiro. “Angustiado, porque queria estar dentro”, salienta. Torcedor fervoroso, acompanha sozinho os desfiles todos os anos pela televisão.

A casa de Eraldo não é pintada de verde-e-rosa, mas se deixassem, ele não acharia uma má idéia. O mangueirense, por enquanto, pintou apenas uma antiga roda de ferro com as cores da escola de samba favorita. A roda, trazida da Fazenda Curicaca, em São Paulo do Potengi (RN), enfeita o jardim, bem em frente ao portão de entrada. “Sou mangueirense todos os dias. Para mim, ela não precisa de títulos, é necessário só ela passar. E na hora em que a Mangueira passa não se bebe e não se fala”.

Eraldo diz que pretende ser enterrado com a fantasia da Mangueira. Partirá feliz. Como um samba-enredo puxado por Jamelão. Outra paixão, bem menos intensa, é o Vasco da Gama. Desde os anos 50, quando o time carioca ficou conhecido como o Expresso da Vitória. “Tinha Ademir Queixada, meu conterrâneo de Pernambuco”. O mangueirense até hoje sabe a escalação completa do Vasco que serviu de base para a seleção de 50. O futebol romântico dos anos 50 terminou e permaneceu a paixão pela música. Inabalável.

A música também entrou na vida de Eraldo por influência do irmão Everaldo. Aos 16 anos, quatro anos após ter trocado Lagoa dos Gatos por Caruaru, começava a trabalhar como sonoplasta da Rádio Jornal de Caruaru, primeira emissora da cidade, fundada em 1951. Everaldo, sete anos mais velho, comandava o “Caruaru em festa”, programa de

auditório realizado aos sábados que chegou a receber nomes como Nelson Gonçalves, Altemar Dutra e Ângela Maria.

Eraldo aprendeu a tocar zabumba, tamborim e pandeiro. Lembra de ter acompanhado o músico Jacinto Silva tocando zabumba. Mas com o microfone na mão, nunca teve muita habilidade. “Nós éramos gogos. Meu irmão era um locutor fanhoso. Mas com muito esforço, treinando sozinho, melhorou”, lembra.

Ainda nos tempos da antiga Rádio Difusora de Caruaru passou a fotografar. Lembra de ter conhecido um fotógrafo na emissora e ter sido incentivado a comprar a primeira máquina. “A primeira parecia um caixão”. Eraldo ainda tem guardadas uma Yashica para filmes 6x6, uma Rolleiflex e uma Minolta totalmente manual.

Alguns anos depois de chegar a Natal, o irmão apresentou Eraldo ao fotógrafo Jaci Emerenciano, um dos mais renomados fotógrafos sociais da época. “Trabalhava na loja da Rio Branco e ajudava nas coberturas fotográficas”. Também fazia fotos para o Jornal do Comércio. “Fotografei todos os presidentes entre o Marechal Lott e José Sarney”.

Durante a inauguração da Praça Kennedy, no centro de Natal, lembra ter tirado uma foto muito boa de Bob Kennedy, irmão de JFK. Para conseguir o melhor ângulo, subiu na traseira do jipe que transportava o senador americano. Chegou a levar um empurrão de um dos seguranças, mas conseguiu a foto. “Um grandalhão americano, acho que do FBI, me empurrou, mas já havia feito a foto. Não podia perder a chance”.


Eraldo, no entanto, não tem nenhuma foto das coberturas que fazia. “Enviava tudo para o Jornal do Comércio, em Recife. Penso um dia ir lá e tentar resgatar alguma coisa”. Mas quem foi fotógrafo um dia, nunca perde o olhar diferenciado sobre as coisas simples do mundo.

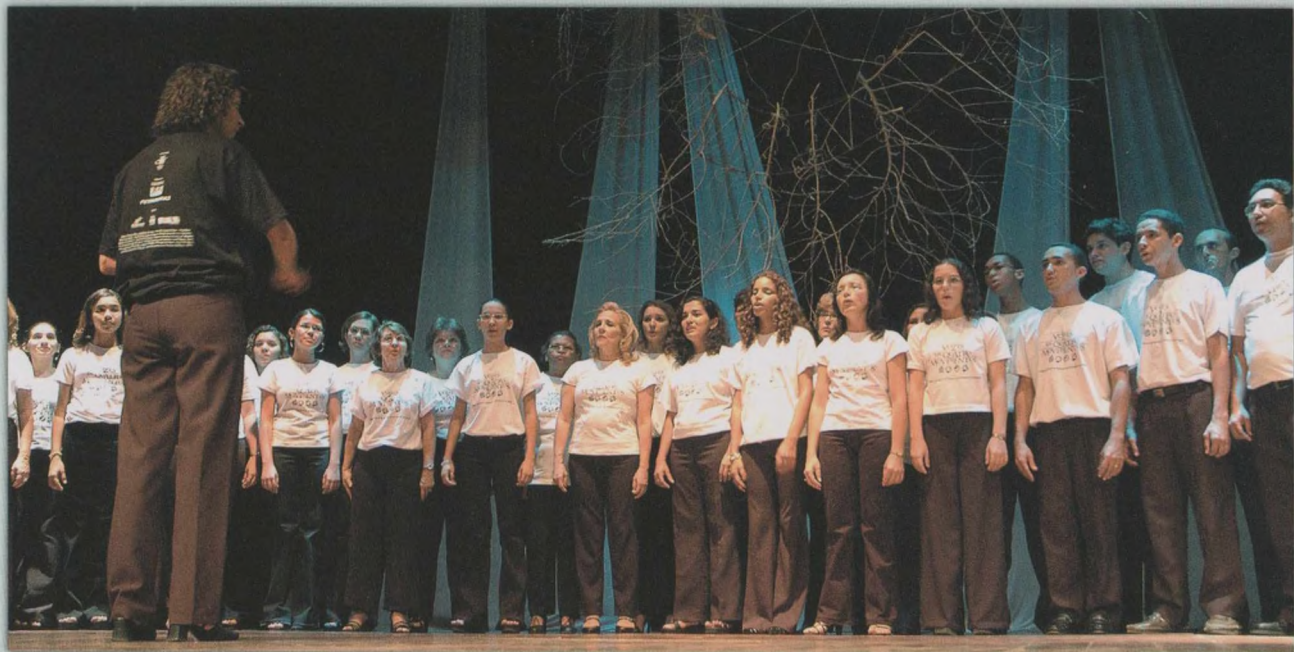
“Cat lake city”

O que a pequena Lagoa dos Gatos, município pernambucano a 270 km do Recife, tem a ver com Natal? O fotógrafo aposentado Eraldo Porciúncula explica a aproximação dos conterrâneos com a capital do Rio Grande do Norte. “Conheço umas cinquenta pessoas que moram em Natal que são de Lagoa dos Gatos”.

O primeiro a ter trocado Lagoa dos Gatos por Natal teria sido o dentista Nelson João da Silva, seguido posteriormente por vários colegas de profissão, entre eles, Givaldo Soares. Everaldo Porciúncula, sempre irreverente, chamava a terra natal de “Cat Lake City”. Brincadeiras à parte, os irmãos organizaram um encontro dos conterrâneos nos anos 90. Para surpresa de Eraldo, “o I Simpósio Lagoagatense conseguiu reunir mais de quarenta” conterrâneos em Natal. “Para mim só existem três cidades no mundo: Lagoa dos Gatos, Natal e Nova Iorque”.

Quando recebe os conterrâneos, Eraldo gosta de servir “feijão-de-coco”, um prato que comia quando criança. O preparo do feijão batido com coco não é sua única habilidade culinária. A canjica feita por ele ganha a cada ano novos apreciadores. Apaixonado por comidas de milho, Eraldo abre as portas da casa na véspera do São João para amigos, vizinhos, convidados e até penetras. A tradição começou em 1981, quando passou a morar na casa da avenida Antônio Basílio. “Chega a ser consumida por cem pessoas”.

A reunião dos amigos no restante do ano é em frente à residência, numa espécie de botequim improvisado no canteiro da rua. Quase sempre aos sábados. Sentam ao redor da mesa de madeira com cobertura de lona de caminhão para jogar conversa fora, cantar e beber cerveja e cachaça. Um leva o violão, o outro solta a voz e está improvisada a seresta. Eraldo toca pandeiro e tamborim. Como nos velhos tempos do “Caruaru em festa”. 



Com menos de dez anos de atividades, o Coral Sertão Encanto, de Caicó, já faz história e enche de orgulho os seridoenses. O Coral foi um dos dois únicos projetos aprovados pelo Programa Petrobrás Cultural para o Rio Grande do Norte. Foi aprovado entre os 117 da seleção nacional (de um universo de 3.300). O Sertão Encanto iniciou suas atividades em maio de 1997, reunindo professores, estudantes, funcionários do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN), do Campus de Caicó e membros da comunidade externa, com o apoio das direções do CERES e da Escola de Música da UFRN. Dado o seu caráter experimental, somente veio a ser oficializado como projeto de extensão no ano seguinte.

Em 1999, após realizar uma média de 12 apresentações, em Caicó e região do Seridó, além de participar de dois Encontros de Corais de Natal e CIENTEC's, o grupo foi reconhecido como Grupo

Permanente de Arte e Cultura, pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária. Ao longo desses oito anos, foi regido por José Carlos Alberto Justo (1997), Ubaldo Medeiros (1998/2004) – ambos como alunos do Curso Técnico de Regência da EMUFRN – e desde setembro do ano passado foi assumido por Tércia Maria de Souza Silva, formada em Regência pelo Curso Técnico da Escola de Música da UFRN.

O grupo, atualmente formado por 40 componentes, se apresenta com frequência pelo interior do Estado, em eventos diversos na UFRN e no Encontro Nacional de Corais, em Natal, o ENCONAT. “Mais recentemente, sua qualidade técnica o credenciou como base dos coralistas que participaram da execução do Projeto ‘Vozes em Quatro Movimentos’ do Madrigal da EMUFRN”, afirma Sandro Azevedo, dirigente do Coral. Assim, o grupo participou de oficinas de formação musical e de apresentações

conjuntas com o Madrigal da EMUFRN, em Caicó e Natal, no Concerto Final do referido projeto, em dezembro do ano passado, na Catedral Nova, em Natal.

O Coral Sertão Encanto é a única experiência musical da UFRN fora da capital do Estado. “Nasceu e se mantém a despeito de não existir uma estrutura pedagógica (como uma Escola de Música ou um Curso de Música) da própria UFRN no município e na região”, conta Sandro Azevedo. O que demonstra a força da musicalidade e do compromisso cultural dos membros do grupo para com o trabalho.

O repertório do Sertão Encanto combina a valorização da produção musical que tematiza o universo nordestino, com obras consagradas da Música Popular Brasileira, sem esquecer peças sacras, num reconhecimento da religiosidade do nosso povo (especialmente o seridoen-

O canto que encanta o Seridó

se). Desde os seus primeiros concertos, o grupo introduz intervenções poéticas e expressões da sonoridade sertaneja nordestina (como os aboios), entrecortando suas apresentações.

Além disso, o grupo costuma realizar apresentações didáticas (especialmente quando realizadas em escolas), onde são apresentados os fundamentos mais básicos de organização sonora de um Coral, sua divisão por timbres, bem como elementos históricos e eventuais particularidades culturais de cada uma das peças executadas.

Projeto prevê criação de mais dois corais

O projeto aprovado pelo Programa Petrobrás Cultural – prevê a iniciação/educação musical dos membros do Sertão Encanto e a criação de dois corais, um infantil e outro com adultos de tercei-

ra idade, envolvendo 30 componentes em cada um. Esse projeto dá seqüência, também, ao trabalho realizado em 2004 pelo Madrigal da UFRN, com o Projeto Vozes em Quatro Movimentos (patrocinado pela Petrobrás), no qual o Sertão Encanto destacou-se, demonstrando grande potencial técnico, mesmo não existindo, em Caicó, escolas de música que lhe dêem apoio técnico e pedagógico especializado.

Com este projeto será iniciado um processo de formação pelo qual os membros do Coral receberão capacitação técnica e assumirão funções formadoras, exercitando a direção de corais a serem criados durante o projeto. As atividades formadoras se orientarão num repertório diversificado (erudito e popular), com destaque às cantigas de roda e à musicalidade religiosa da região do Seridó, através dos hinos de padroeiros/as das paróquias de quatro municípios, que receberão arranjos inéditos para coral e banda.

Todo esse trabalho será apresentado em eventos diversos, especialmente nas tradicionais festas religiosas da região do Seridó, além de um espetáculo final, em Caicó.

O projeto é coordenado por uma equipe formada pelo professor Alessandro Augusto de Azevêdo (do Depto. de Educação da UFRN), pela profa. Cláudia Cunha (da Escola de Música da UFRN), professora Grinaura Medeiros de Moraes (do Depto. de Estudos Sociais e Educacionais) e pela regente do Coral, Tércia Maria de Souza Silva. ■

Festival de Cinema de Natal

A 15ª edição do Festival de Cinema de Natal será realizada de 1º a 15 de dezembro. Na programação oficial, serão exibidos sete títulos em longa-metragem que concorrem ao troféu principal. Também haverá uma pré-estréia oficial, com um longa-metragem fora de competição. A mostra “Vidas na Tela” exibirá sete documentários em longa-metragem. Este ano, o tradicional Prêmio Tributo será dado a atriz Nathália Timberg. Também serão realizadas oficinas na área de áudio-visual. O Festnatal é promovido pela Capitania das Artes. A produção é do Círculo de Arte do Nordeste, Verona Filmes e Mais Comunicação. Site do Festival: www.festnatal.com.br.

Curtas Nordestinos

A I Mostra de Curtas Nordestinos, que integra o Festnatal, ocorrerá de 9 a 11 de novembro, no auditório da Fundação Capitania das Artes, em sessões de 10h, 14h, 16h e 18h, com entrada gratuita. De caráter competitivo, a mostra terá como premiação o valor em dinheiro de R\$ 5 mil para o Melhor Curta-Metragem, dentro do Prêmio BNB de Cinema.

Feira de Sebos de Natal

A 7ª Feira de Sebos de Natal será realizada de 24 a 26 de novembro na Praça André de Albuquerque, no centro (ao lado da Pinacoteca do Estado). O evento, realizado anualmente, contará com a participação dos sebos mais importantes da cidade. Estão programadas apresentações musicais e poéticas.

Manassés lança “Varal do Tempo”

O cantor e compositor natalense Manassés Campos lançará no dia 25 de novembro o seu primeiro CD, “Varal do Tempo”, com participações especiais de Wigder Vale, Valéria Oliveira, Kristal e Lene Macedo. Artistas de repercussão nacional também fazem parte como o cantor Renato Braz e os instrumentistas Artur Maia e Marcelo Martins. A produção é do próprio Manassés, com co-produção do baterista Di Stéfano, e a direção Musical do instrumentista Sérgio Farias. Em 1990, Manassés lançou o disco “Nós”.

Projeto “CINEQUANON”

O Teatro de Cultura Popular, da Fundação José Augusto, promove o projeto “CINEQUANON”, exibindo filmes com entrada gratuita, sempre às quintas-feiras, às 20 horas. Em novembro, serão exibidos os filmes: “Desmundo”, de Alain Fresnot (dia 3); “O Retorno”, de Andrey Zuyagintsev (dia 10); “Janela da Alma”, de João Jardim e Walter Carvalho (dia 17) e “Moça Com Brinco de Pérola”, de Peter Webber (dia 24). Mais informações no TCP: Rua Jundiá, Tirol – Telefone: (84)3232-5307.

Pinacoteca do Estado

A programação da Pinacoteca do Estado para novembro é a seguinte: dia 8 - Exposição “Confronto”, mostra de vídeo com oito televisores e quatro vídeos cassetes, de autoria de Klinger Roland; dia 25 – Uma Serenata Para Natal; até o dia 20 fica aberta a Exposição de Fotografia, “Além da Beleza Plumária Indígena Brasileira” e até o dia 30 fica aberta a Exposição de Artes Plásticas, “Padre João Maria 100 anos depois - A importância iconográfica religiosa da vida de Pe. João Maria”, através dos artistas ingênuos. São 16 artistas que participam dessa mostra. Em dezembro, do dia 6 a 12, será aberta a exposição do Salão da Marinha, referente ao dia do marinheiro.

Livro sobre tradições judaicas

O livro “Nos Passos do Retorno – Descendente dos Cristãos Novos Descobrimo o Judaísmo de Seus Avós Portugueses”, do escritor João F. Dias Medeiros, que foi lançado no Teatro de Cultura Popular, no dia 24 de setembro, está à venda no Gabinete da Fundação José Augusto. Mais informações: (84) 3232-5304.

Teatro de Cultura Popular


A programação do TCP para o mês de novembro é a seguinte: dia 1º, às 20 horas, Música e Poesia – Recital; dias 4, 11, 18 e 25, às 21h30 horas, show musical: “Oia eu aqui de novo” com Kristal e Banda; dia 5, às 19 horas, espetáculo de dança da EDTAM; dias 6, 13, 20 e 27, às 17 horas, espetáculo “Cadê meu Cascudo”, com texto de Geraldo Maia e Cia do Humor; dia 7, às 19 horas, solenidade do lançamento do INTERCAMBOS (Associação Internacional do Campo de Pesquisa da Conscienciologia); dia 9, às 20 horas, show “Cantos e Cantorias”, com Galvão Filho; dia 12, às 19h30 horas, espetáculo “Promessa é Promessa” com texto de Ruth Freire (UNATI); dia 18 e 23, às 16 horas, III Mostra de Arte e Cultura; dia 22, às 19 horas, Ciclo de Debates sobre Cinema – Cinematográfico – palestrante, Josimey Costa e dia 30, às 20 horas, abertura da exposição “Natal Beach”. Mais informações: (84)3232-5307.

Casa da Ribeira

A programação da Casa da Ribeira para o mês de novembro é a seguinte: dia 2, às 21 horas, Cosern Musical, com o cantor Macaco; dia 6, às 19h30 horas, show de Carlinhos Zens, lançando seu 3º CD independente, “Fuxico de Feira”; dia 9, às 21 horas, Cosern Musical, com Edu Gomes; dia 10, às 19h30 horas, Café com Poesia, com a banda Esport Clube; dia 11, às 21 horas, Grupo Évora, com o espetáculo “Show do Évora”; dias 12 e 13, às 21 horas, show “Sete Encantos”, do grupo Doadores da Alegria; dia 16, às 21 horas, Cosern Musical, com a cantora Pida; dias 17, 18

e 19, às 21 horas, espetáculo “Envolto”, do Gira Dança; dias 20 e 27, às 21 horas, show “Anúncio de Antiquário”, com Valéria Oliveira; dia 23, às 21 horas, Cosern Musical com Elis Rosa; dia 24, às 19 horas, Projeto “Rock em Cena”, com as bandas “Funk, Samba e Soul” e “Os Bones”; dia 25, às 19 horas, “Cinema e Psicanálise”, com o filme “A Queda”, de Oliver Hirschbiegel e dias 29 e 30, às 21 horas Balé Cidade de Natal com o espetáculo “Poemúsica”. Mais informações: (84) 3211-7710.

Centro de Formação e Pesquisa Teatral

Na última semana de novembro, às 20 horas, ocorrerá o espetáculo de encerramento do 2º módulo do curso de Iniciação Teatral, com textos de Bertolt Brecht, em comemoração ao cinquentenário de falecimento do autor alemão. O Centro de Formação e Pesquisa Teatral, da Fundação José Augusto, oferece ainda aos grupos de teatro da cidade, espaço para ensaios. Mais informações: Av. Hermes da Fonseca, ao lado do Aeroclube e no telefone: (84) 3212-1663. 

13 POR 1 Iracema Macedo Poeta

Romancista: Dostoievski

Poeta: Jorge de Lima

Livro: Era uma vez Eros (Nei Leandro de Castro)

Filme: Mar adentro

Diretor/cinema: Almodóvar e o Alejandro Amenábar

Ator/atriz: Titina Medeiros

Pintor: Frida Khalo

Cantor/cantora: Valéria Oliveira

Compositor: Chico Buarque

Música: “Iracema”, Adoniran Barbosa

Peça teatral: Um porto para Elizabeth Bishop

Intelectual: Monalisa Carrilho de Macedo (professora de Filosofia da UFRN)

Personalidade cultural do RN: Nei Leandro de Castro

J. Medeiros



Márcio de Lima Dantas

(Poeta) mdantas7@bol.com.br

A exposição de abertura da Galeria de Arte Ruth Palatinik, do bistrô Estação Natal, foi uma individual do artista pansemiótico J. Medeiros. Reputado artífice do signo estético, detentor de uma inesgotável capacidade de manusear as mais diversas técnicas, tendo se destacado com precisão e rigor em quase todos os ramos das artes visuais. Inscreve-se como um dos mais importantes artistas norte-rio-grandenses, sobrevoando desde o início da sua carreira as comarcas relacionadas ao experimentalismo e ao que segue na vanguarda das muitas linguagens que ousou plasmar na sua vasta produção, sobremodo as sínteses alcançadas quando da junção de códigos diferentes, tais como a mesclagem entre o pictural e a palavra escrita. Os trabalhos expostos foram elaborados em papel canson branco e riscados com nanquim, sendo que três foram confeccionados com caneta esferográfica preta. É impressionante o efeito extraído através de um meio tão prosaico – uma simples caneta esfero-

De uma eventual harmonia entre o curvo e o reto

gráfica encontrada em qualquer bolso de balconista.

E assim a mão se compraz na gestualidade apressada de compor uma harmonia que engendre a boda possível entre a linha curva e a linha reta, sugerindo a fusão do apolíneo com o dionisíaco. Sabe-se que o ângulo reto encontra-se mais do lado do masculino, assim como a linha curva bandeia-se para os arrabaldes da fêmea. Nesse sentido, os dois, enleados num nervoso corpo a corpo, entrelaçam-se num raro e inusitado equilíbrio de formas, abrindo, por vezes, amplos espaços internos, mormente nos quatro trabalhos de fatura mais minimalista, quando a economia de meios anseia preencher o vazio retangular do papel. Nos demais, a energia nervosa se apraz num desejo de fusão entre o que detém ângulos retos e o que conserva em seu poder a curva e o círculo. Eis a demonstração de uma aliança que deu certo, encetando a novidade de uma beleza plástica quase sempre difícil de se lograr. Poucos estilos históricos empreenderam o desafio de harmonizar a razão, cristalizado nas geometrias que remetem ao quadrado ou aos ângulos retos (arquitetura grega), com a emoção, ordenada nas linhas si-

nuosas (arquitetura barroca). Contemporaneamente o pós-moderno nos seus prédios até que tenta.

Um dos elementos que se destacam ao se contemplar com atenção os riscos visivelmente traçados com naturalidade, como se a ponta da caneta não tivesse saído do papel, é a presença de discretos hachuramentos formando triângulos, salpicando de negro pequenas áreas, conduzindo o observador a atestar a loquaz diferença entre as duas formas básicas de representação, e conseqüente necessidade de atinar um sentido para a confluência num mesmo plano do abaulado e do reto.

Há um outro signo bastante curioso que vale a pena chamar atenção, falo do título das obras. O título se reveste de uma grande importância para a eficiência máxima do efeito sugestivo na mente do expectador. Poucos ou nenhum alguém seria capaz de relacionar determinado desenho à Medusa, se não fosse o título apostado à margem esquerda do papel. Com efeito, o título indica o rumo, a reta e a curva daquilo que o artista desejou circunscrever, mesmo em se tratando de algo tão volátil quanto um desenho de natureza abstrata, apoucado em vigorosos gestuais, plenos na sua capacidade

de imprimir no espírito do leitor uma determinada espécie de semiose cujos entornos fazem fronteiras com sentimentos penetrantes e inquietos, baldeando os aparentes equilíbrios que racionalizamos no intuito de suportar com mais amenidade os punhais e as flechas que as Parcas soltam a torto e a direito nos sencientes.

Posto que a estabilidade da composição firma-se na eloqüente vivacidade de quem busca juntar o que simbolicamente foi sempre representado como antípoda, de quem ousa entrelaçar duas formas naturais contrastantes (mas também complementares), resta-nos, quando da contemplação dos desenhos, a possibilidade de um eventual deleite do que subjaz inconsciente aos nossos esquemas mentais estabelecidos por uma sociedade cujos substratos são os maniqueísmos de toda ordem e lugar. Enfim, só nos resta a pergunta que nos imprime o desassossego dos desenhos de J. Medeiros: será que tudo não passa de uma questão de ângulo? ■

Sertão de espinho,



de flor e de música

Manuel de Azevedo

(Professor, poeta e músico)

O Sertão de Euclides, inspiração. O Sertão de Guimarães Rosa, outra grande vereda. O Sertão de Othoniel – a terra potiguar, curiosa e instigante lira de um poeta praieiro. De suas veredas espinhosas, a passarada, a cruviana, o rio, o mugido do gado escasso, o aboio vaqueiro, o chocalho, o sino de uma igreja, o punho da rede, a cancela, etc, cantam a harmonia de uma terra que vive o céu e inferno, água e fogo, seca e inverno, tristeza e alegria, espinho e flor, numa dualidade existencial intensa e rica, sagrando-se fonte poética inesgotável.

A obra do grande poeta Norte-rio-grandense Othoniel Mezezes, *Sertão de Espinho e Flor*, publicada em 1952 pelo Departamento de Imprensa, Natal – RN, compõe-se de dezesseis poemas, todos em sextilhas heptassilábicas (AABCCB), forma um denso cordel e honra a tradição poética sertaneja, que teve nessa modalidade literária, seus primeiros registros. O contraste seca-inverno, traduz-se na oposição harmoniosa espinho-flor, metáfora poética de um *Panorama físico e social dos sertões Norte-rio-grandenses*, subtítulo da obra.

Este pequeno estudo observa a relação musical nessa obra singular, sem deter-se nos poemas especificamente, mas, às suas referências musicais por todo o seu conjunto. A matéria-prima desta análise são elementos e terminologias musicais: colcheias, ritornélos, coro, surdina, bemol, ária, canto em dueto, agudos marciais, tons menores de ré, flautim, carrilhão, prato, tambor, clarim, clarinete, requinta, violino, valsa, missa solene, pauta, Percebe-se um poeta inteirado com esta arte, divina por excelência, a partir do cantar dos pássaros que povoam seus poemas. Sob um prisma poético-sinfônico, teríamos uma sinfonia em cinco movimentos: Abertura, Aboio, Música Sacra, Clássicos e Música Popular. Uma alada profonia é **Abertura** composta em tom maior. Atentem para a rica sonoridade desses versos e suas referências musicais:

...Súbito, em notas extremas,/rompe o tam-tam das siriemas...

...Mil canários amarelos/corruchiam ritornélos...

...Amai pássaros românticos!/isto é o Cântico-dos-Cânticos,...

*...Nêh-ên...nêh-ên... Quanto choro!/para que tamanho agouro/
Anum Preto? Sai, ticum,/ porque não cantas direito...*

...E onde, ao vivo repicar/do câncão – sino de penas...

...Concliz, clarim da alvorada...

*...Um câncão de sentinela/acua o ofidio. Martela/rasga o toque
de reunir.*

*...A araponga/ canta no ermo do confim/canta? – aço líquido entorna/
sobre invisível bigorna/limando: - rren-im... rren-im..*

*...A ária, dulcíssima, esparzea/nas carnaúbas da várzea/graúna,
avátar de Orfeu...*

*Centelha vivente, résteal/de sol, gorgeando! Tiveste-a/a voz, no céu,
a afinar?Pintassilgo! és o violino/ de um gênio, cujo destino/ é o de
morrer...de cantar!*

*Casaca-de-couro. O ninho,/enorme, é todo de espinho./dá-lhe o
nome, a cor que te,/canto, em dueto: alarido!! -Grita frocudo, o
marido!! - a mulher grita também!*

...de arrulhos de juritis...

*...Canário, rei dos tropeiros!/na bastilha de ponteiros,/pendurada
no portal!/mesmo assim, Patápio louro,/estalas colcheias de ouro,/ -
numa pauta vertical!*

*...um sabiá envultado/no clarinete maguado/do cabra José
Canã...*

*...sabiá lira da tarde!/enquanto o crepúsculo arde/no flamboyant
todo em flor/na pauta da Ave-Maria/saudade e saudade envia/às
donas do meu amor.*

Sertão de espinho

A Sinfonia Sertaneja de Otoniel segue seu curso, com o **aboio**, o canto gregoriano nordestino sertanejo, que com frases melismáticas eivadas de plangências, preenche e consola a alma vaqueira. Duas passagens reservadas a esse canto, ilustram o conhecimento do autor sobre tanta densidade musical:

*O aboio, ecoa maguado.
Vagaroso, torna o gado,
Na meia-luz vespéral.
Alta a craibeira florida
Esfuma a copa, estendida
Do oitão do rancho, ao curral.*

*Ó! O drama das retiradas!
Boiadas e mais boiadas,
Num chouto exausto, a mugir...
Aboio, iliada rude,
Tu, só tu, tens a virtude
De tanta dor traduzir!*

No mesmo diapasão, como um terceiro movimento desta Sinfonia Poética, a **Música Sacra** se faz presente em três momentos. Dois desses momentos estão nos versos que descrevem em acordes fiéis, um quadro de uma festa padroeira, primeiro, através da Missa Solene (missa cantada) e em seguida, com uma Banda de Música conduzindo a procissão, executando valsa *bem chorosa*. A religiosidade musical ainda se manifesta no canto da Ave-Maria, representando o momento místico mais freqüente no sertão, a hora em que o sertanejo, mesmo sem ir à igreja, basta-lhe um rádio ao crepúsculo, reza a Deus.

*Às onze, a missa cantada
Foi linda, toda floreada
Nos tons menores de ré
(- vi - contou-me Dona Dirce -
"mais de uma açucena abrir-se,
no bastão de São José!"*

*voz lindíssima, Argentina,
morre no coro em surdina,
em louvor da Conceição.
Finda, a noite. Mas é gente!
pelos oitões, pela frente,
sai moça, de borbotão!*

*A procissão... vai na frente,
Oscilando docemente,
A Virgem, no seu andor.
De um lado e de outro, meninas.
O sol acende cravinas.
Nas pedras do resplendor...*

*Tôca a Euterpe, caprichosa,
Uma valsa bem chorosa...
- o conjunto é firme e é bom!
Quinze figuras. Mas, vale!
Essa banda é mesmo o diale,
Com João Aprígio ao piston!*

*Sopra o trombone-de-vara,
Cadete Felipe (a cara
Papuda, que nem mamão).
Fumaça é o bombardino.
Magro, alto, Antônio Sabino
Pinica no carrilhão!*

*Artur Aprígio é o da Caixa,
Mas a pose não relaxa!
- e quanta inveja me faz!
Por que inveja não sentires,
Do flautim de Heráclito Pires,
Tinindo agudos marciais!*

*Sobre a valsa, quando a quando,
Floreia um bemol, lembrando,
Na melodia louçã,
Um sabiá envultado
No clarinete maguado
Do cabra José Canã...*

*Sabiá, lira da tarde!
Enquanto o crepúsculo arde,
No flamboyant todo em flor,
- na pauta da Ave-Maria
saudades e saudades envia,
às donas do meu amor.*

de flor e de música

Há ainda as referências aos **Clássicos**, tanto relativas à obra, como ao compositor. De uma forma direta (Strauss, Carlos Gomes, Patápio Silva e Mozart) ou indireta (Bach-Gounoud e Schubert, através da Ave-Maria). Othoniel compara nossos mestres Tonheca Dantas e Manoel Fernandes a Strauss e Mozart, respectivamente. O canto precioso dos canários atinge a magnificência da obra *O Guarani*, de Carlos Gomes, bem como o virtuosismo do grande mestre da flauta brasileira, o compositor mulato Patápio Silva (1880-1907), quando o poeta potiguar atribui a este flautista, clássica comenda.

*Tonheca... Magro, anzolado,
É um gênio. Strauss, reencarnado,
Compondo valsas gentis,
- mas, de sol! De tardes quentes!
De serranias dolentes,
De arrulhos de juritis...*

*Canário, rei dos tropeiros!
Na bastilha de ponteiros,
Pendurada no portal!
Mesmo assim, Patápio louro,
Estalas colcheias de ouro,
- numa pauta vertical!
E há outras figuras grandes:
- o mestre Manoel Fernandes,
O Mozart do Seridó,
Aí trouxe a requinta à festa,
Esse concurso que empresta,
Vale uma banda – ele só!*

*Mil canários amarelos
Corruchiam ritornelos,
A fervilhar no umari.
de um desses lances, talvez,
- é que Carlos Gomes fez
o allegro do "Guarani".*

A **Música Popular** também se inclui nesse bailado poético sertanejo, apresentando-se como o movimento final deste sensível poema sinfônico, pelo uso fluente de termos relativos aos instrumentos e gêneros musicais populares, tais como: sanfona, fole, harmonium e rabeca, a polca, o zambê, a valsa, o xote (chote), o baião (baiano), o serrote e o chucaio (crítica a Jazz Band). Verseja o poeta:

*Queima! Vadeia, meu povo!...
O harmonium rompe de novo,
Uma polca, em si bemol.
Do chão, ao vivo compasso,
Sobe um pó vermelho e Baco,
Que ondeia, à luz do "farol".*

*No patamar, seu Veríssimo
Bate no peito. É o Santíssimo.
Repique. Rescende o altar.
Vivo, a música sapeca
Uma polca de Tonheca,
Rompem cem fogos-do-ar.*

*A um canto, João de Binona
Coça o bucho da sanfona,
Escanchado num baú.
O zambê vai ser de arranco,
Obrigado a vinho branco,
Cachaça e mel de uruçú.*

*Meigo, nos longes da estrada,
Fere ilusão desfolhada,
Um fole, chorando em lá...
Voga, na aragem do estio,
Um cheiro casto e macio
De mofumbo e resedá.*

*Num se dança mai o chote,
Nem baiano, nem serrote.
Fole num vale um tostão.
Os baile é só de infergáio...
- a musga toca é chucaio,
Prato, tambô e rabecão!*

A leitura de *Sertão de Espinho e de Flor*, por tanta melodia destilada em versos, proporciona êxtase, amalgamando poesia e música num contracanto harmônico de coro bem afinado. Othoniel Menezes conseguiu, com a simplicidade das sextilhas e poesia autêntica, anexar o sertão Norte-rio-grandense ao grande sertão literário Brasileiro, alinhando-o ao de Canudos e ao das Gerais. ■

Navegando contra

Paulo Alves de Souza

(Artista plástico, poeta e agitador cultural)

Ilustração: Jean Sartief

Hoje uma lágrima teimou em passar por entre as rugas do meu rosto, quase senil; com ela, o tempo que eu julgara sepultado, ressurgiu.

Tempos da airada juventude de aventuras e delírios retomaram o vôo da águia que não pode fugir do seu próprio destino, buscando o céu inatingível; perdida no caminho da volta, que se tornara possível nas asas do tempo.

Envolvo-me em reminiscências, sobretudo, a magia dos anos 60.

Não tínhamos, à época, limites de velocidade, nem cintos de segurança nos carros; tínhamos cintos de castidade nas nossas cabeças, anulando a sexualidade latente. A mídia era menos mentirosa e subliminar em seus efeitos.

Pilotávamos motos, sem capacetes, esses mesmos que hoje cobrem cabeças vazias e ocultam criminosos.

A carona era solidária e nela não havia riscos de “morte” ou de “vida”. Os preservativos eram feios e aterrorizantes e toda a forma de sexo era pecado.

Os jovens não “ficavam” e não “rolavam”. Envolviam-se, comprometiam-

se e casavam-se para serem felizes ou infelizes para sempre.

As águas que corriam nas torneiras, rios e lagos eram transparente e pura como o sol do meio-dia.

Meninos e meninas brincavam sem a interferência dos adultos; tinham a liberdade que a inocência permitia e a desinformação não tolhia.

Os telefones eram pretos e estridentes, cheios de ruídos; um luxo para poucos.

Os televisores eram enormes, cheios de chuveiros, preto e branco. Navegávamos nas ondas do rádio; que vinham, iam e às vezes não voltavam.

Hoje, temos canais interativos, videogame e outros recursos que tornaram a vida simplificada, mas absurdamente tediosa.

Em seu lugar, tínhamos solidariedade, amigos para sempre e todo o mundo conhecia uns aos outros e se respeitavam mutuamente.

As frustrações ocasionais resolviam-se sem a interferência de psicólogos, neurólogos, sociólogos e salvadores da pátria. O poder político não tinha a língua nem o rabo presos.

Convivia-se pacificamente com as doenças preexistentes, e confiava-se nos médicos que ainda não eram tão venais.

Não havia aprovação automática nas escolas, criando-se falsas expectativas de



O vento do tempo

resultados e dados mentirosos, para tabular a farsa dos poderosos e das elites dirigentes.

A escola pública era uma referência e os professores, mestres na construção dos jovens que deles se orgulhavam e os imitavam.

A admissão ao ginásio era o portal; o primeiro obstáculo a ser transposto.

Depois, o Atheneu, a Escola Industrial hoje em ruínas; todas elas, escolas públicas e com ensino de excelência. A maioria dos professores não eram burocratas a serviço do sistema.

O serviço militar e a justiça eram iguais para todos. Nessas instituições, filhos de ricos e de pobres serviam à pátria em igualdade de condições.

O terrorismo motivado pela “Guerra Fria”, envolvia os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS) em tempo integral de insultos e retaliações, nos levando a conviver com o terror e a iminente destruição da terra em uma guerra nuclear.

A ditadura do proletariado estendia-se pelo mundo em desenvolvimento, promovendo guerras, financiando a destruição das instituições e do estado de direito, impondo novos valores e a igualdade entre desiguais.

Anos de chumbo nos países satélites da União Soviética, nas guerras de liberta-

ção na África e na América Latina. Rios de sangue tornavam o solo e a alma dos povos desses países rubros de sangue inocente; gestando-se razões para os jovens lutarem por um mundo melhor e mais justo.

Em Cuba, Fidel Castro e Che Guevara, comandavam a invasão e a tomada do poder, transformando esse país e a sua utopia socialista em um satélite da União Soviética. Executaram ou condenaram à morte centenas de dissidentes políticos. Transformaram a romântica ilha na fechada ditadura de Fidel Castro.

Os Estados Unidos, em defesa dos seus princípios de liberdade, mandavam seus jovens cidadãos para o inferno do Vietnã onde milhares deles morreram e mataram sem razão e sem causa que justificasse a luta.

À época, o Brasil era uma potência emergente; saltávamos de 48ª economia do mundo para a 8ª posição. Construíram-se estradas que cortaram e interligaram o país em todas as direções. Hoje, constrói-se pedágios, tapa-buracos e somos a 15ª economia do mundo e a primeira em demagogia. Venceu a mídia e a mentira.

Restabelecemos a democracia, a liberdade, consolidada por José Sarney, Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso e para dar continuidade às mentiras e ao atraso: Lula da Silva. O Brasil vai bem e OBRIGADO.

Na falta de opção, nós, os velhos e aposentados sobreviventes de sustos após sustos, recordamos o passado. Buscando flores, sonhos e borboletas no nosso próprio jardim; embriagando-nos em nossa própria volúpia.

Celebramos hoje, nós e o tempo; a poesia, nesses dias sem fausto. Sem poesia de pertencimento.

Somos a chama que se consome, criando e recriando a alquimia do tempo, que conduz para o desamparo do mundo.


O tempo embriaga o velho como o vinho de sua ternura, mergulhando-o no paraíso de aventura compartilhada, que entrelaça-se na amizade e na sua fragilidade.

O amor ainda latente advém desses tempos sem glória da salvação em si mesmo.

As estrelas midialíticas incendeiam o que restou de poético e verdadeiro transmutando a verdade; lavando com ácido o chão das nossas almas; algumas esfinges de silêncio.

Este sepulcral silêncio que reconduz à vida, imprimindo ritmo, lapidando uma sociedade mais justa, fraterna e menos mentirosa.

As mãos de Deus se estendem em nossa direção; nelas a ira, a lira e a utopia humanas não se cabem de esperanças.

A despeito de tudo, não fomos vencidos - sobrevivemos. 

Um projeto que ultrapasse sectarismos

José Albano da Silveira
(Professor e subcoordenador do CEPEJUL)
Fotos: Ivanísio Ramos

A cultura como traço distintivo da humanidade, não pode ser tratada como uma simples e descartável mercadoria de consumo, pois ela é a expressão concreta de uma realidade invisível: a alma humana.

O processo de construção do conhecimento coletivo é um fenômeno que avança e recua. Avança quando são implementadas tecnologias capazes de levar o homem ao espaço, quando são descobertos medicamentos, quando são desenvolvidas novas técnicas de comunicação, mas recua no que há de mais simples: quando da diagnose da essencialidade humana, hoje considerada apenas pelas religiões, no plano da fé, ou no âmbito da especulação, pela filosofia.

Não é demais lembrar que os desdobramentos desse avanço não são extensivos a todos, mas mesmo assim, em alguns aspectos, dissemina-se como que numa atitude global de cobranças sem muitas chances para o perdão àqueles que não se alinharem a ele. E a grande massa de seus possíveis usuários, pobres e limitados hu-

manos, não dispondo, em nível coletivo, de tantos mecanismos de defesa, tenta driblar os obstáculos com chances mínimas de romper a teia que os envolve. É que do lado de lá existe um pequeno, mas organizado e articulado time que joga sob a regência de outras regras. E é lá que as grandes decisões são tomadas, em princípio, a favor de todos.

Mas como Deus não dorme, permite a existência de pessoas com trânsito livre tanto no lado de lá como no de cá. Percebe-se, entretanto, que algumas delas maculam sua própria identidade; mas outras, não. E são estas que, numa árdua e incansável luta, ousam criar e viabilizar projetos com objetivos claros de restauração da justiça social, e, portanto, da dignidade humana. Tais pessoas merecem e devem ser respeitadas por todos, uma vez que suas ações extrapolam individualidades, em função da coletivização da eficácia dos seus resultados.

A nossa História, seja na esfera global ou local, apresenta tantos fatos e nomes que poderiam exemplificar tal afirmação. Se, todavia, circunstâncias conjunturais vierem escamotear a verdade, certamente ela, a História, que é inexorável, se encarrugará de julgar e reparar o equívoco. E aí - perdoem os malfeitores de plantão - não caberá recurso.



Compreender o homem na sua essência é preciso, mas essa tarefa implica na percepção, valorização e análise do seu fazer coletivo, por um lado, e na conexão com sua espiritualidade, por outro. Nessa perspectiva, a cultura enquanto criação dos seres humanos, no processo do seu dinamismo histórico, traduz efetivamente sua identidade, razão social da existência. Inferir-se daí que desrespeitar a cultura de um povo, é uma forma velada de submetê-lo a uma vivência indigna.

Dando conseqüência a esta fala, é preciso que se diga e se perceba com espírito de isenção que o projeto das "Casas de Cultura Popular" oportunamente criado por François Silvestre, presidente da Fundação José Augusto, e implementado pelo Governo Wilma de Faria, é efetivamente um empreendimento que merece ser acolhido como um projeto político sim, mas sobretudo como um projeto essencialmente apartidário, pois na sua natureza ele encerra uma filosofia que ultrapassa a sectarismos. É só enxergá-lo com olhos de quem ama a cultura e a coloca acima de interesses menores.

Enfim, é preciso que se diga claramente: preservar a identidade cultural do homem no processo natural de seu dinamismo é tão importante quanto democratizar a educação através da qual a

cultura é transmitida de geração a geração, por intermédio da linguagem.

O governo, seja municipal, estadual ou federal, que não contemplar no seu plano de ação uma política sistemática e eficaz de apoio efetivo às manifestações culturais, nas suas diferentes naturezas, estará revelando inquestionavelmente a ignorância patente de seus dirigentes.

Em tempo: a sensatez recomenda que esse plano de ação seja operacionalizado numa conjugação de esforços dos três níveis de governo. Dividi-lo seria mais uma demonstração de imaturidade política. E como o Brasil está depurando sua democracia, a sociedade tende a não mais agasalhar tal procedimento. ■

Um Presente de Natal



Fotos: Ivanísio Ramos

O auto natalino “Um Presente de Natal”, um dos espetáculos mais belos encenados no Estado, será realizado no Palácio da Cultura, de 21 a 30 de dezembro, às 18h30, e na Zona Norte, na Praça Iapissara Aguiar, nos dias 17 e 18 de dezembro, também às 18h30. Este ano, o projeto acontecerá em Natal, Grande Natal e mais cinco cidades do interior. O mais antigo espetáculo cênico ao ar livre do RN vai comemorar 9 anos e é promovido pela Fundação José Augusto, com patrocínio da Cosern (através da Lei Câmara Cascudo) e Banco do Brasil.

A direção musical e trilha sonora é do músico e compositor Danilo Guanais. Com assinatura da atriz e escritora Cláudia Magalhães, o texto de “Um Presente

de Natal” partiu de um argumento com base na contemporaneidade do mundo. Ele faz uma reflexão sobre a superficialidade dos valores no nosso cotidiano: a falta de amor, incompreensão, desvalorização da família, falta de memória, o excesso de violência nas diversas classes sociais. A mulher será o personagem presente em todo o espetáculo, por que é a partir dela que a mensagem será passada.

“Nos textos normalmente vemos a Maria mãe aceitando todo o sofrimento. Aqui, vamos mostrar seu grito e alerta”, comenta a coreógrafa e diretora geral do espetáculo Diana Fontes, que foi buscar inspiração em escritos que falam sobre “As doze noites sagradas”, remetendo ao

princípio das tradições natalinas, quando se presenteava um amigo acendendo uma fogueira em sua porta. “O fogo representa a fé, a memória, por isso o queremos presente no espetáculo”, diz.

Além de buscar a essência do espírito natalino, “Um Presente de Natal” tem objetivos bem definidos: valorizar o artista potiguar, formar platéias e buscar cada vez mais a formação do intérprete — que dança, canta e interpreta. “Dramaturgos de fora ficam surpresos com a desenvoltura do artista local, que canta, dança e atua. Por isso a gente quer investir mais neste profissional completo”, diz a coreógrafa. No contexto deste espetáculo, a atuação do intérprete será fundamental, para atores e bailarinos. “Todos, baila-

rinos e atores vão precisar de pique”, completa Diana. “Queremos unir a dança e o teatro, aliados à sabedoria da cultura popular”. diz a diretora.

No palco, serão em torno de 65 atores e bailarinos, além das 150 crianças como figurantes, que fazem parte do projeto social “Presente”. São crianças oriundas de escolas do bairro, a maioria do Passo da Pátria. Nas oficinas, elas aprendem noções de dança, canto e música. “Nesses quase dez anos de projeto, em algumas antigas ‘crianças da janela’, hoje já adultos, houve o despertar para a arte como profissão”, emociona-se a diretora.

Indiretamente, também participam o Coral Infanto-Juvenil da UFRN e o Madrigal, que emprestam suas vozes compondo a trilha sonora do “Presente”. 📺

Equipe de criadores de “Um Presente de Natal”

Direção Geral: Diana Fontes

Texto: Cláudia Magalhães

Música: Danilo Guanais

Figurinos e adereços: Isaque Galvão

Maquiagem: Lelo Nascimento

Iluminação: Castelo Casado e Daniel Rocha

Cenografia: Isaque Galvão e Aurélia Tâmisia

Coreografias: Diana Fontes, Daniele Flor, Bianca Dore e Marcela Gil

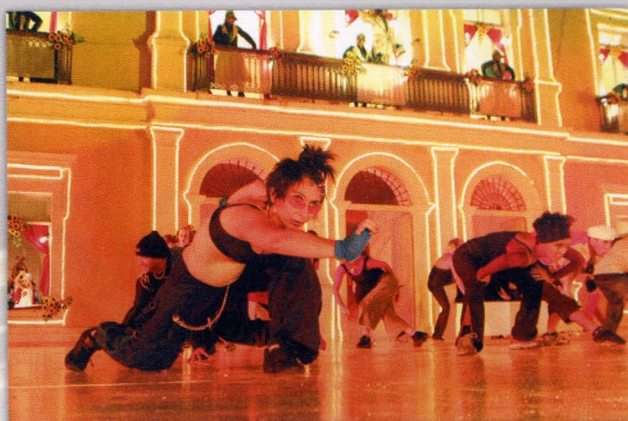
Encenação: João Júnior

Produção e captação: Ana Lyra, Jéferson Tavares, Cláudia Magalhães e Iara Jácome

Produção de Imagens (multimídia): Rodrigo Santos e Camilo Lemos

Sonoplastia: Helisom

Coordenação dos figurantes (crianças): Joana Fontes e equipe (Giovani Araújo, João Alexandre, Érika Rosendo e Jeanine Ebert).



O bilhete

Marcos Ferreira

Escritor e poeta

(escrivainhamarcos@hotmail.com)

Ilustração: Venâncio Pinheiro

Estavam casados havia oito anos. Quase que adolescentes à época do enlace na capela de São Vicente. União exigida e apressada sob forte suspeita de gravidez. Mero desequilíbrio nas regras de Mônica. Arrancados de um namoro que durava apenas onze meses, sequer tiveram tempo de viver certas aflições e delícias possíveis de serem experimentadas apenas durante a mágica e transitória condição dos que se acham noivos. Pois o matrimônio de Aristides e Mônica foi realizado a todo o transe. Rito sumarríssimo, como se o primeiro rebento do casal estivesse para nascer a qualquer minuto.

Tempos após, para a frustração de uns poucos, descobriu-se que a moça não podia gerar filhos. Formou-se um angustioso entre Seu Inácio Correia e Manoel Custódio. Ranzinza e maledicente, aquele ruminava a desconfiança de que o filho teria sido vítima de uma “arapuca de saias”, numa velada contestação à honestidade e pureza da nora.

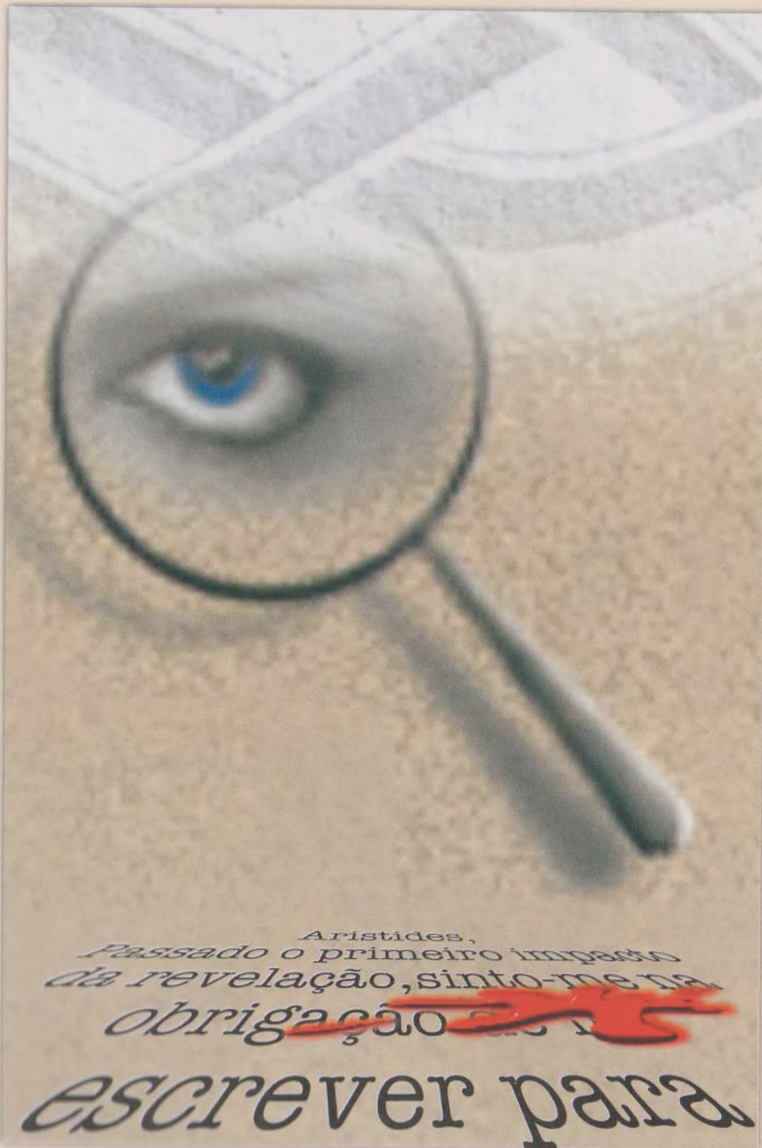
— Uma sonsa... A mim é que não engana.

A propósito disto, Manoel Custódio adquirira o hábito de ir à missa dos domingos com sua peixeira de magarefe enfiada nos coses da calça.

— Quero ver dizer na minha cara.

Dona Elvira, mãe de Mônica, copiou confusas lágrimas e longos soluços a respeito do caso. Lamentava-se pela iminente tragédia na família e pelo útero infecundo da filha. Morriam-lhe desta forma as esperanças de ser avó. Ela e o marido não haviam tido outra cria.

Por sua vez, Mônica ficou um pouco estonteada com o resultado do exame.



Aristides é que não ligou muita importância à infertilidade da esposa. Talvez nem ambuisse dimensionar a gravidade do fato. Ainda assim, como é típico dos recém-casados, tanto ele quanto ela pareciam bastante satisfeitos enquanto marido e mulher. Sempre eram vistos de braços dados e sorrisos abertos nos círculos sociais e familiares que freqüentavam.

— A casa e o botão. — concluiu alguém vendo a cumplicidade e a harmonia do parzinho.

Entre cotas e doações familiares, Aristides e Mônica ocuparam uma casinhola no subúrbio e foram construindo a vida de senhor e senhora na base da cara dura. Sem profissão nem emprego, passaram um longo tempo sendo sustentados pelos pais e familiares mais próximos. A “lua-de-mel” eclipsou-se ali mesmo entre as quatro paredes da humilde residência localizada na Rua da Aurora, número 21, bairro do Canta-Galo.

Logo após o segundo ano de consórcio é que as coisas começaram a tomar forma na vida do casal. Aristides conseguiu ingresso na faculdade e Mônica retomou os estudos no Grupo Escolar Monte Alvino. Mais tarde encerraria o diploma do magistério no fundo de uma gaveta para prosseguir com o ofício de dona-de-casa herdado da própria mãe.

Passou-se o tempo e as coisas esfriaram entre Seu Inácio Correia e Manoel Custódio. O primeiro pôs arreios na língua e o segundo passou a levar para a missa dos domingos apenas um pequeno volume da Sagrada Escritura. Dona Elvira mergulhou nas atividades paroquiais do bairro e demonstrava ter adquirido conforto para a “avolescência” perdida.

Já Dona Eugênia, mãe de Aristides e de outros três marmanjões, orgulhava-se pelo fato de ser avó de duas meninas e um menino. Num desses anos, quando

as famílias se reuniram para brindar o réveillon na casa de praia de Seu Inácio Correia, as duas sogras rasgavam seda no alpendre da casa, cada qual espichada numa rede de varandas multicores:

— Meu rapaz me deu uma nora muito boa, Dona Elvira.

— Ah, mas também o seu filho é um excelente partido, um menino de ouro. É o genro que toda mãe gostaria de ter.

— Faço minhas as suas palavras para dizer de minha nora.

— Obrigada pela parte que me cabe.

— Favor nenhum. Mônica é uma moça de muita fibra. Meu filho está muito bem casado.

— Minha filha também.

— E há de ser até que a morte os separe.

— Deus te ouça, Dona Eugênia... Deus te ouça.

Seguidos mais nove ou dez meses, esta aparente felicidade começou a dar mostras de enfraquecimento. E não custou a transformar-se em desengano e desleixo. Logo sucederam as discussões, os bate-bocas e atritos vão. O mais agravado pela falta de experiência e diálogo. Somaram-se a isto o marasmo afetivo, a rotina e o pouco espaço para a concórdia.

Até que noite passada, enquanto remanchava com um resto de sopa na mesa da cozinha, ele resolveu desafogar o peito. Fez mil e um rodeios, alternou motivos e argumentos, mas de nada adiantaram as palavras escolhidas e gaguejadas perante a esposa.

— Aconteceu alguma coisa lá pela escola?

— Não, por quê?

— Não sei, você chegou tão calado.

— Nada, não... Próxima semana, se Deus quiser, estarei de férias.

— E daí?...

— Daí o quê?

— Que tem a ver essas férias com sua mudez?

— Não, nada.

— Então, o que foi?

— Amanhã a gente...

— De jeito nenhum. Tem que ser hoje, agora.

— Já é tarde; você precisa levantar cedo.

— Então, o assunto é longo.

— Mais ou menos.

Remanchava com o resto de sopa.

— Agora é que eu quero mesmo saber.

— Melhor amanhã.

— Não. Desembucha logo.

Nu da cintura para cima, bolhinhas de suor brilhando na fronte calva e pálida, ele levantou-

se sem olhar a esposa, pôs o prato sujo de sopa dentro da pia e foi abrir a geladeira. Notava-se que não tinha lá grande sede, mas encheu o copázio de alumínio até as bordas. Bebeu menos da metade da água, bochechou um outro tanto e derramou o sobejo na pia de pratos.

Depois, como se buscasse ganhar tempo e coragem, ele catou um cigarro no bolso da camisa que havia pendurado num prego atrás da porta do quarto, estalou a pedrinha do isqueiro na ponta do polegar e debruçou-se à janela da cozinha, de costas para a mulher.

Mônica o vigiava disfarçadamente. Sabia de cor e salteado todos os cacoetes e cavilações do marido. Embora achasse aquele silêncio demasiado incômodo, não se animou a renovar a pergunta que fizera três minutos atrás. Ali bem do lado, sobre um tamborete de madeira e couro, via-se uma grande bacia de plástico com a louça que acabara de lavar. Enxugava

O b i b l i o t e c a

uma colher ou xícara e as ia arrumando a um canto da mesa.

A casa continuava modesta, talvez uma das poucas do bairro onde não houvesse um televisor para ajudar no controle do pensamento e da natalidade das gentes menos abastadas e esclarecidas da classe proletária. De modo que aos sábados, após o banho de cuia no tanque do quintal e a pouca opção do jantar, iam assistir ao "Primeira Exibição" na preto-e-branco de Dona Selma, viúva do ferroviário Sérgio Moraes e prima-irmã de Seu Inácio Correia.

Alguns tragos após, ainda com os ombros e a cabeça pendidos para fora do quintal, Aristides pareceu extrair de dentro da nuvem de fumo a coragem que lhe faltara até então. Voltou-se para Mônica e gaguejou estas palavras:

— Tenho algo que preciso lhe dizer.

Ela interrompeu o trabalho mecânico que executava, largou a tampa da cuscuzeira dentro da bacia e descansou as mãos sobre o colo.

— Sim... o que é?

— Tomei uma decisão muito séria.

— Que decisão, Aristides?

— É sobre nós...

— Como assim, o que quer dizer com "sobre nós"?

— É que não dá mais.

— O quê que não dá mais?

— Estou gostando de outra pessoa.

— (...)

Aristides prosseguiu gaguejando explicações e motivos, perscrutando a reação da esposa e gesticulando além da conta. Lançou fora a bituca do cigarro, espa-

lhou o suor na fronte calva e variou as mãos entre os bolsos da bermuda e os cabelos da cabeça.

O relógio da parede marcava cinco para as onze horas. Ouvia-se dentro da noite o roncar dos últimos ônibus coletivos. Inerte, macambúzia, Mônica não disse palavra. Apenas ouvia o circunlóquio do marido, sentada à outra extremidade da mesa, os olhos caídos sobre o colo, o paninho de pratos apertado entre as mãos volumosas e afeitas ao labor doméstico.

Afora o curso de corte e costura à tarde e as incontáveis ocupações de dona-de-casa, dava um duro tremendo com os montes de farinha de trigo na grande tábua improvisada do alpendre.

Ali engendrava toda sorte de doces, bolos e salgados. Serviço laborioso e braçal. Não raro acordava madrugadinha para tocar o ofício culinário. Bastava-lhe que houvesse encomendas. Num mês de maior demanda, chegava a bater o saláriozinho de professor do marido.

Após o longo e desconfortável silêncio em que mergulhara, a mulher encrespou os ânimos e partiu para as vias de fato. Aos vinte e quatro anos, mantinha um porte atraente e respeitável. De tão agudos e firmes, os seios de Mônica mais pareciam dois picos do Cabugi reproduzidos em carne humana. As ancas eram bastante fornidas; os braços e pernas, saudios e fortes.

Princípio da tarde, quando cruzava o pátio da Boa Vista para ir tomar as aulas de corte e costura com Rita Baiana, arrancava olhares pegajosos e silvos indecentes dos cassacos envolvidos na construção da estrada de ferro de Vila Nova a Camucim.

Quando punha sandálias de salto, Mônica ultrapassava o esposo em pelo menos quinze centímetros. Já este, míope

e retraído, possuía estatura pouco recomendável para certos enfrentamentos da vida conjugal. Daí o apuro em que se metera o filho caçula de Dona Eugênia e Seu Inácio Correia.

De início, Mônica o procurou atingir com o pano de pratos. Em seguida arre-messou-lhe as frutas de plástico dispostas na travessa sobre a mesa. Empós vieram as tamancadas e o cabo de vassoura. Não digeria, em hipótese alguma, que o marido houvesse se apaixonado por outra.

Começava assim a via-crúcis de Aristides, já um tanto habituado a ouvir cobras e lagartos da mulher:

— Qual o nome da vadia?! Vamos, me diga logo quem é a piranha!

— Acalme-se, olha a vizinhança...

— Que se dane a vizinhança. Não vivo à custa de vizinho.

— Ao menos tenha um pouco de calma.

— Não quero me acalmar.

— Mas preciso que aja com maturidade.

— E você está se saindo um moleque, um cachorro safado.

— Vamos conversar civilizadamen...

Esquivou-se de nova tamancada.

— Procure ficar calma...

— Já disse que não quero me acalmar, droga!

Cerca de meia hora depois, à custa de muito esforço e novas argumentações, tendo os cabelos incrivelmente revoltos e os olhos precipitados para fora das órbitas, ele conseguiu serenar a esposa:

— Se você refletir um pouco, se pensar melhor, há de convir que não vale a pena continuarmos assim. Chegamos a um ponto onde a única coisa que nos resta

é isso. Depois você mesma vai concordar comigo.

Foi em vão.

— Desapareça da minha vista! — disse num soluço de fragilidade e rancor, pois dentro em breve ela retomaria toda a discussão e o comportamento agressivo de há pouco.

Naquela mesma noite, portanto, Aristides saiu de casa. Partiu rua a fora com a pequena bagagem que pôde reunir aos trancos e barrancos. Pesava-lhe sobre as costas os agravos da mulher e o olhar disfarçado dos vizinhos através das rótulas e cortinas.

Enquanto virava a esquina do frigorífico, ouviu ainda este último desaforo gritado por Mônica do portão de casa:

— Tomara que morra! E sentou-se no batente para chorar.

Na noite seguinte, ainda mofino e constrangido, Aristides chegou ao colégio onde ministrava suas aulas de química e matemática. Exibia no próprio rosto as conseqüências da difícil “conversa” com Mônica. Pouco acima do supercílio esquerdo, mal encoberta por um band-aid que já começava a se desprender, tinha uma ranhura fina e avermelhada.

Sentia-se péssimo, tanto do ponto de vista físico quanto moral. Apesar das agressões e praguejamentos, nutria por Mônica um enorme afeto e consideração. Confortava-o tão-só a esperança de melhores dias ao lado dessa outra pessoa que ele preferiu manter anônima e distante o tempo todo. Apostaria uma vez mais na difícil arte da vida a dois.

Mônica haveria de encontrar um bom sujeito, um homem que a fizesse feliz, que soubesse encontrar amor e paz onde ele apenas encontrara fracasso. Pensava

agora num futuro de novos sonhos e planos. Considerava, enfim, a possibilidade de ser pai. Isto acalmou-lhe um pouco o espírito convulso. Lembrou-se de que um mês atrás completara vinte e seis anos, idade boa e suficiente para assumir o grande compromisso da paternidade.

Mas uma estranha angústia e um mau pressentimento aterrador vieram ocupar-lhe o peito.

— Tomara que morra! — recordou as últimas palavras de Mônica, gritadas do portão de casa enquanto ele virava a esquina do frigorífico. Buscava concentrar-se no trabalho, no entanto aquelas palavras repercutiam na sua consciência feito uma sentença de morte.

A classe estava em polvorosa. Os alunos abordavam os temas do momento, palestravam sobre conquistas amorosas e questões do futebol. Aristides permanecia alheio à balbúrdia estudantil. Pingava com automatismo e desgosto as notas sobre as provas que corrigia ali mesmo em sala de aula, última turma do período noturno.

A sirena tocou pontualmente às nove. Os alunos debandaram como se fugidos de um incêndio. Era sexta-feira, final de campeonato na televisão. Recolheu a caixinha de giz e os livros sobre o birô no canto da sala. Carminha, aluna da oitava série, foi encontrá-lo à porta:

— Ela me pediu que lhe entregasse isto, professor.

— Obrigado.

A moça era sua vizinha na Rua da Aurora. Pela delicadeza e consternação no tom de voz, por certo ouvira o escândalo da noite passada. Trouxera um bilhete de Mônica. Provavelmente lhe pedindo desculpas por tudo. Talvez um seu últi-

mo gesto de afetividade para tentar reaver o marido extraviado. Mas não havia mais tempo para a reconciliação.

Ele guardou o papel no bolso da camisa e subiu a calçadilha das séries menores. Os sapatos gastos rilhando na areia do piso, a calça de muito pano agitada ao sabor do vento. Buscou logo a saída. Tomou a rua da escola e caminhou em direção à parada, os compêndios apertados sob o braço, os óculos faiscando à luz amarela dos postes.

— Tomara que morra!

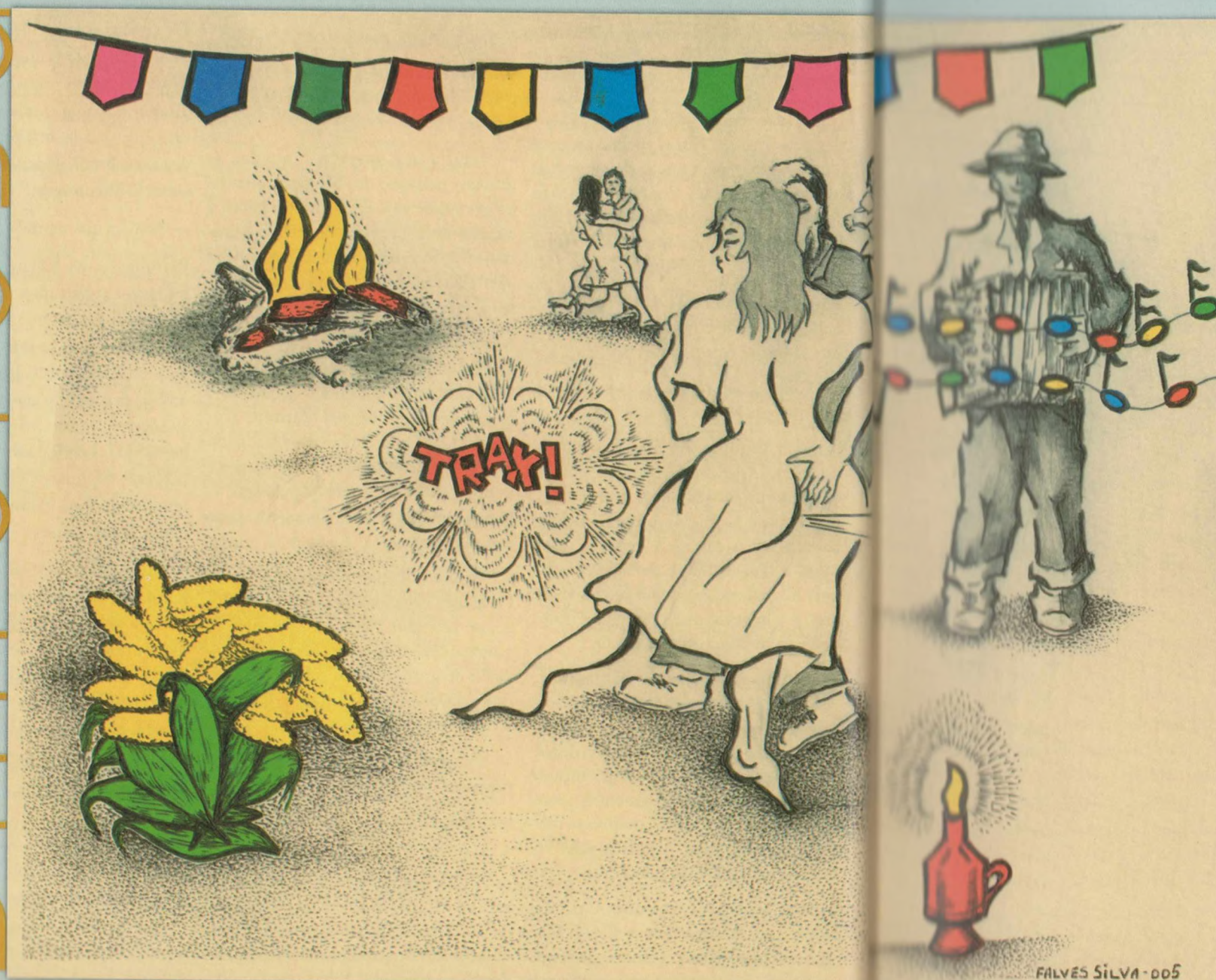
Recordou-se do bilhete. Fez menção de retirar o papelzinho, mas conteve-se. Deu pelas moças que se aproximavam, alunas da escola. Ia mais uma vez levando a mão ao bolso, quando avistou o ônibus deixando o ponto. Na pressa de alcançar o veículo, não reparou no jipe da cantina. Logo se formou o círculo de curiosos: Algumas alunas o reconheceram de imediato. Entre estas, Carminha, que desabou a chorar.

O motorista atropelador ensaiou levá-lo à Casa de Saúde, mas fizeram-no ver que era tarde. Um senhor de chapéu se dignou a colher os objetos espalhados. Trouxe-os para junto do corpo. Alguém cochichou no ouvido do motorista do jipe e o sujeito cuidou de evadir-se.

O impacto o arremessara sobre o canteiro do seminário. Não mexeu um só músculo, nenhum espasmo ou contração. O olhar fixo em parte alguma, apagado como o dos peixes fora d'água. Apenas uma lágrima de sangue aparecia no canto da boca. Um pé sem o sapato, os óculos rachados e o bilhete lacrado dentro do bolso, sobre o coração sem vida. ■

Sinforosa

Sinforosa



Chico Preá

ilustração: Falves Silva

Mulata esculpida a canivete. E gostando de roupa grudada no corpo, cada curva era um convite.

No forró de São João, da Milona, na casa de Manuel Saturnino, Sinforosa era a rainha. Negar uma dança, não podia. O pagamento da cota assegurava aos pretendentes a aceitação do apelo. “Essa dança pufavô”!? O mais que a cavaleira podia era pedir um adiantamento até o bis. Toda música executada por Caidim, sanfoneiro da região, tinha de ser repetida. Apenas o bis era um pouquinho mais curto do que a primeira execução. Regras não escritas, mas tão cumpridas quanto fila de banheiro ou pule de jogo do bicho. Num tinha isso de Constituição ou Lei Ordinária, dessas do legislativo, que ninguém cumpre. Não. Essas regras do costume popular existem e são cumpridas. As outras, essa dos Códigos ou de Constituinte, são cantos de mãe-da-lua; ouve-se, mas ninguém sabe onde.

Sinforosa havia ganhado de presente um corte de tecido, de um caminhoneiro, desses panos do Paraguai que é uma mistura de seda e plástico. Impermeável.

Mandou fazer um vestido com as medidas da sua pele. Até para vestir dava trabalho. Só se sabia que era roupa por conta da cor berrante. Vermelho e amarelo, juntos e misturados. Com pequenos espaços pretos, que acentuavam o colorido, O vestido foi executado para o “samba de Mané Saturnino”.

Fogueira, milho assado e peido de véia. Esse último é um pequeno traque, com

o que os moleques espalham as brasas da fogueira.

Só que esse nome tem a ver com esta história.

Zé de Têca, abreviatura de Tereza, sua mãe, vinha de olho em Sinforosa há muito tempo. Tirou para dançar. Não aceitou desculpa do bis. Queria na primeira parte. Forró longo, de Lamartine Babo. “Ai que saudade que tenho” ... “das noites de São João”...

E se foram agarradinhos, no piso de barro socado da latada de seu Mané Saturnino. Mão esquerda dele na mão direita dela. Mão direita dele apertando a cintura, na fronteira da bunda dela. Coxas batendo nas coxas, lentamente, não importando o ritmo de Caidim. O queixo de Zé de Têca posto em sossego no ombro esquerdo de Sinforosa. O sossego de cima não era o mesmo lá de baixo. Em Zé, a excitação. Em Sinforosa, o aperreio causado pelo desassossego que a batata com leite, da ceia de boca da noite, resolvera fazer em hora tão inconveniente.

A primeira bufa ainda esperneou para sair pro meio do tempo. Mas não pôde, porque o tecido era impermeável. Espremidamente atravessou a cintura, passou pelas costas e foi se alojar no nariz de Zé de Têca, que repousava no ombro de Sinforosa. Coitado. Não podia abanar, pois a mão esquerda estava presa na mão da cavaleira e a mão direita estava ocupada nos quadris de Sinforosa.

A segunda bufa já foi mais franca e mais braba. Deixou Zé sem fôlego. Lá por baixo, baixou tudo.

Quando vai passando o tirador da cota, Zé de Têca aproveitou e ofereceu o par, soltando Sinforosa: “Você quer o bis?”



Antepenúltimo aviso da sala dos esquecidos

Carlos Gurgel

Ouçã bem: reinventar o universo é cantar a poesia de quem acredita na vontade das pedras que ladrilham o caminho da liberdade, como pássaros que cantam o canto da passagem que nunca é a mesma.

È cantar como a verdade que explica que somos feitos de mola, ressoando acentos, peças que acertam o alvo.

È o obscuro de quem não diz fácil, produz o verbo que a língua come. Recorta folhas e falhas. Pílulas que brilham na gramática que hospeda gritos e sussurros. Revira sóis e a vela que promete, a promessa do chão que não tem fim.

Assim é quem procura e descobre que a vida pode ser o biscoito fino do lado B. De quem no atalho demonstra frieza e suados pés, se reencontra com a música de quem sonhou, de quem conquistou platéias.

Pode ser também que Gandhi, na sua íntegra identidade, formule a voz de quem pensa e também voa. Com sua poesia, com seus grafites, com sua insuspeitada vanguarda, suas paisagens.

Ele tão bem fermentado, transparece bondade e rebeldia. Disposição e calafrios. E a vontade de brincar com hinos e harpas faiscantes. Provocando sangue e rito.

Pois Gandhi, se flecha em copas, copos e cipós da terra, que um dia haverá de nos brindar com suas sementes. Ele (Gandhi) e ela (a terra), serão como a guerra promerida. Despedaçando ossos de quem não pariu.

Pois, os cipós que nos são permitidos ver, estão todos maduros e prestes a avançar sinais, desentranhando do caule e da flor a paisagem

de quem sempre necessitou da lenha, do fogo, da celebração dos nossos olhos e mentes.

A música de Gandhi, a poesia de Gandhi, as cores de Gandhi são profundas. Néon e louca. Exatamente iguais aos pedidos da demência dos desvalidos. Elas borrifam e almejam o jardim de quem ousou com suas pétalas, folhas, escolher o caminho que lapida e ultrapassa perdões.

E assim, com gestos e gostos, que a arte que Gandhi cria, eleva o voo. Ele é dândi, porque além de ser Gandhi, desfolha o brasão que compreende falas. Se comporta no mar que salva corpos, alimenta a fama de quem jejua.

Gandhi é mensageiro do mais. Ele sempre quer ludo. Dentro da esteira que transbor-da, insufla o enxame da verdade que dói nos olhos de quem nunca parou para pensar que somos feitos de átomos, ácidos e azougues.

Assim, todas as letras corrosivas que ele produz e que pelas suas mãos desejadas de tontas cores e dos seus sons que estejam no íntimo dos que respiram perdidos paraísos; Gandhi também é crucifixo, ora e desova no mar da descrença, da falta de coragem, a velocidade que só o pensamento dele compreender ser.

Ele é ex tudo. Anacroniza posturas, fervuras e verduras. Nos seu jardim, jejua o chá dos cinco recados capitais. Agoniza ao redor da maçã que o paraíso partiu. Celebra calafrios, desafios de quem sempre beijou a morte: somos mortais sim, mas revestidos pelo amuleto que a espinha do sal cinge, e da gema, que a clara do novo atinge.

Pois que Marcelo, com sua infinita bondade, nos brinde com seus anéis que alimentam os sois que aguardamos e queremos.

Que Marcelo, com sua cabeça raspada, tinture todos os nossos pensamentos, como pintu-

ra que requer paixão, incontidência e prazer. Tudo como se fosse nosso lugar e ao mesmo tempo, absolutamente cosmopolita.

E que no som de Gandhi, híbrido, tribal, transfiguremos de alegorias. Contagiando o lixo, o léxico, o breu e o céu.

E que no seu semblante, de nuvem, de fumaça, de vestígio e de sombra, organize festins, *raves*, celebrações, aquíferos de elétricas pontes, prenúncios e provérbios de nossa infinita ociosidade.

Pois só assim, conjugando hóstias profanas, o seu som, a música de Gandhi, com todos nós, como hóspedes de todo esse beréu divino, promoverá tantos rumores. Estilhaçando a timidez, a sisudez de quem pensa que criar é simplesmente vigiar o portal onde nascemos.

Tudo ao som do seu ser, seu véu. Como uma nuvem que desfolha chuvas de amigos. Transmutando-se.

E que no seu cordão encantado, o sangue que ele pulsa é o mesmo que ele pode. E que possa trazer de volta a vida, que a vida nos tirou. Como só a poesia e esta música conseguem.

E que o universo de Gandhi que está no seu nome, é o mesmo que está lá. Ainda anônimo e incrédulo, mas sabedor que a terra que queremos é fruto de muita meditação. Como enxáguie de corpos, no som da liberdade.

Pois Marcelo pulsa. Urra e farreia. Farela o segredo que o sêmen da vida virou. Pois a lua toda vermelha espelha a esperança que a intimidade do ar revelou-se toda silenciosa.

E que Marcelo Gandhi, ao redor dos seus prazeres, possa nos presentear o uivo vivo dos agregados do *happening*. Como só a sua sábia mente encerra.

POESIA POTIGUAR

Lívio Alves Araújo de Oliveira nasceu em Natal, em 1969, e desde criança inaugurou uma íntima relação com o mundo dos livros e da literatura, escrevendo textos, em forma de contos ou crônicas, num pequeno caderno de redação proposto por sua professora de Português. Mais tarde, passou a escrever poemas, inspirado pelas crises da adolescência e pela leitura de grandes poetas como Augusto dos Anjos, Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, além dos poemas musicados de Vinícius de Moraes. Publicou três livros: "O Colecionador de Horas" (AS Editores – 2002), "Bibliotecas Vivas do Rio Grande do Norte" (Sebo Vermelho - 2004) e "Telha Crua" (Sebo Vermelho – 2004), com cujos poemas ganhou os prêmios Othoniel Menezes e Luís Carlos Guimarães, em 2004. Lívio também recebeu menção honrosa no Prêmio Zila Mamede, de 2004, e um 3º lugar no Concurso de Poesia da Justiça Federal/RN, do mesmo ano.

NOITE DE PEDRA

*A porta da terra
dos pais da minha mãe
não é arco triunfal.
É barranco.
De um lado,
as águas do açude
em que cai a minha lágrima.
Do outro,
plantação infinda
em que bóia o meu sorriso.
O mata-burros
não me impede
de entrar
na noite,
mundo de outrora.
Passo em meio ao cantar
das aves oníricas,
sentindo o peso do vento
que machuca meu rosto.
Olho para um céu
que não deixou partirem
as estrelas da minha infância.
Continuo no caminho,
maravilhado com os pavores provocados
por histórias de escuridão mitigada,
enganada por lamparinas
que produzem sombras
na noite infantil.
Uivos de raposa,
mugir de gado,
saltos iminentes de feras.
Companheiros imaginários,
fantasmagóricos.
Com eles, minha estrada se prolonga.
Cascalhos, pedras de fogo,
estreita vereda áspera,
doce poeira nas narinas e lábios.
Chegar demora,
mas o etéreo sonho se concretiza, enfim:
A vista de algarobas, mandacarus e melancolia,
na precipitação do poço de pedras.
A percepção da alva louca casa,
onde pende, num paredão,
a caveira do touro Diamante,
triunfo da não-memória,
poço que não seca,
aguardando que amanhã, talvez,
virá escondido, em sótão negro,
de tábuas rangentes,
o inexplorado do menino,
que, incauto,
ainda brinca nas alturas.*

O BARRO VERMELHO

*A argila,
sorvendo a água escorrida,
envolve os dedos
que acariciam a massa.*

*Mãos,
formando losango interno,
definido,
almejam a integração da peça
em corpo novo.*

*A massagem,
latejando no corpo,
é aliciamento de que não se foge.*

*O rubor
da dura terra molhada
anuncia o passeio ondular
que persegue o ponto de ingresso,
mole, macio,
senha de olhos e de língua.*

LEITO

*O óleo
de castanhas,
queimadas em lata,
remonta o dia
da febre infantil.*

*A camisa branca,
colegial,
resta manchada
da dor de abril.*

HIPERREAL

*Visito a casa pobre,
rural,
onde o doce do melão
me foi servido por primeiro.
Bebo água de pote –
vinho de minha infância –
em caneca amassada, de alumínio.
Sento na cadeira de cordas plásticas.
A dona gorda, desdentada,
com pés chatos, descalços (cercas de joanetes),
é que me sorri,
alargando a bocarra,
bizarro corte.
A imagem religiosa na parede
aponta um coração coroado:
O rei último,
fonte derradeira.*

VISITA NOTURNA

*Não reconheço a voz rouca e doce,
negra,
que invade meu quarto.
Recebo-a, mesmo assim,
nos lençóis,
revolvendo meu sonho proibido
de menino.*

LEMBRANÇA

*Besuntarei tua máscara
em óleo de linhaça.
Lançarei ao mar
lantejoulas de teu negro vestido.*

*O azul de teu olho
guardarei no poço fundo
cavado em meu peito.*

FORNALHA

*Na estrada longitudinal
das tuas costas tensas
larga-se a mala
de retalhos e gozos
originais.*

*Se não identifico
a tua face,
teus cabelos teimam
em me guiar.*

*Às mãos,
os cachos presos,
moidos à boca.*

*Irrompe-me o grito único,
perplexo,
na balbúrdia das veredas penetradas
de teu plástico corpo.*

*O trajeto é tenso,
suor e cantos gemidos,
massas em desalinho,
que se acomodam.*

*O ponto místico,
entre loucura e desvelamento,
carrega-me de forças equíneas
e chagas
de fome jamais saciada.*

AÇUDE

*Forma caudalosa,
cercada de algarobas e sonhos.*

*À margem, passa a vida
do homem e da mulher
com sorte de perenidade.*

Posição ao sol

faz reluzir a cena da canoa.

O menino engendra

o gesto ao longe

e aponta para água

de peixes de razante.

Os matos crescidos

na geléia fria

do poço imenso,

misturam à densidade

de um tempo que flui,

sem se sentir,

a aspereza da vida barbada

do homem que observa,

sentado, frente ao infinito,

buscando o horizonte

de mil pássaros,

cortando o sol.

Dor de sangue

no sertão do Cauaçu.

ALPENDRE

*O pé que soçobra na parede
ainda empurra a mística rede
de devaneio noturno.*

Ao suor se chega a sede

de boca curtida,

copiosa,

da lida quente e inabalável

do dia.

A mesma rede

embala o desejo

que range

no torno

e no entorno

da vida.

DESEJO DESTINO

Tuas costas

me recobram o sonho torto.

Meu toque é fenda,

viagem absorta e eterna

de volta ao tempo

que tive

e que já não tenho.

Do céu inóspito,

em teus seios,

sou louco viajante.



Rubens Lemos Filho

(Jornalista)

Na cabeça dele, um homem é de verdade se tiver um time de futebol para torcer. Por isso, ele se considera assim na plenitude. Não basta uma mulher, um carro ou uma casa de conjunto habitacional, paisagens monótonas de tão parecidas. Nada disso, segundo ele, é a fidelidade absoluta. Há os que se separam, os que trocam de carro e os que vendem ou alugam seus imóveis. Há, em escala ascendente, os que negociam a alma. O seu time, jamais, será objeto de permuta, sentimental, material ou imobiliária.

Há algum tempo, o homem convicto vem se preparando. Ajeitando a camisa como se fosse o traje de uma formatura que nunca estará no seu currículo simples. Acorda, abre a gaveta, beija a camisa, guarda para cumprir o ritual no dia seguinte. Tão inédito quanto a mesmice que não existe para os apaixonados.

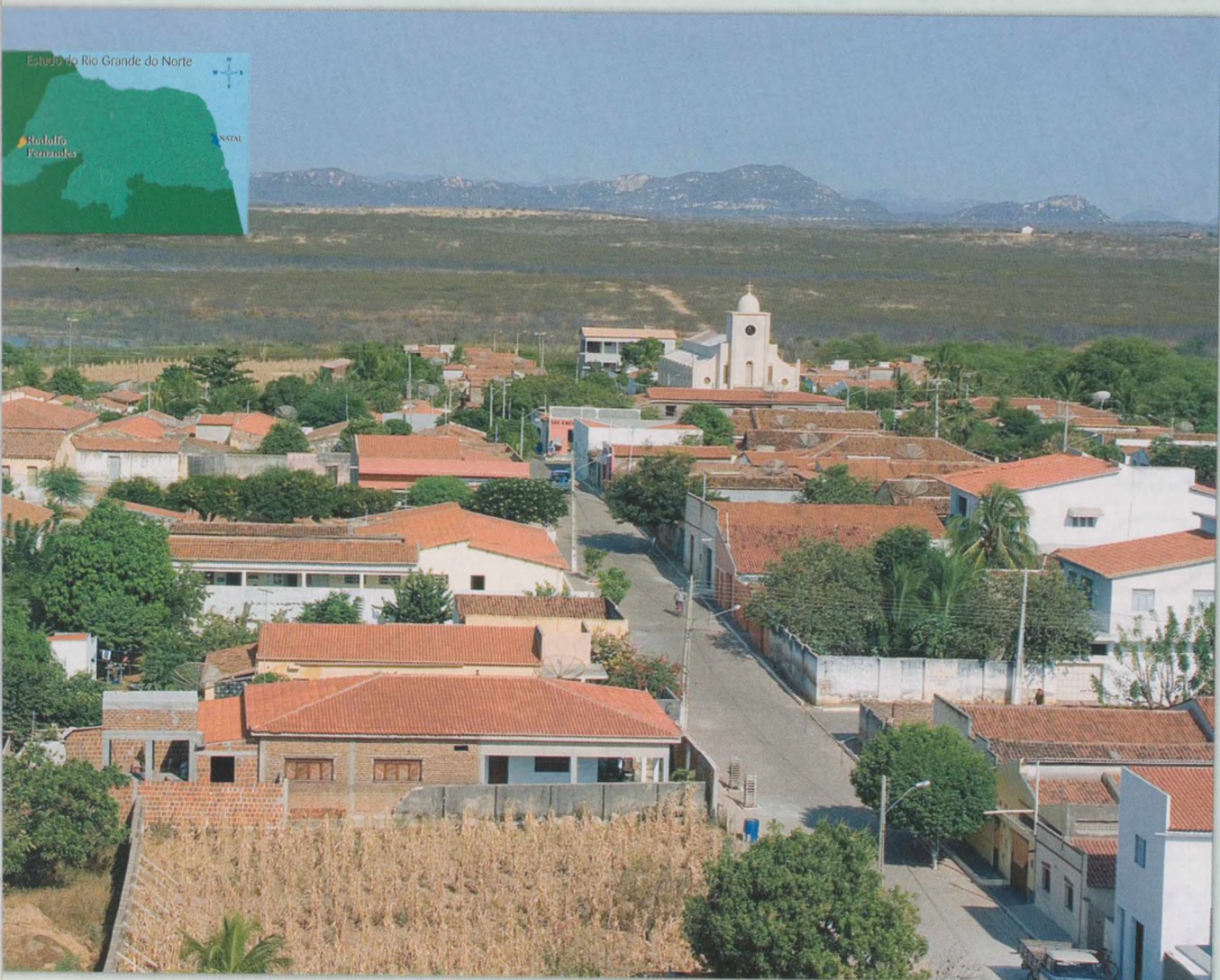
Foi duro, amargo, suportar tanto tempo de mergulho no passado, nas fotos an-

tigas, nos jornais amarelados de poeira. Uma angústia que nem Graciliano Ramos descreveria com tamanha precisão. Uma dor que nem Antônio Maria seria capaz de simplificar numa crônica antológica.

Ao homem que não liga para a estética, a cibernética ou a didática, é torturante a ausência física do seu time, do contato úmido com a arquibancada, da bebida com churrasco vagabundo, melhor do que o caviar que ele conhece ao ler páginas gastronômicas de revistas emprestadas. Futebol pela TV, nunca! Fizera um pacto com a própria consciência de que a imagem a ser vista é a do seu time, casto e puro como os de virgindade intacta.

O tempo passou. Para ele, uma sentença de prisão perpétua. A contagem agora é de horas, minutos, centésimos, espasmos. Ele vai abrir a gaveta, suar a camisa, gritar com a força de tanto amor guardado.

E fechar a gaveta outra vez. Seu time voltou, fracassou e a sua vida está perdida. Sorte dele não ter uma arma em casa. ■



RODOLFO FERNANDES

“Meninas das covinhas” atraem romeiros



Isolada na paisagem seca, igreja das covinhas recebe fiéis de todo Brasil

Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

O antigo povoado de São José dos Gatos, a 390 km de Natal, não quer ser conhecido apenas pelo tradicional “Araraíá de rua” realizado desde 1985. As brincadeiras do gato no pote, pau-de-sebo e corrida de jegue, resgatadas no período das festas juninas, serviram de incentivo para os jovens desenvolverem outras atividades culturais ao longo do ano. A malhação do judas, transformada em dança com jovens vestidos de papiangus, o Araruna e os Cabocolinhos mantêm a juventude de Rodolfo Fernandes envolvida com a cultura popular e longe da criminalidade.

A história de São José dos Gatos teve início com a construção do Açude São José, em 1921, graças ao espírito empreendedor de Francisco Régis Filho (1884-1967), antigo comerciante de Apodi e

proprietário de terras com grande quantidade de gatos-do-mato, conhecidos na região como maracajás. Pouco tempo depois, o comerciante mandou construir a Capela de São José, uma homenagem ao santo mais popular da região, a quem o homem do campo devota a esperança de um bom inverno. A localidade, até então conhecida como Serrote dos Gatos ou Fazenda dos Gatos, ganhava assim o nome de São José dos Gatos.

O nome curioso do lugar permaneceu por várias décadas na boca do povo. A homenagem a Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins (1872-1927), comerciante e salineiro, conhecido por organizar a emboscada contra o ataque de Lampião e seu bando a Mossoró, só foi oficializada em 1962, quando o distrito foi desmembrado de Portalegre e tornou-se município independente. Mas a história mais interessante de Rodolfo Fernandes não diz respeito ao antigo nome do município. A grande seca de 1877, período

em que o povo teve que comer couro cru para sobreviver, deixou cicatrizes na história de Rodolfo Fernandes.

O município, naqueles anos de seca, não era mais do que um local de passagem para retirantes em busca de melhores condições de vida. Os flagelados da seca cruzavam a paisagem árida entre a serra de Portalegre e o Ceará para chegar ao vale do Apodi, um pouco mais ao Norte. Os mais frágeis morriam de fome e sede na caminhada. A história das “peregrinas da seca”, duas crianças que teriam morrido naquelas terras por volta de 1877, até hoje é contada pelas ruas de Rodolfo Fernandes.

O local exato da morte das peregrinas, onde teriam sido encontradas duas covas cobertas, de pedra, é ocupado por uma igreja. O agricultor Bento Honório, 77 anos, devoto das “meninas das covinhas”, conta a história completa das retirantes. É ouvir para crer.



As visões de Bento Honório

Quem avista de longe a pequena igreja erguida no sítio Sossego, na divisa de Rodolfo Fernandes com Potiretama (CE), não imagina a história que envolve o lugar. Se a igreja está lá, muito se deve à fé de Raimundo Honório Cavalcanti, o Bento Honório, proprietário da terra onde foi construída a capela. A “igreja das inocentes das covinhas” recebe romeiros de toda a região Nordeste. O dia 12 de outubro é celebrado com uma missa campal e distribuição de brinquedos para crianças carentes.

A igreja fica isolada, a 4 km do centro de Rodolfo Fernandes. Quase perdida no meio da vegetação seca da região. Um pé de pereiro, ao lado do templo religioso, é a única árvore do local. Está florindo. A poucos metros da igreja, o agricultor construiu um pequeno cruzeiro. Do patamar da igreja, os visitantes podem avistar as serras de Portalegre e Martins.

Bento ouvia falar da existência das “covinhas” desde criança, mas só em 1980, quando diz ter se recuperado de uma doença grave, foi em busca do local de sepultamento das retirantes da seca. A avó do agricultor, Mãe Cândida, costumava contar a história aos netos. “Ela tinha dez anos em 1877”, comenta.

Os anos de 1877 a 1880 foram marcados pela forte estiagem. Conforme relatos de jornais da época, a grande seca vitimou mais de 500 mil pessoas em todo o Nordeste. As “peregrinas da seca” seriam duas crianças que atravessavam a região acompanhadas dos pais, mas sucumbiram diante da falta de água e alimento. Naquela época, as terras do sítio Sossego pertenciam a Luís de França de Oliveira, tetravô de Bento Honório.

O agricultor passou a infância no sítio Riachão, ao lado da propriedade que viria a ser sua tempos depois. Já nos anos 50, mais precisamente em julho de 1953, Bento Honório comprou o sítio Sossego a José Cardoso, agricultor que tinha a posse das terras na época. “Juro perante a Deus que não sabia onde eram as covas”, salienta.

Os anos passaram e Bento diz que continuou sem saber o local exato da morte das peregrinas da seca. Até que em agosto de 1980, o agricultor adoeceu, sendo levado para o hospital de

Itaú. Era um domingo, quando Bento diz que teve a primeira de uma série de visões. “Estava no quarto, rezando, quando tive a visão das duas meninas”.

O agricultor ficou hospitalizado em Itaú, município a 15 km de Rodolfo Fernandes, por três dias até o médico decidir por sua transferência para Fortaleza. “Mas pararam em Mossoró porque achavam que eu não terminava a viagem”. Bento foi internado no Hospital Almeida Castro com suspeita de hepatite, mas os exames não confirmavam a doença.

Segundo o relato do agricultor, os médicos mossoroenses, entre eles o ex-deputado Laíre Rosado, requisitaram sua transferência para o hospital Fernando Távora, em Fortaleza. Ao chegar na capital cearense, Bento teria sido isolado por acreditarem ser uma doença contagiosa. “Era um sofrimento grande. Retiraram sangue e enviaram para o Rio de Janeiro, para fazer um exame que só era feito lá”, lembra.

Enquanto o resultado do exame não chegava, Bento diz que ficou “nos aparelhos tomando soro por quatro dias”. Emocionado, o agricultor lembra do episódio mais marcante em sua vida. “Vi uma mulher de branco e duas meninas entrarem no quarto e desligarem os aparelhos”.

Bento não tem dúvidas de que se tratava de mais um aviso para ele encontrar as covas e cuidar do local até o resto da vida. Ao ver os aparelhos desligados, o médico perguntou ao agricultor quem autorizou a retirada do tubo de soro. “Achavam que eu estava tendo alucinações”, conta, abaixando a cabeça e colocando as duas mãos sobre o rosto.

Naquele momento, Bento pediu ao médico, encarecidamente, para autorizar a entrada de sua esposa no quarto do hospital. Maria Sinhá Cavalcanti, mulher do agricultor, foi autorizada a entrar. “Querida dizer para ela que, mesmo que morresse, ela mandasse fazer um túmulo nas covinhas”.

O resultado dos exames feitos no Rio deram negativo. Ferrovoso, Bento já não tinha mais dúvidas que iria recuperar a saúde. Rezava todas as noites. O agricultor afirma ter tido um último aviso através de um sonho. As duas meninas apareciam e teriam dito “pelos poderes de Deus o senhor está curado”.

O agricultor afirma, novamente sem conter a emoção, que teria visto no sonho “duas covinhas cobertas de pedra”. Os médicos, atônitos, não tinham explicação para o caso do paciente. “A junta médica se reuniu para discutir o que fazer comigo. Passei mais vinte dias no hospital até receber alta”. Bento diz que foi submetido a exames regulares após deixar o hospital, mas nada foi constatado.

A primeira atitude de Bento ao deixar o hospital Fernando Távora foi seguir para o centro de Fortaleza em busca de um cruzeiro que pudesse ser fincado no local das covinhas. O agricultor comprou um cruzeiro de madeira e retornou a Rodolfo Fernandes. As covas foram localizadas a 1 km da casa do agricultor. “Era um amontoado de pedras cercadas por mato”.

A igreja, construída com a ajuda da população local, foi erguida em torno das sepulturas. O local das covinhas, em frente ao altar, foi preservado. Sobre as pedras que cobrem a sepultura são depositados chupetas, mamadeiras e pequenos brinquedos, objetos que as meninas nunca puderam ter enquanto atravessavam a paisagem árida do lugar em busca de comida e água.

O agricultor mandou construir uma pequena vala em torno das covas para despejar água. Bento coloca água ao redor das covas a cada oito dias. Os romeiros deixam pedidos escritos em pedaços de papel, fotografias, imagens de santos e relatos de graças alcançadas.

O padre Netinho, pároco de Portalegre, celebra missas na igreja todo os meses. A maior celebração acontece no dia 12 de outubro. Durante a missa campal em homenagem às crianças, alguns romeiros costumam dar o testemunho de graças alcançadas. Outros mandam por escrito. O agricultor costuma receber cartas de devotos de toda parte do Brasil.

Bento Honório não acha que sua missão esteja cumprida. Faz planos de melhorar o local. O agricultor pretende arborizar a área em torno da igreja e busca apoio do poder público para levar energia elétrica até lá. “Quando eu morrer, quero ser enterrado aqui”. Que seja feita sua vontade, mas não tão cedo.



Crianças resgatam danças folclóricas

Apostar no resgate de danças folclóricas é muito mais do que preservar uma tradição. Basta olhar o rosto de cada uma das crianças dançando os Cabocolinhos ou Caboclinhos para ver o semblante de alegria. A dança representa a oportunidade do convívio social sadio e um divertimento para quem não tem muitas opções de lazer.

As danças dos Cabocolinhos, Araruna e malhação do judas envolvem mais de 50 estudantes, entre crianças e adolescentes, das escolas públicas de Rodolfo Fernandes. Maria Efigênia Vieira, 17 anos, aluna do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Doze de Outubro, explica com simplicidade a importância de ocupar o tempo livre com atividades culturais. “Quando a gente se envolve com cultura, deixa de pensar em besteira. É um divertimento”.

Os grupos ensaiam durante todo o ano. O momento aguardado com maior expectativa é a participação na Mostra de Cultura do município. O evento, lançado em 2004, no período das festas juninas, conseguiu se expandir bastante na sua segunda edição. Quase todos os municípios do Alto Oeste enviaram grupos folclóricos para fazer apresentações. Porto do Mangue, no Litoral Norte, também participou. “Neste ano contamos com a participação de 18 municípios”, atesta a professora Neide Nazário Nunes, secretária de promoção social e desportos.





A idéia de ocupar os jovens com atividades culturais nunca tinha sido posta em prática ao longo de todo o ano. As quadrilhas estilizadas, comuns no período junino, costumam passar um longo período inativas nos meses do segundo semestre. O convite para participar da I Mostra de Cultura, realizada em 2003, em Natal, fez a professora Neide despertar para a necessidade de montar grupos que pudessem ocupar os estudantes com mais regularidade.

Ensaiai a coreografia do Araruna, inspirado no grupo do mestre Cornélio Campina, do bairro das Rocas, em Natal, foi o primeiro passo. O aprendizado foi rápido. Os participantes do Araruna já dançavam juntos na quadrilha “Alegria do Sertão” há seis anos. “A música do Araruna já era conhecida aqui, mas nunca tinha sido feita a coreografia”, conta Neide.

*Tenho um pássaro preto / Araruna
Que veio lá de Natal / Araruna
Xô, xô, xô, Araruna!
Não deixa ninguém me pegar!*

Depois de aprendida a letra e formado os 14 pares, o sanfoneiro Zé Ceará, natural do município, foi convidado para acompanhar as apresentações do grupo. O som da sanfona do músico da banda Asas do Forró não deixa ninguém parado. O sanfoneiro passou a animar também as apresentações do malhação do judas, dança adaptada da manifestação tradicional do Sábado de Aleluia.

A malhação do judas, inspirada nos papangus de Major Sales, município do Alto Oeste potiguar, reúne somente rapazes. Os estudantes vestem roupas feitas com retalhos coloridos e máscaras. A dança não fica mais restrita ao período da Semana Santa. O grupo já representou Rodolfo Fernandes em várias festas de padroeiros de municípios vizinhos.

As vinte e quatro dançarinas dos Cabocolinhos também estão prontas para levar um pouco da alegria rodolfense para outros municípios da região. O grupo reúne meninas entre 7 e 14 anos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Para participar, não basta saber dançar. As crianças com melhores notas escolares têm preferência.



Rezadeira vai à escola para aprender a ler

A rezadeira Sebastiana Matias Dantas, 82 anos, a Tiana, chegou a Rodolfo Fernandes no início dos anos 70. “Mas parece que foi ontem”. Natural de Flores, nome como era conhecido o município de Florânia no seu tempo, chegou ao Alto Oeste carregando apenas a fé. “Era só mato por aqui”.

Tiana continua com a mesma disposição do tempo em que chegou a Rodolfo Fernandes acompanhada do pai para trabalhar na Fazenda Águas Belas, próxima da divisa com Potiretama (CE). Não gosta de admitir que já passou dos oitenta. “Não acho que tenho essa idade toda”. Tem muita história para contar. De saída, dá logo o recado. “Se eu for conversar, um dia é pouco”.

Casou aos 14 anos. Teve 12 filhos. “Neto eu num conto não”. A filha Maria de Fátima Matias, 45 anos, acredita serem mais de 60 netos. “Já tem até tataraneto”, diz. Disposta, acorda às

cinco da manhã todos os dias para caminhar. Dança forró todas as quintas na Associação dos Idosos. Voltou a estudar aos 80 anos. Quer aprender a ler. Quando chega à escola, os meninos não compreendem sua força de vontade. Mas ela sabe que nunca é tarde para realizar um sonho. Segue em frente. “Não tive tempo de estudar, hoje tem uns meninos que *diz* – velha desse jeito e indo na escola... Mas eu vou... quero aprender”.

A rezadeira não sabe ler, mas tem a sabedoria que os livros não ensinam. Foi parteira, trabalhou no roçado e até hoje costura tapetes, colchas e roupas. Acompanha as notícias do mundo pelo inseparável Motorádio. “Triste de mim sem meu rádio”. Quando segue a procissão de São José, transmitida pela Rádio Maracajá, anualmente, nunca esquece de levar o rádio escorado no ombro.

Muitas crianças vieram ao mundo pelas mãos de Tiana. Aos vinte e poucos anos, já era uma parteira muito requisitada. “O povo ia buscar ela no sítio, lá no Ceará, de cavalo para fazer os partos”, conta a filha Maria de Fátima. Tiana é uma pessoa reservada. Não gosta de narrar as boas ações que já fez na vida. “Gosto é de fazer a caridade”, diz, enquanto olha para a filha tentando conter o sorriso.

Católica fervorosa, sempre gostou de rezar e freqüentar a igreja. Acompanhou diversas missões de Frei Damião. Assiste a todas as missas celebradas na igreja de São José sempre vestida de branco. Já visitou o Santuário do Lima, em Patu, e vai anualmente a Canindé (CE) acompanhar a festa de São Francisco das Chagas. “Se eu pudesse só vivia andando nestes lugares longes, onde têm estes santos”.

Quando começou a fazer partos, recebia muitos pedidos de orações para os recém-nascidos. “Nunca morreu uma criança na minha mão, naquele tempo não tinha maternidade”. Rezava para tirar “quebrante e olho gordo”. Depois, vieram os pedidos para rezar gado. Tiana se apegou na devoção a Frei Damião, Padre Cícero, São Francisco de Assis e João Paulo II nos momentos de oração.

As pessoas continuam freqüentando sua casa, diariamente, em busca de orações. Algumas pedem conselhos. Atende a todos com boa vontade sem pedir nada em troca. Os que chegam em busca de reza são convidados a sentar de frente para a porta. A seguir, Tiana tira um ramo de manjeriço do pé plantado na calçada e faz vários sinais da cruz com a mão direita.

A rezadeira termina a oração fazendo o sinal da cruz no fiel e apontando o ramo de manjeriço para a porta como se estivesse expurgando os males da alma. Quer apenas seguir fazendo o bem. E não é pouco.

Queijo de coalho como antigamente

O preparo do queijo de coalho, fruto da sabedoria sertaneja, ainda sustenta muitas famílias no interior potiguar. O Sítio Espinheiro, na estrada de barro que liga Rodolfo Fernandes a Potiretama, é um destes lugares em que o preparo do queijo segue artesanal. O primitivismo na feitura do queijo não deve ser confundido com atraso. O sabor do queijo artesanal é imbatível.

Para acondicionar o leite em longas jornadas, os antigos sertanejos usavam estômago de boi ou bode. Ao observarem que o leite coagulava, e que a massa era muito saborosa, passaram a coalhar o leite para fazer queijo. Originalmente, o coalho utilizado era as próprias vísceras de um animal abatido. O produtor de queijo Francisco Aldo Saraiva, 28 anos, já não precisa recorrer ao método primitivo para coalhar o leite, mas procura preservar ao máximo o preparo tradicional do queijo.

As vísceras foram substituídas por um coalho industrial, mas o processo todo continua rústico. Francisco começou sem nada. “Só com a vontade”, como gosta de dizer. Comprava queijo em Potiretama e ia vender em Mossoró. O lucro pequeno não compensava o trabalho, mas foi suficiente para começar a produção própria.

O trabalho começa com o leite sendo despejado no tambor de 200 litros. O produtor coloca três colheres de chá de coalharina e espera a coalhada se formar. O soro da coalhada é retirado e a massa já salgada é fervida com água por 20 minutos no tacho. O soro é novamente escorrido antes do queijo seguir para a prensa de madeira.

Já depositado nos cinchos, o queijo permanece sendo prensado por uma hora. A seguir, o queijo é mergulhado por três horas no soro do leite que havia sido retirado no início do preparo. Depois de molhar o queijo para pegar mais sabor, o produtor arrocha o queijo novamente na prensa e só retira na manhã seguinte. “A primeira luta é virar o queijo”, diz, lembrando que todos os dias, às 5 da manhã, vira o queijo na prensa para deixar bem espremido. Depois de mais uma hora, o queijo de coalho está pronto para a venda.

A queijeira do sítio Espinheiro é recente. A produção começou no início de 2005. Francisco batizou o local de Queijeira São Francisco. O queijo de manteiga também já está sendo feito artesanalmente. Com mais sabor, como antigamente.





O agricultor paisagista

Os canteiros de Rodolfo Fernandes não teriam a mesma graça se não fosse o trabalho artesanal do agricultor Lourenço Rosa Araújo, 58 anos. O homem do campo usa a habilidade de quem há 25 anos faz cercas de vara em fazendas para criar jardins rústicos com pedras, pequenas cercas e cactos. “Aí por fora, chamam isso de paisagismo”, diz.

O paisagista de Rodolfo Fernandes está longe de alcançar o reconhecimento merecido. Humilde, pede apenas para que a população respeite seu trabalho. Alguns arrancam as coroas de frade e outras plantas usadas na decoração dos canteiros. “O pessoal carrega, não sabe dar valor”.



Francisco Cordeiro Silva, o Brasileiro, 65 anos, deixou de ser feirante para abrir uma bodega no mercado municipal. “Vendo todo tipo de catrevagem”.



O radialista escritor

O radialista Kleber Negreiros, autor de “Prova de vida”, conto policial publicado em 2000, pela Coleção Mossoroense, está reunindo fotos antigas e documentos históricos para finalizar o livro “Rodolfo Fernandes, 43 anos de uma história bem contada”.

O escritor sempre teve interesse em pesquisar a história do município. O site rodolfofernandes.gigafoto.com.br, mantido por Kleber, já conta um pouco da história do município e dos personagens que ajudaram o desenvolvimento do antigo distrito de São José dos Gatos. 📖

Resistência da cultura nordestina é espantosa**Por Gustavo Porpino e Racine Santos**

Fotos: Anchieta Xavier

Ariano Vilar Suassuna, 78 anos, é antes de tudo um brasileiro. Defensor da cultura popular e amante das artes genuinamente brasileiras, o escritor, dramaturgo e professor aposentado abriu as portas do seu casarão de 1870, no Recife, para receber a *Preá*. Vestido de camisa e calça de linho branco, e mostrando o bom humor de sempre, Ariano começou a conversa pelos jardins do casarão em que vive, desde 1959. O autor de “O Auto da Compadecida” mostrou o altar erguido no jardim, em frente à fachada de azulejos representando Nossa Senhora da Conceição, N. S. Aparecida e N. S. da Assunção. Os azulejos azuis que cobrem a frente do casarão foram um presente do amigo Francisco Brennand. As esculturas em pedra das santas, criação de Arnaldo Barbosa, dividem espaço no jardim com as várias esculturas em barro feitas pela esposa Zélia Suassuna. O muro lateral da casa tem dois mosaicos feitos por Guilherme da Fonte. Outro painel no jardim guarda uma escultura que representa a sabedoria com a palavra “Sofia” gravada em grego. Entre os dois painéis, o das santas e o da sabedoria, Ariano fez um pequeno jardim florido com uma escultura de duas faces femininas ao centro. Cada face da escultura, feita por sua mulher, está voltada para um dos painéis. A sala de entrada do casarão, onde costuma receber os visitantes, tem várias obras de arte. Duas grandes telas são de autoria do filho Manoel Dantas. Sentado numa das cinco cadeiras de balanço de madeira, com assento e encosto de couro, Ariano falou sobre teatro, literatura, amores e desavenças, Hermilo Borba Filho e Nelson Rodrigues, mas não sem antes surpreender com a verve de suas anedotas. “Eu sou autor de ‘Uma farsa da boa preguiça’. Por mim eu estava era deitado na minha cama”. Antes de começar a entrevista, Ariano fez referência elogiosa ao artigo escrito pelo escritor François Silvestre, “A estética de Suassuna”, publicado em agosto na *Tribuna do Norte*.

Preá – Escrita em 1955, o “Auto da Compadecida” estreou no ano seguinte em Recife. Essa mesma montagem, feita pelo Teatro de Adolescente do Recife, vai em seguida para o Rio de Janeiro. Diferente do impacto causado por “Vestido de Noiva”, sua peça, sem nenhum aparato técnico e sem profissionais no elenco, chamou a atenção da crítica. Como o senhor explica isso?

Ariano – Eu quero dizer, logo de entrada, que sempre achei que teatro é essencialmente o texto e o ator. As rubricas do “Auto da Compadecida” dão inteira liberdade para se representar até sem cenário. O teatro que não se sustenta com o texto e o ator... não se sustenta... porque vai depender de outras informações. Já que você falou em Ziembinski – eu não tenho nada contra Ziembinski (1908-1978) –, quando ele fez aniversário, vieram me entrevistar, falaram da minha dívida para com Ziembinski. Eu disse: olhe, não existe dívida porque eu não devo nada a ele. Mas não estou dizendo isso com mania de grandeza, não é que eu não deva a ninguém, não; mas a pessoa que exerceu essa função que Ziembinski exerceu em relação a Nelson Rodrigues, quem exerceu em relação a mim foi Hermilo Borba Filho. Ele foi meu colega de turma e era dez anos mais velho que eu. Hoje eu tenho 78 anos e não tem diferença nenhuma para um homem de 88. Diferença de dez anos no tempo de hoje, não é nada. Mas, na juventude eu tinha 18 e ele tinha 28. Ele já era casado, tinha uma biblioteca muito boa, já tinha uma independência financeira, que nenhum de nós tinha. E além disso, exercia uma liderança natural e tinha um excelente conhecimento de teatro. Já tinha sido ator, tinha dirigido peças. Foi com Hermilo que eu comecei a me interessar mais diretamente pelo teatro. Embora já tivesse outras experiências. Aos 17 anos de idade, um profes-

sor meu, médico e juiz de direito (ele era formado em Medicina e Direito), lá de Taperoá – uma pessoa inteligente e culta, tinha acesso a Ibsen. Antes de ouvir falar em Ibsen com qualquer pessoa de fora, ele lá em Taperoá, no sertão da Paraíba, me emprestou algumas das peças de Ibsen, e eu influenciado, resolvi escrever uma peça mais ou menos nos moldes de Ibsen. Mas você há de compreender que a Noruega tinha muito pouco a ver com o Nordeste, com Taperoá [risos]. A Noruega com aquele “calor” que a gente conhece, com aqueles “mandacarus”, aquelas coisas têm muito pouco a ver. Pois bem, eu comecei a escrever a peça, mas comecei a sentir alguma coisa em falso no que estava fazendo. E eu tenho um ouvido apurado nesse ponto. Senti que tinha algo errado e parei. Eu já escrevia poesia, continuei a escrever meus poemas, e deixei o teatro pra lá. Quando eu entrei na faculdade de Direito, no ano seguinte, aos 19 anos, dois anos depois de eu tentar escrever a peça “ibseniana”, eu já escrevia os meus primeiros poemas ligados ao romanceiro popular. Aí Hermilo leu e me disse: “Por que você não escreve para teatro?”. E me emprestou as primeiras peças de Lorca. Eu senti outra coisa, agora estava em casa: tinha cavalo, cabra, tinha cigano, tinha tudo que eu tinha lá em Taperoá. Aí eu me empolguei e escrevi a minha primeira peça, “Uma mulher vestida de sol”, para o concurso do Teatro do Estudante. Hermilo começou a querer estimular a dramaturgia e fez um concurso nacional. Eu entrei e tirei o primeiro lugar.

Preá – O texto da “Compadecida” permanece o mesmo de 50 anos atrás? O senhor mexeu em alguma coisa?

Ariano – Mexi muito pouco. Para esta edição comemorativa que fizeram agora, mexi um pouquinho. Vou dizer uma coisa em que eu mexi. Quando eu era

novo, era muito radical. Então, algumas frases que eu coloquei lá, depois me causaram acanhamento, achei que eram uma grosseria. Tem uma cena lá, em que João-Grilo está tremendo e pede a Nossa Senhora ou a Cristo, para deixar de tremer. Aí, João-Grilo diz – “Que tremedeira esquisita, o que é isso?” Ele responde: “Isso é besteira do demônio, esse camarada é meio espírita, tem mania de fazer mágica”. Achei uma grosseria com os espíritas. Então, eu cortei.

Preá – Mas quando João-Grilo se espanta ao ver um Jesus preto e Jesus diz: “Você pensa que sou americano para ter preconceito de raça?” Essa o senhor conservou.

Ariano – Conservei. Porque, veja bem, você deve se lembrar que a “Compadecida” tem alguns elementos de farsa. Eu sei que existe americano bom, como tem gente boa em todo canto. Mas como nação, os Estados Unidos estão exercendo um papel tão horroroso no mundo! Se eles estão fazendo assim, eu engrosso também. Tanto é que nas últimas eleições tinha gente torcendo contra Bush. Eu estava torcendo contra os dois. Por mim, perdiam os dois. Perdia Bush e perdia aquele tal de Kerry.

Preá – Apesar da afirmação do seu teatro a partir dos anos 60, o Teatro de Amadores de Pernambuco, o mais importante grupo teatral do Nordeste na época, nunca montou uma peça sua. Por quê?

Ariano – É compreensível. Porque de certa maneira, nós afirmamos o TEP, e eu afirmei o meu teatro, contra o teatro de Waldemar de Oliveira, contra a estética dele. Tínhamos posições totalmente opostas. Ele, por exemplo, montava peças que a gente chamava de ‘digestivas’, estrangeiras, inclusive. E a gente se batia

danadamente contra isso. No Teatro do Estudante a gente só montava clássicos ou brasileiros.

Preá – Foi o Teatro do Estudante que deu origem ao TPN (Teatro Popular do Nordeste)?

Ariano – Exatamente. Quando o Teatro do Estudante acabou, Hermilo mudou-se para São Paulo. Aí, em 1961 ou 1962, eu fui chamado pelo Reitor da Universidade. Ele queria fundar um curso de teatro e me chamou para dar aulas sobre teoria do teatro. Eu disse a ele: “Olhe, eu só acredito num curso de teatro, se Hermilo vier fazer parte. Ele está morando em São Paulo, mas se o senhor me garantir que ele vai integrar o corpo de professores, eu escrevo uma carta pra ele”. Aí eu escrevi pra ele e ele disse que topava. Escrevi dizendo que ele viesse porque a gente também ia fundar um grupo de teatro. Que eu batizei de Teatro Popular do Nordeste, para a gente repetir a experiência do Teatro do Estudante.

Preá – Foi nessa época, quando Miguel Arraes era Prefeito do Recife, que foi criado o Movimento de Cultura Popular?

Ariano – Foi. E nós participamos. Fui um dos fundadores do Movimento. Mas depois eu rompi. Rompi porque sempre fui contra aquilo que eles chamavam de “teatro engajado”. Vejam bem, eles tinham uma peça que foi escrita para isso, onde havia frases como essa: “É qual é o caminho pra Nova Iorque?”. Aí o outro respondia: “Você vai de Posto Esso em Posto Esso”. Quer dizer, politicamente eu estava de acordo, mas eu sempre fui contra fazer isso com o teatro, teatro panfletário, teatro de propaganda. Eu acho que as idéias políticas, religiosas ou filosóficas do autor podem, e devem, até estar presentes em sua obra. Mas não que ele faça uma peça política ou religiosa. Por exemplo, eu tenho grande admiração por Calderón de La Barca. Ele tem três peças que me marcaram muito: “O Grande Teatro do Mundo”, “A Vida é Sonho” e o “Mágico Prodigioso”. Eu gosto muito dessas três peças dele, mas ele tem uma chamada “Os Mistérios da Missa” que eu, particularmente, acho insuportável, porque ele colocou o teatro a serviço da igreja. Fez do palco, um púlpito.

Preá – Foi desse Movimento que surgiu o Teatro de Cultura Popular, desejado por Luiz Mendonça?

Ariano – Exatamente. Luiz Mendonça, que tinha feito o papel do padeiro no “Auto da Compadecida”, em 1956...

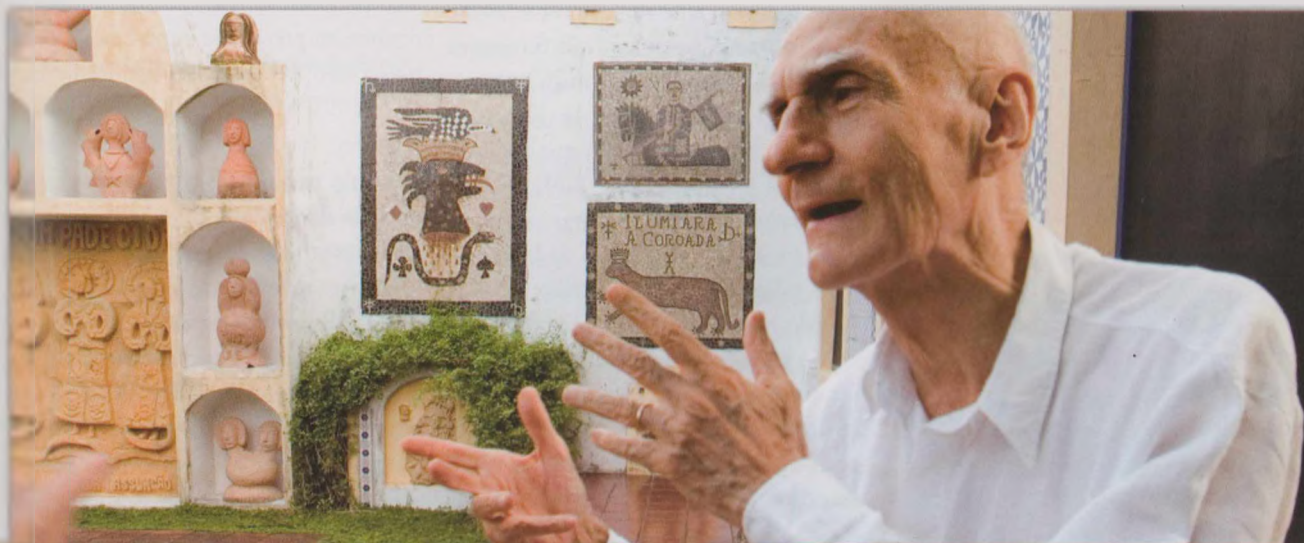
Preá –... e Nelson Xavier?

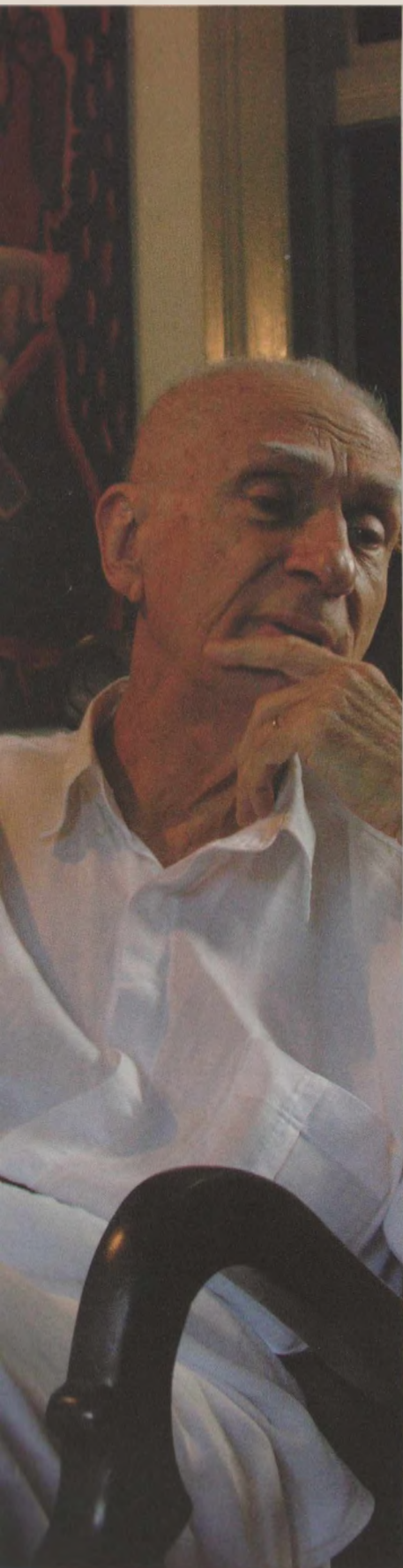
Ariano – Esse era do Partido Comunista, veio para dirigir o TCP e reforçou mais ainda essa linha panfletária com a qual eu não concordava. Aí foi uma briga danada.

Preá – Antônio de Alcântara Machado reclamava, em “Terra roxa e outros termos” (1926), que a cena nacional não conhecia o cangaceiro. Dizia ele que a chave para um teatro brasileiro era a cultura popular. O senhor concorda com isso?

Ariano – Concordo. Olhe, eu gosto muito de Alcântara Machado. Ele tem um conto, “Apólogo brasileiro em forma de alegoria”, que é uma maravilha. E a cultura popular é um caminho para o teatro brasileiro. Veja, é na literatura de cordel onde está o mágico e o maravilhoso. Quando eu escrevi “A Compadecida”, as pessoas me perguntavam: “é uma peça regionalista?”. Aí, para não dar muita explicação, eu dizia: “É”. Tudo isso porque tinha cangaceiro na peça, mas eu sabia que não era.

Preá – Então o senhor é contra o romance regionalista?





Ariano – Não. Eu não sou contra, mas aquilo não me bastava. Eu tinha uma dívida muito grande com José Lins do Rego. Muito grande. Inclusive o assunto de “A Pedra do Reino” é o mesmo de “Pedra Bonita e Cangaceiros”, não é?

Preá – “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, também é de 1955, o ano em que o senhor fez o “Auto da Compadecida”. A década de 50 em Recife era inspiradora?

Ariano – Não... Existia um movimento cultural aqui, que é bem mais antigo por causa do papel exercido por Hermilo Borba Filho. João Cabral, que por acaso tinha sido expulso do Itamaraty por motivos ideológicos (considerado comunista), veio morar aqui na casa do pai dele. Ele era pernambucano e o pai morava aqui. Então fizemos amizade nessa época. Eu fiz amizade com João Cabral e nós escrevemos ao mesmo tempo o “Auto da Compadecida” e “Morte e Vida Severina” e trocamos experiências. Disse a ele uma frase que quando eu era menino usava no sertão. No sertão, quando você vinha na estrada e encontrava um homem morto, principalmente se ele tinha sido assassinado, a pessoa tinha a obrigação religiosa de ficar ali junto, gritando para outras pessoas virem ajudar no enterro. Gritava-se assim: “Chega irmão das almas, não fui eu que matei não”. E quando eu disse a ele, ele se entusiasmou e colocou lá. Ele estava entre as primeiras pessoas que viram o “Auto da Compadecida”. Eu li o “Auto da Compadecida” pela primeira vez na garagem da casa de Gastão de Holanda, meu amigo, junto com Emílio, Gastão, Aluizio Magalhães, Gilverolino de Melo e João Cabral de Melo Neto. Quando eu terminei de ler, João Cabral disse: “Você se desconverteu?” Aí eu disse: “Não senhor, eu continuo lá. É que eu não gosto de padre ruim”.

Preá – Graciliano Ramos, João Cabral, Ariano Suassuna. Três Nordestes distintos, ou um só visto por ângulos diferentes?

Ariano – Olhe, houve um tempo, até parecia moda, que as pessoas vinham a minha casa reclamar por que eu não escrevia como Graciliano. Eu não escrevo, nem posso escrever. Eu não sou ele. Eu gostava muito dele e o conheci pessoalmente. Todo mundo dizia que ele era fechado, mas comigo ele tanto conversou que eu mal pude falar. E a mesma coisa com João Cabral. Todo mundo me perguntava por que eu não escrevo como João Cabral. Eu sou muito diferente. João Cabral detestava música e eu não entendo como um poeta pode não gostar de música. Éramos amigos, mas éramos muito diferentes. Então, eu não podia escrever como ele, que, inclusive, me acusava de apresentar um sertanejo falsificado. Eu digo, olhe não é falsificado não. O Fabiano de “Vidas Secas” é um sertanejo. Agora, Graciliano só via no sertão os sertanejos que eram parecidos com ele. Reforçava o lado prático dele, despojado, calado. E eu não sou despojado. O pessoal tem horror, que é errado escrever com adjetivos. Eu só sei escrever com adjetivos. Dizem que o período tem que ser curto e às vezes eu faço períodos longos. Eu sou muito diferente, eu preciso de outra coisa. Não é que o meu sertanejo seja falsificado não, nem o dele. É que cada um de nós vê diferente. Ele se identificava mais com o sertanejo caladão. E deviam falar nesse negócio de ausência de adjetivos e períodos curtos. E eles inclusive escreviam desse jeito, para imitar Graciliano. Aí eu disse: “olhe, vocês estão transformando um cacoete, aquilo que é apenas uma característica do mestre (Graciliano era um mestre). Uma vez eu li um livro em que existia um personagem que tinha horror a período longo. Ele foi descrever um

acidente de carruagem, no qual ele tinha perdido o sogro e descreveu da seguinte maneira: “Estrada. Carruagem. Sogro à portinhola. Disparado. Árvore. Batida. Sogro sem cabeça”. Mais simples do que isso é impossível.

Preá – Paulo Prado, em “Retrato do Brasil”, diz que o sertanejo é melancólico. Será que ele diria isso depois de ver a “Compadecida”?

Ariano – Acho que não. Eu conheço sertanejo tão bem humorado, rapaz.

Preá – Esse humor que parece mais presente na cultura popular, nas brincadeiras de João-Redondo, quando o Negro Benedito bate na polícia...

Ariano – O povo acha bom. Olhe, a primeira peça de mamulengo que eu fiz era assim. O personagem negro dava uma surra na polícia. E o povo acha isso bom demais. Em 1930, fomos perseguidos pela polícia. Eu fiquei ressentido e fiz Benedito dar uma surra na polícia. Eu disse: é agora. Se você ler “Torturas de um Coração”, você vai ver que no primeiro ato de “A pena e a Lei”, o personagem vem do mamulengo, é negro e se chama Benedito.

Preá – Se o senhor fosse convidado para organizar uma antologia do teatro brasileiro, o que colocaria nela?

Ariano – Brasileira? Olhe, acho que eu me recusaria. Porque a batalha é grande. Eu vou explicar por que... Veja bem, para mim alguns clássicos são importantes, como Martins Pena, Artur Azevedo, Qorpo Santo, o nosso precursor do teatro do absurdo. Com os clássicos eu iria bem. Mas, com os contemporâneos, não. Eu não sou um crítico, sou um escritor. Então eu cometeria injustiças graves, pa-

recendo até que sou um vaidoso, porque muita coisa que fosse fazer iriam pensar que era por ciúme. Porque com o escritor, eu acho que acontece isso, agora tem os que não confessam. Às vezes as pessoas me perguntam se eu gosto do teatro de Nelson Rodrigues. Aí eu digo: “homem não me pergunte isso não”. Porque eu não gosto. Se eu gostasse, eu escreveria como ele. Nelson escrevia sobre os problemas da classe média suburbana carioca. Tem uma peça dele que fala sobre um rapaz que é apaixonado pela irmã, mas ela não pode atendê-lo porque é apaixonada pelo pai, e o pai... Ah, rapaz eu não me interesso por esse tipo de coisa não. Agora, por outro lado, ele detestava o meu teatro. E tinha toda razão, eu falando do cangaceiro com gaita, eu acho que ele tinha horror. Então, como você vê, eu não sou a pessoa indicada pra fazer essa antologia. Porque eu só ia botar gente como você {Racine Santos}, Dias Gomes... gente que tem alguma ligação comigo.

Preá – No prefácio da edição de “A Farsa da Boa Preguiça”, o senhor diz que foi criticado pela esquerda e não deu satisfação porque a esquerda era poderosa naquele momento. Depois, com a esquerda perseguida, resolveu explicar. Como se deu isso?

Ariano – Foi isso aí mesmo. Quando eu escrevi a “Farsa”, eles estavam dizendo que eu estava aconselhando o povo brasileiro à preguiça. E não era isso. Não tem nada disso. Eu faço lá uma distinção bem clara entre o que eu chamo o ócio criador dos poetas e a preguiça pura e simples. Eles queriam uma idealização, ter o povo e alguma coisa mais solidária. Eu dizia a eles que isso não existe.

Preá – Na sua mocidade o senhor teve algum fascínio pelo Marxismo?

Ariano – Não. Pelo socialismo sim, e ainda hoje tenho. Mas, pelo Marxismo não. Eu considero o Marxismo um pensamento estreito e castrador. Eu não gostava do realismo socialista e tive a sorte ou a pouca sorte de ler, mais ou menos em 1948, uma revista marxista que existia, chamada “Problema”. E estava lá um relato de um comunicado de Zidano, que era Comissário do Partido Comunista, da União Soviética, para os assuntos de artes. Zidano reuniu os músicos, os dramaturgos, os romancistas, os poetas, para ditar as linhas e, inclusive dizer que ninguém podia fazer música com dissonância, isso era decadência burguesa.

Preá – A gente nota influências espanholas e portuguesas marcantes nos seus escritos. Como é que isso ocorreu?

Ariano – Ocorreu muito naturalmente por uma identificação. Eu comecei a introduzir a marca, a cor da Espanha, por intermédio de Fernandez e de Calderón de la Barca, principalmente esses dois escritores. Eu achava que havia uma afinidade, uma certa semelhança de espírito e de forma entre o romanceiro popular do Nordeste e o teatro de Calderón de la Barca. Que inclusive usa em certas estrofes, a estrofe 10ª, que os cantadores nossos usam aqui. Quando eu pretendi fazer um teatro que despertasse meu país e meu povo, naturalmente me vi diante da literatura popular, do folheto de cordel e também por aí tive um reencontro com Cervantes. Eu tinha, por exemplo, no romanceiro popular do Nordeste folhetos como “Pedro Quengo”, “As proezas de João-Grilo” ou “Cancão de Fogo” e via no teatro espanhol ou português a figura do pícaro, também chamado de gracioso, que vem da novela picaresca. Por outro lado eu gostava muito, e gosto ainda, da novela picaresca, como Lazari-lho de Tormes. Foi então que fui criando laços de identificação e recebendo esta forte influência dos autores ibéricos.

Preá – Este ano o mundo comemora 400 da publicação do Dom Quixote. Esse livro continua atual?

Ariano – Continua. Para mim, quando uma obra atinge aquela dimensão ela é uma obra que não tem mais tempo não, ela é superior ao tempo. Ela é contemporânea, é para todas as gerações. Dom Quixote é meu contemporâneo, é seu contemporâneo, que é jovem, e quando os bisnetos de seus netos já não estiverem mais vivos, ele estará.

Preá – Na sua opinião, quais são as obras fundamentais para se entender o Brasil?

Ariano – A “História da Literatura Brasileira”, de Sílvio Romero, “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, a obra de Câmara Cascudo, a de Capistrano de Abreu (estudando a civilização do couro, inclusive ele criou essa denominação), Gilberto Freyre, com “Casa-Grande e Senzala”, Sérgio Buarque de Holanda, com “Raízes do Brasil”... acho que é isso aí, para mim são fundamentais.

Preá – Por que o Movimento Armorial não se espalhou pelo Brasil?

Ariano – Ele se espalhou. Hoje existe um grupo de jovens de rua, chamado Gesta, no Rio de Janeiro, que toca viola como ninguém. E viola brasileira. Você me perdoe a mania de grandeza, mas a viola e a rabeca estavam completamente abandonadas como instrumentos de música erudita, e foi o Movimento Armorial que recuperou. Tem outro, chamado Renato Andrade... mas Renato Andrade é mais um violeiro popular, em Minas. No Ceará tem um forte grupo Armorial, liderado pelo poeta Virgílio Maia, do jornal chamado “O Pão”. Do Pará, um jovem poeta acaba de me mandar um livro chamado “Medalha Armorial”.

Não há uma repercussão maior porque é um movimento criado e realizado à margem dos meios de comunicação de massa, né?

Preá – Como a cultura popular nordestina pode se proteger dessa massificação da cultura? Como o Nordeste pode preservar sua identidade cultural?

Ariano – Eu procuro fazer o que posso, tá certo? Agora... eu não sei exatamente o que fazer não. Até agora ela tem se preservado sozinha, sem Ariano Suassuna.

Tem mostrado uma força, uma resistência, a meu ver, espantosa. Veja bem, eu não sou o que se chama de um folclorista. Os folcloristas têm uma tendência... por exemplo: eles vão ao Rio Grande do Norte, lá eles vêem um grupo de João-redondo, de mamulengo. Bom, aí eles voltam dez anos depois, o grupo mudou, aí eles dizem: “tá deturpado”. Tá não, tá diferente. Arte popular é assim mesmo, evolutiva. Quando eu cheguei aqui os cantadores cantavam usando apenas a voz, hoje cantam com microfone. Bem melhor pra eles e pra gente. Outro dia vieram me perguntar: você quer preservar a cultura brasileira numa redoma? Aí eu disse: “Espere aí, rapaz!”. Isso acontece muito comigo. Dizem que eu disse uma coisa sem que eu tenha dito.

Preá – Dentro dessa perspectiva, sem precisar citar casos, a gente vê constantemente a produção do artista popular sendo apropriada por uns e outros, interessados e interesseiros. Entre um e outro, qual é o espaço do artista popular?

Ariano – Olhe, eu não estou muito a cavalheiro para falar nesse assunto porque eu sou um dos “ladrões”. Brincadeiras à parte, evidentemente o que a pessoa precisa é, primeiro, reconhecer a origem. Isso aí eu procuro fazer. Se você abrir a

primeira página do “Auto da Compadecida”, está lá, eu me baseei em três folhetos. Dois de Leandro Gomes de Barros, um grande poeta popular e o terceiro, era de um poeta chamado Silvino Pirauá. Tem também, uma versão desse mesmo poema feita por um cantador do Ceará, chamado Anselmo Vieira de Souza. Então, o primeiro dever, elementar, de justiça, dessas pessoas que como eu bebem na fonte popular, no folheto de Cordel, é citar a fonte. E, em segundo lugar, se for o caso, respeitar os direitos autorais.

Preá – É preciso entender, também, que originalidade não é uma virtude nem dos clássicos nem dos poetas populares. Um mesmo tema, ou a mesma história, pode ser “versado” por vários poetas. Cada um canta à sua maneira.

Ariano – É, esse problema de autoria individual não existe entre eles. Por exemplo, a história do testamento do cachorro está no folheto de Leandro Gomes de Barros. No folheto dele tem essa história, mas ela é multissecular. O segundo ato do “Auto da Compadecida” se baseia no folheto chamado “O Cavalinho que defecava Dinheiro”, que tem aquela história do bexigado cachorro, da facada, da falsa morte. Essa história está em “Dom Quixote”. Eu não sei se você sabe, mas a novela picaresca espanhola é herdeira de um escritor romano, nascido no Norte da África, chamado Apoleio. Lúcio Apoleio. Ele tem uma novela – eu gosto muito dessa novela –, chamada “O Asno de Ouro”. Pois bem, nessa novela tem uma história semelhante a essa da bexiga de cachorro.

Preá – Os clássicos não tinham preocupação com a originalidade?

Ariano – Isso é um problema que começou com o romantismo. Hamlet, de Shakespeare é uma quinta versão. Agora, só se fala das outras quatro, por causa da

dele, entendeu? As outras vieram antes, mas ele ganhou.

Preá – O que o universo arcaico, às vezes violento, das suas obras tem a dizer ao mundo de hoje, globalizado e cibernético?

Ariano – Olhe, tem muito pouco a dizer porque é muito menos eficiente do que o mundo cibernético. Você compare as bombinhas americanas soltadas sobre o Iraque, que a gente vê como se fosse um jogo eletrônico, tem mais violência ali do que todas as peças de Ariano juntas. A tecnologia tornou a violência muito mais eficiente.

Preá – O senhor foi Secretário de Cultura de Miguel Arraes. Qual a lição de vida que Arraes deixou?

Ariano – Olhe, com a morte do doutor Arraes eu perdi um grande amigo e acho que o Brasil perdeu um grande homem. Fiquei muito orgulhoso em ouvir Guel Arraes, que é filho dele, dizer que eu representei no campo da cultura aquilo que o pai dele procurava no campo da política: o nacional e o popular.

Preá – Quando é que vai ser lançada a continuação da “Pedra do Reino”?

Ariano – Estou escrevendo um romance novo, mas não tem título nem data para ser lançado.

Preá – Foi através do teatro e da literatura que o senhor se libertou do sofrimento de ter perdido o pai tão cedo?

Ariano – Acho que sim. Mas quem desempenhou um papel maior nisso foi Zélia. Foi um encontro para mim, fundamental. Até o ano de 1951 eu só escrevia tragédia. Eu nunca tinha procurado canalizar para o teatro uma veia cômica que as pessoas da minha família normalmente têm. Os Suassuna, de modo geral, são bons contadores de história. Depois de conhecer Zélia e entrar no Teatro do Estudante foi que comecei a usar esta veia cômica. Eu acredito que o teatro e a arte, de um modo geral, me ajudaram com relação a isto, mas também não posso esquecer a colaboração da minha mulher.

Preá – O Senhor a conheceu quando? E há quanto tempo estão casados?

Ariano – Olhe, eu me tornei namorado dela no dia 20 de agosto de 1947, para ser preciso, e o namoro não acabou ainda, graças a Deus continua (risos). Agora eu só me casei com ela quase dez anos depois, porque eu adoeci do pulmão. Fiquei tuberculoso. Passei dois anos adoentado. No ano em que me formei,

adoeci. Aí não podia ganhar a vida, não podia casar.

Preá – Aí o senhor foi se tratar em Tape-roá, e lá, quando seus amigos foram lhe visitar, escreveu e montou uma peça para mamulengos para recebê-los...

Ariano – Foi, inclusive para receber minha mulher. Foi aí que escrevi uma peça cômica pela primeira vez: “Torturas de um coração”. Essa peça me marcou, foi uma guinada. Depois eu a reescrevi como o primeiro ato de “A Pena e a Lei”, com o título de “A Inconveniência de ter Coragem”.

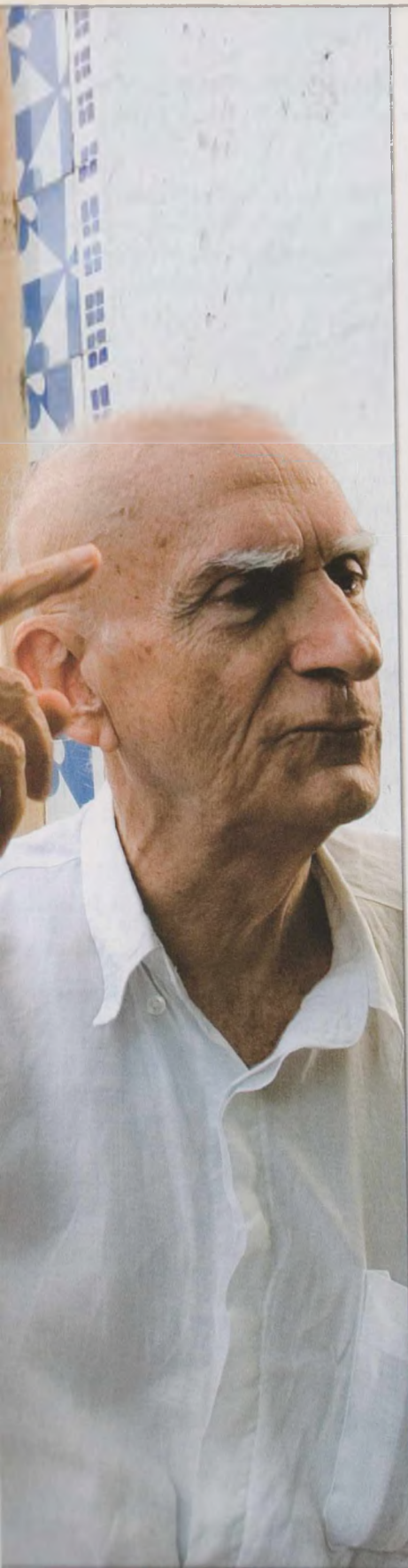
Preá – Qual a sua relação familiar com o Rio Grande do Norte? O seu tio Antônio Suassuna e seu avô Alexandrino eram potiguares?

Ariano – Antônio não era potiguar, mas meu avô, pai dele, Alexandrino Felício Suassuna, era do Rio Grande do Norte. Da Serra de Martins.

Preá – Quanto aos Alencar, de Cajuais, algum parentesco?

Ariano – Tenho ligação por casamento. José Suassuna de Alencar era filho de uma Alencar e de um Suassuna, então eu tenho este contraparentesco com os Alencar por intermédio deste ramo da minha família que casou por lá.





Preá – O senhor faz parte dos Suassunas de Catolé e é primo dos Maias, pelo lado dos Vasconcelos. Duas famílias que brigaram por muito tempo.

Ariano – Não sou primo dos Maias. Os Vasconcelos, do nome de meu pai, não são os Maias. Eram aquelas duas que brigaram, mas eu só sou Suassuna. Não sei dos Maias. Eu tenho primos que são Maia e Suassuna, mas eu pessoalmente não sou Maia. Eu tenho uma querida prima, chamada Latércia, que é Maia e Suassuna.

Preá – E quanto à briga entre as duas famílias, qual era a sua posição?

Ariano – Veja bem, houve até alguns incidentes curiosos a meu respeito. Os Suassunas continuam hoje e menos ruins, mas, até pouco tempo atrás houve mesmo crimes, assassinatos. Tive um primo assassinado, mas eu nunca me dei mal com eles. Meu pai era muito amigo de um Maia, João Agripino Maia, que era o pai de João Agripino, que foi Governador daqui e pai de Tarcísio, que foi Governador do Rio Grande do Norte. Então este João Agripino Maia era amigo de meu pai, mas eles brigaram depois. É danado para suceder entre os Maias e os Suassunas. Olhe, havia um educador no sertão da Paraíba (que depois se mudou para o Rio Grande do Norte), que se chamava Antônio Gomes de Arruda Barreto e teve um papel fundamental na formação de meu pai. Ele era um educador, um latinista e fundou um colégio em Brejo da Cruz, na Paraíba. Mas quando veio o Governo de Floriano, ele foi perseguido politicamente e mudou o colégio dele para Mossoró. O colégio dele se chamava Sete de Setembro. Ele se casou em primeira núpcia com uma Maia, lá de Catolé do Rocha. Ela morreu e ele se casou com a irmã dela. Ela morreu, ele se casou com a irmã de meu

pai. Ele casou-se três vezes. Duas vezes com duas mulheres da família Maia, irmãs, e a terceira vez com uma Suassuna. Então, no primeiro casamento ele teve um filho e esse filho se casou com a irmã da madrasta dele, uma outra Suassuna, que era a irmã mais nova de meu pai. Antônio Gomes de Arruda Barreto casou com a irmã mais velha de meu pai e o filho dele, do primeiro casamento, casou-se com a irmã mais nova de meu pai. A família de meu avô era grande, eram dez. Então, esse Antônio Gomes foi quem educou meu pai e o doutor João Agripino, o pai de Tarcísio Maia, e educou também esse filho dele que se casou com uma tia minha. Ele dizia: “vou preparar esses três para se formarem”. E ele exerceu um papel fundamental. Meu pai tinha admiração por ele. Nesse colégio, em Mossoró, ele educou meu pai e o acompanhou. Foi assim que meu pai se formou.

Preá – O senhor teve um atrito com o padre Pereira Nóbrega? Como foi essa história? Já está resolvida?

Ariano – Tive sim, a história não está resolvida ainda. Esse padre, que é filho de Chico Pereira, escreveu uma biografia do pai dele. Tudo bem, eu o respeito. Mas, no livro acusa meu pai de ter mandado matar o pai dele, um cangaceiro. Eu fiquei indignado. Ele acusa meu pai e o Governador do Rio Grande do Norte, que era Juvenal Lamartine. Acusa meu pai de cometer uma vilania. Meu pai a princípio protegeu Chico Pereira, porque queria os votos dele para João Pessoa. Ele disse que queria o apoio da família de Chico Pereira, que era o pai dele, para o movimento dos jovens turcos e para a eleição de João Pessoa. Pereira Nóbrega disse que quando meu pai governou, de 1924 a 1928, ele protegeu Chico Pereira. Depois que chegou da eleição de João Pessoa, meu pai tinha pedido o apoio de

Cassiano Bezerra para o movimento dos jovens turcos e queria também o apoio para a eleição de João Pessoa. Depois da eleição, aparentemente meu pai se portava como um vilão, se juntou a Juvenal Lamartine e mandou matar Chico Pereira. Chico Pereira teria sido traído. Ele diz lá que Chico Pereira já ia se mudar, para ver se deixava o cangaço, e que meu pai disse: “Pode se mudar que eu o protejo”. Quando eu li isso no livro, eu escrevi um artigo respondendo. Não havia motivo nenhum para meu pai mandar matar Chico Pereira. Então contei isso tudo lá no Jornal. Eu era professor do Seminário e um dia estava dando aula, chega um aluno meu (um seminarista chamado Cárdia) e diz: “Ariano eu preciso falar com você, porque o padre Chico Pereira lhe mandou esta carta”. Ele dizia na carta que não queria servir de espinha para a dor de ninguém, que tinha ofendido meu pai. Mas se Ariano Suassuna não tivesse feito disso assunto de Jornal, escreveria até uma retificação. Aí eu digo, “oxente”, ele fez assunto de livro e como é que eu tinha que me recolher e não fazer nada? Estou em casa e recebo um pedido do padre Pereira Nóbrega dizendo que queria falar comigo. Eu me preparei logo para brigar. Pois bem, ele veio e eu fiquei de queixo caído. Ele ia lançar o segundo livro e queria que eu prefaciasse e fosse ao lançamento. Eu disse olhe, você me desculpe, mas eu não faço não. Então, ele disse: “não, eu vim aqui exatamente por isso. Eu quero fazer uma retificação e o senhor vá ao lançamento, faça o prefácio que eu vou fazer a retificação”. Aí pronto, não tive mais o que dizer. Está certo, eu faço. E fiz. A retificação foi feita? Não. Alguns anos depois, veio aqui o cineasta Ruy Guerra, que queria fazer um filme baseado no livro e ele teria dito que só faria com a minha concordância. Mas eu não quero negócio com esse padre de jeito nenhum. Eu demoro a me abespilhar, mas quando eu boto o pé atrás...

Preá – O senhor acredita que vai assistir o fim da divisão do Brasil real com o Brasil oficial?

Ariano – Não. Tem coisas que às vezes causa até impaciência na gente, porque a gente gostaria que o tempo da história coincidissem com o tempo da nossa biografia. Mas, não dá. Você veja uma coisa, o pessoal fala às vezes em trevas na Idade Média. Mas as trevas não são características da Idade Média. No século XX, a gente teve as trevas no Nazismo e no Stalinismo. Eu não sou nem otimista, nem pessimista. Eu acho que pessimista é um sujeito amargo e acho que otimista é um ingênuo. Eu procuro ser um realista esperançoso. Eu vejo as mazelas, vejo a injustiça. Acho que as vitórias do que a gente acha certo, vão existir, mas vai demorar muito. Uma vez eu li uma frase de um grande pensador francês, Jacques Maritan. Ele diz que o Brasil estava destinado a uma missão muito especial, que era pela primeira vez na história humana, criar uma sociedade em que se fundisse a justiça e a liberdade. Porque até agora, você tem regimes que procuram privilegiar a justiça e outros que procuram privilegiar a liberdade. Por exemplo, os Estados Unidos procuram privilegiar

a liberdade. A antiga União Soviética procurava a justiça. Mas, em ambos os casos, eram com impostura, porque nos Estados Unidos, era a liberdade para uma minoria de brancos e ricos e na União Soviética, era justiça para uma minoria de brancos e poderosos. Outro dia me perguntaram se eu era a favor da liberdade de imprensa. Eu disse: “olhe, eu não gosto de impostura comigo. Eu não conheço liberdade de imprensa. Liberdade de imprensa na situação atual é utopia, porque eu conheço dois tipos de imprensa. A controlada pelo poder político e militar, como era na União Soviética, e conheço uma imprensa controlada pelo poder econômico, como é nos Estados Unidos e no Brasil. Então, imprensa livre eu não conheço”. Eu acho que Maritan foi excessivamente generoso, mas é verdade o que ele falou do futuro. Ele disse que o Brasil estava destinado a implantar um regime que, pela primeira vez, juntasse justiça e liberdade. Eu acredito que vai acontecer isso. 🗣️



José Suassuna de Alencar (o primeiro sentado, da dir. para a esq.), citado por Ariano, nasceu em Cajuais, sopé das serras de Martins e Portalegre



SÃO JOSÉ DE CAMPESTRE

A Borborema potiguar



Cruzeiro de São José recebe romeiros em dias santos

Por Gustavo Porpino e Sérgio Vilar

Fotos: Anchieta Xavier e Gustavo Porpino

Apacata São José de Campestre, a 105 km de Natal, pode não ter o vigor cultural de outros municípios do mesmo porte, mas tem muitos jovens dispostos a mostrar o valor de sua terra. Os campestrenses cantam, escrevem e pintam o amor à terra natal. Os mais velhos também não deixam por menos. A Associação de Idosos tem forró e Boi-de-Reis à moda antiga. O povo unido busca dias melhores.

A valorização da cultura local é perseguida por pessoas como Carlos Alexandre Feliciano, 25 anos, idealizador da Sociedade Artística Campestrense. O morador do sítio Cruz de São Pedro transformou a própria casa numa espécie de museu do agreste, com utensílios antigos, fojos para caçar preás, fogão à lenha e muita hospitalidade para quem desejar conhecer o estilo de vida do povo simples da Borborema potiguar.

A fé também está presente em cada recanto da terra de São José. O Monte Santo, pequeno serrote na área urbana do município, ganhou dois cruzeiros fincados por pagadores de promessas em décadas passadas. O maior deles, conhecido como cruzeiro de São José, tem um pequeno altar e um oratório com diversas imagens de santos. Os romeiros visitam o lugar nos dias de São José, São Judas Tadeu e São Francisco de Assis. O monte tem uma estátua de aproximadamente 3 metros de Frei Damião, iniciada há 22 anos e nunca concluída.

A Festa de Santos Reis, nos dias 5 e 6 de janeiro, movimentou São José desde a década de 20, antes mesmo de Campestre ser desmembrado de Nova Cruz. As apresentações de Boi-de-Reis, comuns até a década de 70, só voltaram a acontecer no ano passado com o interesse do mestre “Cícero Batata” em voltar a se apresentar em frente à igreja.

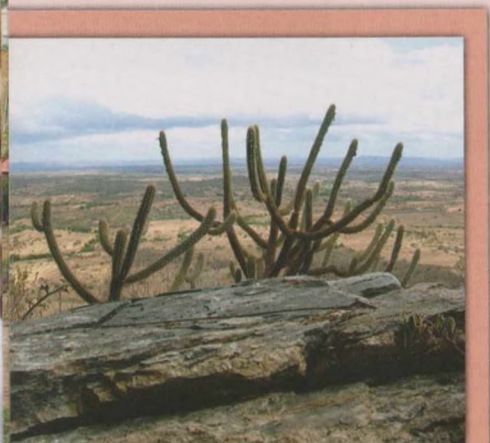
O sociólogo Itamar de Souza, autor do livro “São José de Campestre: 100 anos às margens do rio Jacu”, conta que no final do século XIX, quando os tropeiros se deslocavam de Santa Cruz e de outros lugares mais afastados para comprar farinha, aguardente, rapadura e fumo nos brejos da Paraíba, costumavam dizer – “Vamos descansar os animais nos campestres”.

A vegetação pouco densa às margens do rio Jacu, conhecida como campestre, também dava nome à primeira fazenda da região. O padre Tomás de Aquino, pároco de Nova Cruz, celebrou a primeira missa na antiga fazenda por volta de 1890. Segundo o relato de Itamar de Souza, o padre teria posto sobre o altar uma imagem de São José. Desde então, os habitantes da região passaram a chamar a localidade de São José de Campestre.

Durante o governo de Alberto Maranhão, em 1910, o povoado de Campestre começou a crescer com a construção da estrada ligando o distrito rural a Nova Cruz. Quase quarenta anos depois, em dezembro de 1948, Campestre foi transformado em município.



William Costa quer preservar memória local com museu



As inscrições rupestres do sítio Picos

As pinturas rupestres com formas geométricas e marcas de mãos, encontradas em grande quantidade nos municípios de Apodi e Carnaúba dos Dantas, também podem ser observadas em São José de Campestre. A Casa de Pedra do sítio Picos, a 9 km do município, pela estrada que leva ao açude Japi, esconde pequenos indícios da passagem do homem pré-histórico por aquelas terras.

A estrada de barro até o sítio Picos passa por casas de taipa e plantações de milho e feijão. Por trás de algumas das casas de taipa, ainda se vêem fornalhas de barro para fazer carvão. A Casa de Pedra fica no serrote em frente à capelinha de Nossa Senhora Aparecida. Os agricultores da região foram os primeiros a tomar conhecimento das pinturas.

José Luís Nelo, o Lula, 38 anos, criado no sítio Picos, subiu o serrote pela primeira vez aos 12 anos. “Desde os meus avós que escuto falar nas pinturas”. Outro agricultor, José Ru-tenberg Pereira, encontrou um pilão feito de pedra nas proximidades do serrote. As pinturas localizadas na área foram registradas no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pelo vereador William Moura da Costa, 30 anos, formado em história pela UEPB.

O historiador tinha informações de que existiam pedras com pinturas rupestres em Campestre, mas não sabia o local exato. Em 1998, orientado pelo agricultor Lula, chegou até o local das inscrições e tomou conhecimento de que já havia sido encontrado um utensílio primitivo nas proximidades. “A preservação é boa por conta do difícil acesso”.

Para chegar até a chamada Casa de Pedra é preciso caminhar 3 km entre a vegetação seca e fechada do sítio Picos. A paisagem árida é tomada por facheiros que chegam a medir 15 metros. Algumas poucas imburanas e barrigudas com suas flores brancas ainda podem ser vistas. Já no alto, as fendas nas pedras servem de morada para muitos mocós. Segundo William, nunca uma equipe de reportagem havia visitado o local.

O professor Roberto Airon Silva, pesquisador de arqueologia da UFRN, esteve no sítio Picos em 2000. Fez fotos e medições das pinturas. William Costa visita o local uma vez por ano. O vereador conseguiu aprovar um projeto de Lei que cria o museu municipal.



Cícero Batata, a memória viva do boi-de-reis campestre



“Tem que ter espinhaço e saúde”

Envelhecer sem perder qualidade de vida é o desejo de todos. O Centro de Convivência de Idosos Maria Guedes Crispim, conta com a participação de 187 pessoas que já chegaram à terceira idade, em atividades culturais. O forró dos idosos e o Boi-de-Reis, resgatado após vinte anos, comprovam que o envolvimento com a cultura melhora a auto-estima e contribui para tirar a população do sedentarismo.

Os idosos se reúnem todas as terças, quartas e quintas das 13h às 17h. As mulheres dançam quadrilha e os homens participam do Boi-de-Reis. O forró une todos vez por outra. Alguns preferem só observar. Outros acompanham com palmas.

Pedro Januário da Silva, 64 anos, o Cícero Batata, não sabe o que é ficar parado. Desde que chegou ao sítio Trapiá, em Campestre, no já distante ano de 1949, começou a acompanhar as apresentações de Boi-de-Reis. Em 1954, não titubeou em aceitar um convite para brincar no boi de José Clemente. Era o início de uma paixão que dura até hoje.

Cícero Batata chegou a passar três meses longe de casa “rodando boi” pelos municípios de São Pedro, São Paulo do Potengi e na Serra de Tapuia. “Andei no mundo desde criança com maruja que sabia pisar no chão”. Quando começou, o mestre era uma das damas do Boi-de-Reis. Ainda hoje canta as antigas loas. “Cajueiro pequenino carregado de flor / eu também sou pequenino / carregado de amor”.

O mestre também guarda na memória as salvas e a masseira, cânticos tradicionais do Boi-de-Reis, letras que colecionou ao longo dos quinze anos em que acompanhou várias marujas. “Brinquei no boi de Luís Camilo (Belém-PB), Zé Quindô, de Nova Cruz, José Djalma (Ares-RN), Antonio Simião, de Santo Antonio e Júlio Targino”.

Campestre possuía duas marujas nos anos 30 e 40. Os mestres Ernesto e Estevão travavam uma disputa sadia para ver quem fazia o boi mais bonito. Durante a Festa de Reis, um grupo se apresentava na frente da igreja e outro por trás. O Boi-de-Reis, agora comandado por Cícero Batata, voltou a se apresentar na Festa de Reis em 2004. Foram vinte anos de ausência.

O mestre continua com a mesma disposição. A dificuldade maior parece ser ensinar as loas para os demais. Quase ninguém sabe. “Rodar boi não é para todo mundo, não. Tem que ter espinhaço e saúde”.



Seguindo a herança indígena

Em uma sede improvisada, no antigo prédio da cooperativa do Estado, 25 mulheres campestres produzem o mais belo artesanato com origem nas palhas da carnaúba – planta tipicamente nordestina. Cestas, bolsas, chapéus, tapetes e até baús são confeccionados sob a batuta de mãos hábeis com a faca. Após cortada a “carne da carnaúba” em quatro pedaços, as artesãs entrelaçam as tiras em manuseios ligeiros, e remontam à prática original deste artesanato: uma herança indígena.

Cada palha, trabalhada na trama exata, tem sua razão de ser. As cores e formas garantem itens de uso consagrado, com visual leve, de uma simplicidade que agrada. Mas, para chegar a combinação e acabamentos perfeitos, as artesãs da Associação de Palha da Carnaúba precisaram de décadas de trabalho. A faixa etária é entre 40 e 50 anos. Afora a palha da planta, as artesãs utilizam também papelões, arame e máquina de costura para o adorno do artesanato.

Após partir a planta em quatro tiras, Francisca Sabino, 40, explica que é preciso “limpar” as tiras deixando-as lisinhas para então entrelaçá-las. Logo após, faz-se a medição do arame (se preciso for seu uso) que irá contornar e dar suporte ao produto. O acabamento, assim como as cores diferentes, vem da própria carnaúba. “Há 30 anos que faço isso. Comecei com palha de coqueiro, mas dava mais trabalho”, lembra Sabino.

Embora a Associação receba encomendas de estados como São Paulo ou para restaurantes de Natal, as artesãs reclamam da falta de apoio e das condições de trabalho. Os cômodos da casa ficam repletos de cestas. “Onde vamos guardar o resto? São 16 mil cestas que precisamos fazer até o final do ano”, reclama Francisca Sabino. O material é comprado pelas próprias artesãs, muitas vezes em municípios vizinhos, como Aracati.

Peréia Bernardo de Moraes, 46, além de artesã, trabalha no roçado para ajudar o marido a criar os cinco filhos. Três deles, ainda ajudam a extrair a carnaúba e fazem alguma atividade na Associação. “Homem num tem paciência pra ficar sentado trabalhando não”, comenta. Apesar da necessidade das duas atividades, a artesã afirma que gosta de trabalhar em ambas. “Aliás, eu gosto é de trabalhar”, completa.

A Associação de Palha de Carnaúba, do município de São José do Campestre, embora esteja à margem da atenção da prefeitura, recebeu apoio do programa de Desenvolvimento Regional Sustentável, promovido pelo Banco do Brasil, que enviou recursos para melhorar a produção das artesãs.

Um lutador solitário

Para chegar ao sítio Cruz de São Pedro, onde mora o artista Carlos Alexandre Feliciano, 26, é preciso percorrer sete quilômetros, a partir do centro de São José do Campestre. Nesse percurso de pedra e barro, por trás das plantações de carnaúbas ou das serras de São Pedro e São Paulo se esconde muito da história – em ruínas – do município. Foi lá que o hoje presidente da Associação Artística Campestre chegou aos 12 anos, vindo da Serra do São Bento com a família, para morar no sítio do avô.

Ao adentrar a estrada de barro, saindo do centro do município, em direção ao sítio Cruz de São Pedro, uma vasta plantação de garrancheiras, antes predominante na região, se faz placa de entrada. “A garrancheira é a seringueira do sertão. Dela também se extrai o látex”, explica Alexandre, conhecedor de cada metro daquelas terras secas, onde passou os anos de adolescência. Nas proximidades do Alto da Coã encontra-se a fazenda da família Melo, tradicional no município e proprietária da rádio comunitária de São José do Campestre que, segundo Alexandre, tem ajudado muito a divulgar a cultura da cidade.

Da paisagem mítica do agreste as palmas e outros cactus, preenchem um bom trecho do caminho rumo ao sítio. Em seguida, a predominância das carnaúbas, que emprestam alguma sombra ao lugar. Antes de chegar a Serra de São Paulo, um roçado de carrapateiras, uma espécie de mamona daquela região da Borborema potiguar. No meio do percurso, uma pequena boiada tomava a pista, mas logo foi dispersada, com a ajuda do “vaqueiro”, em cima de uma moto. “Vaqueiro hoje em dia é motorizado”, observou Alexandre. Entre as serras de São Paulo e São Pedro, a antiga casa de farinha do município, já em ruínas, mas que um dia foi importante fonte econômica da cidade.

O aprendizado dos logradouros e matas das serras de São José do Campestre, Ale-

xandre Feliciano aprendeu nas andanças de menino. Mas o gosto pela arte veio da influência do pai, músico e membro da banda de sopro do então “coronel” Teodorico Bezerra. “Com 13 anos já encenava peças de teatro nas escolas”. O entusiasmo com o universo das artes populares levou Alexandre a procurar cursos de artes cênicas em Natal e Recife. Aos poucos, o entusiasmo do rapaz ganhava as ruas da capital: “Comecei então a fazer teatro de rua, com apresentações de Boi-de-Reis, entoadas, coco, e a encenar o monólogo de Pedro Malazarte...”

As “virações” do rapaz, seja em São José do Campestre, em feiras de municípios vizinhos, como Pedro Velho ou nas escolas, universidades e ruas de Natal renderam o primeiro cachê oficial (R\$ 300,00), quando de sua apresentação no Auto de Natal, no ano passado: um mega-espetáculo com roteiro do escritor Tarcísio Gurgel. Mas, um mês antes, em 5 de novembro de 2004, Alexandre Feliciano fundara, com o apoio dos pesquisadores Gutemberg Costa e Severino Vicente, a Associação Artística Campestre.

A Associação – ainda sem sede – procura preservar a cultura popular do município de São José do Campestre, desde a gastronomia às artes plásticas. Alexandre Feliciano cataloga os artistas da terra e tenta conseguir recursos para incentivar a produção artística do município. “Recebemos apoios da TV Futura, que consegue alguns eventos para apresentações, mas é muito pouco. Espero que essa matéria tire a gente do invisível”, lamenta o artista.

Alexandre Feliciano é o retrato da improvisação e do autodidatismo que vive a cultura campestre: ele mesmo, com a ajuda da mãe, confecciona e compra o figurino de suas apresentações, como as vestes do boi para-folclórico que possui em casa. A cabeça da vestimenta não poderia ser mais inventiva: é uma ossada real de boi, encontrada nos chãos secos daquelas terras rurais. E é com essa von-

tade de levar a arte popular, o Boi-de-Reis – encenada ao som da música “Marco do Meio Dia”, do multiartista Antônio Nóbrega – que Alexandre Feliciano dedica horas de trabalho e carrega como filosofia de vida.





Uma tradição perdida para sempre

A artesã Rita Maria Ibiapina faleceu aos 63 anos, pouco antes da reportagem da Preá chegar em sua casa. E, infelizmente, a tradição do artesanato das panelas e pratos de barro, produzido em São José do Campestre, se foi com ela. Dos quatro filhos e dez netos que deixou, nenhum quis seguir os dotes de Rita Maria, a única do município que produzia e vendia os artefatos de barro, entre panelas, fogareiros, potes e pratos, na feira da cidade e localidades vizinhas.

A tradição no trabalho artesanal com o barro percorreu algumas gerações na família Ibiapina. Maria Rita, afirma uma de suas filhas, aprendeu o manuseio do barro com sua avó, Maria do Carmo Ibiapina. Desde pequena já se interessava pelo trabalho e, seguidamente, buscava o barro próximo à ponte do rio Jacu, que corta o município campestrense. Sua arte chegou a ser reconhecida por um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que esteve em sua residência para verificar seu trabalho.



Capoeira junta crianças e adolescentes

O trabalho voluntário do aluno Jaílson Bernardo da Silva tem mantido em São José do Campestre o eco de uma das tradições afro-brasileiras mais difundidas fora do país: a capoeira. Pelo projeto “Educando na Roda de Capoeira”, Jaílson Bernardo procura retirar crianças, adolescentes e até adultos das ruas, da marginalidade ou do abandono para aprender a arte desta luta-dança tipicamente brasileira, mas com algumas raízes africanas.

É o caso de Reginaldo Rodrigues da Silva, hoje com 21 anos. Ele confessa que, antes dos 17 anos, quando entrou na capoeira,

era uma adolescente rebelde. “Depois que entrei para o grupo conheci pessoas, pude fazer amizades”. Os pais de Reginaldo são aposentados. Desde cedo trabalhou na agricultura, atividade que herdou do pai. Mas hoje, afirma que se dedica apenas à capoeira e faz alguns “bicos” para se manter e ajudar a renda familiar.

Reginaldo Rodrigues é um dos 18 alunos – a maioria adolescente – do projeto “Educando na Roda de Capoeira”. A idéia é da Associação Shalom Capoeira, sob a batuta dos mestres cearenses Paulo e Adrianice, e do professor Didi, que também realiza trabalho no Instituto Ponte da Vida.

O autêntico mamulengo de João Viana

Em São José do Campestre também há representação do autêntico mamulengo, mais conhecido entre os potiguares como João Redondo. “Seo” João Viana da Silva, 75 anos, iniciou neste folguedo apenas aos 62 anos. É ele o dono de 20 bonecos que, por trás da empanada, contam um pouco da história do Nordeste, em suas representações mais populares, como o vigário, o coronel, o vaqueiro, misturando o sagrado, o profano e a cultura popular nordestina.

João Viana é nascido em Serra de São Bento, distrito próximo a São José de Campestre. Naquelas redondezas, precisamente no Monte das Gameleiras, Viana viu o mestre mamulengueiro Zé Bernardino a encantar crianças e adultos com o teatro de bonecos. “Tomei gosto e comecei a montar meus bonecos. Hoje já digo que me apresentei no sertão, no agreste e nas praias”. As representações dramáticas das histórias de João Viana, afirma, são inspiradas nos costumes da região, no que vê na rua ou no cotidiano popular. “Eu invento na hora as histórias”, orgulha-se.

Entre os personagens mais famosos do mamulengueiro estão o Capitão João-Redondo e o vaqueiro Baltazar, que “inventa” de namorar a filha de João-Redondo. O Capitão manda então o “véi” Felipe acertar as contas com o “nêgo” Baltazar,



mas ele sai morto na história, vítima de uma facada. A luta de facas travada em cima da empanada empolga a quem vê. “No Fórum de discussão que ocorreu no SESI, sobre teatro de bonecos, pediram para eu tirar a briga de facas porque diziam que eu ensinava coisa errada às crianças. Num sabem eles que essa é a cultura do interior”, explica Viana.

Apesar de o teatro de bonecos ser bem aceito em festividades e eventos os mais distintos, João Viana, paralela à atividade do João Redondo, trabalha no roçado, como muitos artistas campestrenses que, sem apoio, não conseguem viver da arte. No sítio Marcação, da tradicional família Melo, o mamulengueiro planta feijão, fava, milho e melancia.



A beleza das peças de retalhos

Podemos comparar nossa herança cultural a uma colcha de retalhos multicolorida, tamanha a diversidade e riqueza do nosso folclore. Mas, o trabalho com retalhos não se prende apenas em metáforas. Em São José do Campestre, 26 mulheres trabalham com este artesanato representativo da arte popular. A beleza das peças impressiona, sobretudo se o cliente souber que os retalhos que formam colchas, tapetes em forma de peixes, etc, são doações ou tiras de pano que as artesãs encontram no lixo.

O produto é vendido nas feiras do município, nas portas de casa, por sacoleiras ou na própria oficina, onde funciona a Associação das Costureiras de São José de Campestre. Os preços variam de R\$ 2,50 a R\$ 10,00. Todas as artesãs possuem cursos e treinamentos especializados em confecção, desde camisetas às famosas colchas. “Aqui todo mundo faz de tudo, é só encomendar. Mas nunca recebemos apoio nenhum”, comenta a presidente da Associação, Maria Salete Rodrigues.

O dinheiro que arrecadam com a venda das peças é quase todo empregado na compra do tecido para o forro dos tapetes e colchas, ou para as malhas, que são utilizadas para confeccionar os peixes, com escamas as mais coloridas. Por vezes, o improviso se faz útil. “Usamos pernas de calça que encontramos no lixo, às vezes colocamos botões, e com as tiras de pano damos o colorido à peça”, explica a artesã Maria do Socorro Cardoso, enquanto manuseava um dos tecidos junto à máquina de costura, prática que já dura mais de 20 anos.

As talhas de madeira de Lulinha

O funcionário da escola estadual Belmira Lara, Luís Alves da Costa, 60 anos, o Lulinha, ocupa o tempo livre esculpindo talhas de madeira. O escultor utiliza ferramentas artesanais feitas por ele mesmo. “Não tenho dinheiro para comprar material”.

Lulinha, natural de Guarabira (PB), mas apaixonado por Campestre, sempre gostou das artes. Antigamente fazia monóculos para vender entre amigos. Mas a popularização da fotografia acabou com o hábito do povo observar as pequenas gravuras contra a luz.

O escultor gostaria de produzir mais talhas. Mas, segundo conta, não tem condições financeiras de comprar matéria-prima. A imburana, madeira mais utilizada para a confecção de talhas e esculturas, está quase extinta na região.

Quando não está ocupando o tempo esculpindo talhas, Lulinha pega a estrada e se manda para o Recife. Tem uma prima por lá. Visita com frequência e até já foi convidado para fixar residência na capital pernambucana. Mas prefere a tranquilidade do interior. “Lugar grande é muita agitação, vou só para passear”.





Artistas sonham com Casa de Cultura

Os artistas plásticos de Campestre torcem para que o município ganhe uma Casa de Cultura Popular, projeto da Fundação José Augusto presente em todas as regiões do Estado. O professor de artes Miguel Nascimento Paiva, 32 anos, lembra que o espaço serviria para desenvolver oficinas de artes e expor a produção dos artistas da região.

Miguel pinta paisagens em telhas e tacos de madeira. O professor começou a pintar quando era estudante do ensino médio. “Fiz uma oficina de artes e dança em Nova Cruz, ministrada pelo Núcleo de Artes da UFRN”, conta.

As obras do professor e de seus alunos foram expostas na Semana Cultural da escola estadual Diógenes da Cunha Lima, realizada na primeira semana de agosto. O estudante Jefferson Freitas, 18 anos, ex-aluno de Miguel, já começou a comercializar telas.

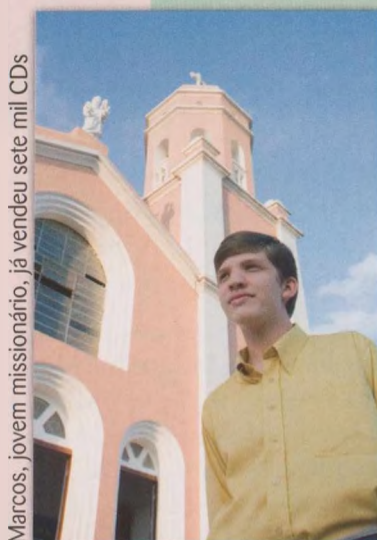
Fé inspira cantores campestrenses

Mesmo aos 16 anos, Marcos Aurélio de Medeiros já gravou dois CD's independentes, todos eles com músicas religiosas. Até o compositor consagrado e também produtor, Michael Sullivan, que participou de grupos famosos como “Renato e Seus Blue Caps” e “The Fevers”, e emplacou sucessos como “Talismã”, enviou composições para o jovem cantor. O primeiro CD, “Jesus é Rei”, já vendeu cinco mil cópias, e o segundo, “Confia em Jesus”, já está com duas mil.

Marcos Aurélio conta que concilia a atividade estudantil com as pregações. Já cantou em mais de 60 igrejas católicas do Estado. Há um ano aliou sua oratória, e também a composição própria de algumas músicas, ao som do teclado. “Eu como jovem, quero passar esse exemplo aos da minha idade, de que seguir o exemplo de Jesus é o melhor caminho”, disse o missionário, que afirma ter sido influenciado pelos avós Tertuliano e Áurea Medeiros.

Também com trabalho musical e religioso em São José do Campestre, Gonzaga Marcelino, 51, se dizia “cantor do mundo”, mas há quatro anos transformou os temas de suas composições em “hinos inspirados em Deus” e voltou-se para a igreja evangélica Esmirna. Trocou o palco dos clubes pelos altares das igrejas.

Marcelino também gravou um CD independente, com composições próprias. Vendeu 200 exemplares. As músicas ele compõe durante as horas de folga do trabalho no funcionalismo público do município. Antigo vigilante, “viciado em bebida e fumo”, o músico afirma enfático: “Mudei minha vida quando abri as portas para Jesus entrar”. Casado, pai de quatro filhos, Marcelino diz que já tem músicas suficientes para um novo CD, que deve ser lançado brevemente.



Marcos, jovem missionário, já vendeu sete mil CDs



Marcelino prepara um novo CD

A nordestinidade de Sampaio e Oziel

José Antônio Honório é nome que poucos conhecem em São José do Campestre. Mas, quando se fala em Sampaio Mix, o Potiguar dos Teclados, a coisa muda de figura. O cantor e compositor de xotes e forrós passou 15 anos em São Paulo, onde gravou CD independente, com 7 músicas próprias, já com mil cópias vendidas. No currículo de Sampaio Mix, 39, mais de 20 anos de estrada e shows em clubes os mais variados. Em um deles, o forrozeiro abriu o show do cantor Frank Aguiar.

Oziel Santos, 38, também tem longa estrada. Também nascido nas terras campestrenses, chegou a tocar com Carlos Alexandre, cantor daquelas redondezas, autor da famosa canção “Feiticeira”, que tornou-se famosa no Nordeste. Também compositor, Oziel Santos é cadastrado como músico pela Capitania das Artes. Os dois CD’s independentes que gravou já venderam 1.200 cópias. Sua música, que carrega a cultura nordestina como tema, segundo afirma, já se espalhou por diversos municípios potiguares. 🎸



Sampaio Mix rodou o Brasil e aportou em Campestre



Oziel tocou com Carlos Alexandre

Livros

Carlos Magno Araújo

carlos_magno_araujo@yahoo.com.br



Professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira, na UnP, e doutoranda em Literatura Comparada, na UFRN, a caicoense Ana de Santana acaba de estreitar em livro. Publicou “Danaides – Inventário de Sonhos” e vem sendo saudada como revelação. Na mitologia grega, explica a poeta Carmen Vasconcelos, na orelha do livro, 49 das 50 danaides, filhas do Rei Dânao, por fidelidade ao pai, assassinaram seus maridos na noite de núpcias. Por isso, foram condenadas pelo resto dos dias a encher de água vasos cheios de furos.

Quando e como você se descobriu poeta?

Meu refúgio, desde menina, sempre foi a escrita. Mas só acreditei que escrevo com poesia depois que Ilza Matias me disse.

De que é feito um poeta?

De emoção pensada ou, por outra, de razão sensível.

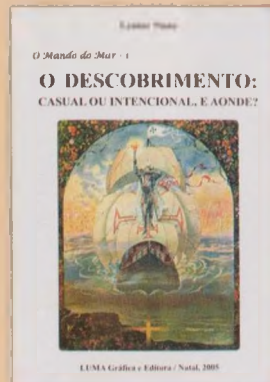
Qual o segredo de Caicó para produzir tantos poetas e artistas?

Não sei. Seria a mistura entre calor e fé



POESIA

“Vigarista de Sentimentos” é o livro de poesias lançado por Suerda Medeiros. É de formato gráfico totalmente inovador. Tem cara e forma de revista e a maioria dos poemas vem com ilustração. O projeto gráfico é de Carlos Linhares, irmão da autora. Os poemas, em geral, falam de si e do amor. A coluna destaca “Capítulo Vinte e Um (Marcas do Tempo)” com os seguintes versos: Sou freira/Sem convento/Mas,Invento/Mil maneiras/De manter/O hábito.



LENINE

Em duas plaquetes lançadas recentemente, o escritor Lenine Pinto voltou a abordar dois temas que lhe são muito caros: a primeira chama-se “II Guerra Mundial – O Teatro de Operações do Atlântico Sul”, e aborda a aliança Brasil e EUA do ponto de vista da Marinha, representados pela Marinha do Brasil e a US Navy. A segunda plaquete é “O Descobrimento: Casual ou Internacional, e Aonde?”

CINEMA

Lançado há pouco tempo pela editora Planeta, “Cabo Josino Viloso”, do escritor sergipano Francisco J.C. Dantas vai virar filme. O autor já fechou contrato para um longa-metragem com André Klotzel. O livro é uma visão bem-humorada de uma cidadezinha do interior nordestino e de um cabo de polícia que vira delegado e faz um esforço enorme para ser respeitado.

Autor de "Pequenas Catástrofes", lançado nacionalmente pela Rocco, o professor e filósofo potiguar Pablo Capistrano vai colhendo os frutos de seu primeiro romance, em que mistura várias das suas influências, de Jack Kerouac a Paulo Leminski, passando pelas histórias em quadrinhos e pelo rock dos anos 80

Qual tem sido a receptividade de seu livro fora do RN?

O livro teve uma boa recepção, conseguimos espaço em alguns jornais como o Diário de Pernambuco e o Diário do Nordeste, do Ceará. Também uma entrevista de página inteira no Caderno G, da Gazeta do Povo, de Curitiba. Fui à Bienal do Rio e participei do Café Literário com o Marco Luchesi e o Luciano Pires e participei do Programa Leituras, na TV Senado. Para um autor desconhecido dos grandes centros acredito que foi um bom começo.

Ter sido lançado por uma editora com distribuição nacional abre mesmo tantas portas como se imagina?

Algumas. Mas não é como muita gente imagina. Essas editoras tem um time muito grande de nomes para trabalhar. A Rocco tem muita gente de peso, como Clarice Lispector, Tom Wolfe, Nicky Hornby e Afonso Romano de Sant'Anna; então você tem que trilhar um longo caminho para encontrar seu espaço no meio de tantos nomes consagrados.



É possível ainda ser universal falando a partir de sua própria aldeia?

Se você não sacraliza a própria aldeia, se você consegue manter a aldeia como um pano de fundo para discutir questões universais, então você pode tocar as pessoas em qualquer lugar do mundo. O problema é que alguns escritores não conseguem encontrar no meio do particular esse fio de universalidade, então se tornam apenas exóticos. ■

PALMYRA

A jornalista Anna Maria Cascudo Barreto reuniu depoimentos, textos, recortes de jornal e fotografias antigas e lançou "Neblina na Vidraça: lembrando Palmyra Wanderley", uma homenagem a poeta, jornalista e feminista natalense, autora de "Roseira Brava" e uma das fundadoras da revista "Via-Láctea", que circulou entre 1914 e 1915 e era editada somente por mulheres, um assombro para a época.

GLOBAL

Natal é inesquecível para o jornalista e escritor Pedro Bial. A última vez que ele veio à cidade foi em 1999, para cobrir o "Auto de Natal", dirigido por seu amigo, Amir Haddad. "É uma cidade linda; não esqueço deste "Auto" porque quando fui cobrir estava começando o namoro com minha mulher, Isabel Diegues, que levei comigo para Natal", disse ele à coluna durante a 5ª Bienal do Livro de Pernambuco.

PS.

▶▶▶▶ Com a entrevista exclusiva de Ariano Suassuna, a Preá dá um presente de natal antecipado aos seus leitores. Considerado por muitos como o mais importante escritor brasileiro vivo, Ariano ocupou nos últimos anos, com vigor e intrepidez, o espaço público para defender suas idéias. Algumas delas polêmicas. Outras nem tanto. Mas que levam algumas pessoas a um maniqueísmo estéril e redutor, como é próprio de todo maniqueísmo. E é esse maniqueísmo que impede uma apreciação menos emocional do pensamento do escritor. Quando a verdade - se é que existe uma - pode muito estar entre os dois extremos. Não foi fácil conseguir a entrevista, que deveria ter saído no número anterior da Preá. Apesar da idade avançada, Ariano cumpre uma agenda puxada e ainda está às voltas com a edição do seu novo livro.

▶▶▶▶ O mérito da entrevista é todo de François Silvestre que teve a idéia e, acompanhado de Racine Santos, foi até à casa do escritor, em agosto, fazer o convite. Confesso que acalentava o sonho de ter Ariano na Preá, mas não acreditava que pudesse acontecer, por saber que ele é muito ocupado e assediado de forma insana pela imprensa e leitores do mundo todo. Faltava também quem fizesse uma ponte com o escritor. Por isso, eu já tinha entregado os pontos e não acreditei muito na empreitada de François e

Racine. Que acabou dando certo, para deleite de todos nós.

▶▶▶▶ Devido à exaustiva agenda de Ariano, a entrevista foi remarcada e depois entrou numa fase de indefinição e espera, o que causou um certo abatimento em todos nós, que estávamos contando com ela. Só por isso, nem eu e nem François - com compromissos inadiáveis e importantes em Natal - pudemos ir a Recife para a entrevista. François ainda mandou algumas perguntas por Gustavo, entre as quais as que remetem à ligação do escritor com o Rio Grande do Norte.

▶▶▶▶ De Ariano, guardo lembranças muito boas. De uma aula-espetáculo a que assisti na UFRN e de uma vez em que dei uma carona a ele e ao poeta cearense Virgílio Maia, do Palácio da Cultura a um hotel na Via Costeira, em pleno meio-dia, num Corsa estropiado e sem ar-condicionado. Virgílio no banco da frente e Ariano, muito alto, meio curvado, no banco de trás. Conversa maravilhosa a dos dois escritores e eu desejando que o hotel estivesse a uns 200 quilômetros de distância para poder desfrutar ainda mais do encontro.

▶▶▶▶ Não é natal, mas a Preá já entrou no clima. A publicação do texto sobre "Um Presente de Natal", acompanhado das belíssimas fotos de Ivanísio Ramos, é uma prova incontestada disso. Aliás, em termos de fotos, não temos do que nos queixar nesta edição. O ensaio sobre o Parque das Dunas não me deixa mentir. Uma coisa curiosa sobre este ensaio. Fiz a escolha das fotos sem saber quem eram os fotógrafos. Somente dias depois recebi a lista que revelava os autores das fotos. Analisando isso depois, achei legal, porque só assim evita (pelo menos, em tese) que algum fotógrafo que aparece

com pouca ou nenhuma foto, venha me cobrar uma participação maior.

▶▶▶▶ Como fazemos todos os anos, abrimos espaço para o ganhador do Prêmio de Poesia Luís Carlos Guimarães, promovido pela Fundação José Augusto. É um compromisso nosso contemplar o ganhador. Nesta edição, figura a poesia de Lívio Alves, vencedor do concurso em 2004.

▶▶▶▶ Por uma feliz coincidência, a Preá publica nesta edição uma reportagem sobre o escritor Alex Nascimento, escrita por Gustavo Porpino, e uma outra escrita por Ugo Leite, que vem a ser filho de Alex. Ugo é estudante de jornalismo, foi meu estagiário e me apareceu já nos dias de fechamento final da revista, com o texto e as fotos que fez. Pela qualidade, do texto e das fotos, não tive como não arranjar um espaço para a publicação.

▶▶▶▶ Poeta escrevendo sobre poeta é outra coisa. É nesse contexto que deve ser apreciado o texto do poeta e músico Manoel de Azevedo sobre o também poeta Othoniel Menezes. O texto resgata um pouco da importância de Othoniel para a literatura potiguar.

▶▶▶▶ A ficção comparece nesta edição com contos de Chico Preá e Marcos Ferreira, ambos do alto Oeste Potiguar. Chico Preá tem alguns livros publicados e conceito firmado entre seus pares. Marcos Ferreira, também jornalista, está com um livro de contos no prelo, que aguardamos com grande expectativa. Não temos dúvidas de que virá um grande livro.

▶▶▶▶ É isso aí. Como a próxima edição só sairá no final de dezembro, desejo a todos vocês, em nome da equipe da Preá, um Feliz Natal e um ano-novo maravilhoso.

Até a próxima!

Facilo Costa

A sua arte em mãos de verdadeiros Arquitetos de cores.





7º Feira de Sebos de Natal

28 de novembro a 1º de dezembro na Praça André de Albuquerque

*Realização: Assepo - Associação dos Sebistas Potiguaras
Apoio: Fundação José Augusto, Fundação Capitania das Artes e Sebrae*